

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO

EGAR PREIS JUNIOR

TURISMO ÉTNICO E SUAS IMPLICAÇÕES: POLÍTICAS PÚBLICAS E
TERRITORIALIDADES EM NOVA VENEZA - SC (1991 - 2021)

CRICIÚMA - SC
2022

EGAR PREIS JUNIOR

**TURISMO ÉTNICO E SUAS IMPLICAÇÕES: POLÍTICAS PÚBLICAS E
TERRITORIALIDADES EM NOVA VENEZA - SC (1991 - 2021)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Zanelatto
Coorientador: Prof. Dr. Dimas de Oliveira
Estevam

CRICIÚMA - SC

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P924t Preis Junior, Egar.

Turismo étnico e suas implicações : políticas públicas e territorialidades em Nova Veneza - SC (1991 - 2021) / Egar Preis Junior. - 2022.
148 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2022.
Orientação: João Henrique Zanelatto.
Coorientação: Dimas de Oliveira Estevam.

1. Turismo regional - Nova Veneza (SC). 2. Turismo e gastronomia - Nova Veneza (SC). 3. Turismo sustentável - Nova Veneza (SC). 4. Turismo étnico. 5. Políticas públicas. I. Título.

CDD 23. ed. 338.4791

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

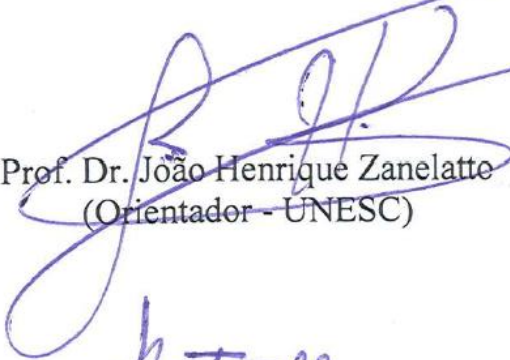
EGAR PREIS JUNIOR

TURISMO ÉTNICO E SUAS IMPLICAÇÕES: POLÍTICAS PÚBLICAS E TERRITORIALIDADES EM NOVA VENEZA - SC (1991 - 2021)

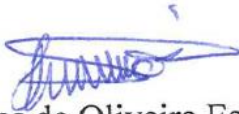
Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 08 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



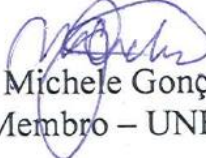
Prof. Dr. João Henrique Zanelatto
(Orientador - UNESC)



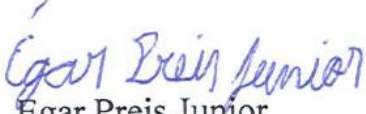
Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam
(Coorientador - UNESC)



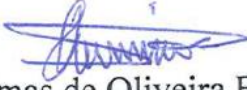
Profa. Dra. Daniela Pistorello
(Membro – UNIVILLE)



Profa. Dra. Michele Gonçalves Cardoso
(Membro – UNESC)



Egar Preis Junior
Mestrando



Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam
Coordenador Adjunto do PPGDS - UNESC

Dedico este trabalho à Tainá, Flora, Téo e
Tunica.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui registrados meus agradecimentos a todos que contribuíram para minha formação enquanto pessoa, possibilitando que eu pudesse construir este estudo. Agradeço a minha mãe, Maira Andrea Euzébio, pela vida, a criação, o carinho, o amor e a educação que me proporcionou ter as competências necessárias para minha construção. Minha irmã, Izabelli Euzebio Preis, pelo companheirismo ao longo de todas as fases da minha vida. Agradeço a minha companheira da vida, Tainá Agostinho Cardoso, com a qual tenho o privilégio de compartilhar todos os meus dias, ajudando-me nos tempos difíceis e construindo meus momentos de felicidade, sem a qual não estaria passando por esta conquista.

Agradeço também a todos os meus amigos, mas em especial aqueles que conquistei em minha graduação e que me acompanham em todos os momentos. Muito obrigado por todas as reuniões, debates, carinho e o afeto que tornam a vida melhor: Arthur Paulo Videira, Elizandro Cardoso de Andrade, Marcos Guerreiro e Nathália Pereira Cabral. Da mesma forma, agradeço aos meus animais de estimação, pela felicidade que trouxeram em meio às várias turbulências enfrentadas enquanto foi produzido este trabalho: Flora, Téo e Tunica.

Por fim, agradeço a todos os professores do PPGDS que me ajudaram a produzir esta dissertação, assim como a todos os professores do curso de história da UNESC, que despertaram em mim o interesse em continuar minha trajetória científica. Destes, em especial, deixo registrada minha gratidão à professora Michele Gonçalves Cardoso, por ter me introduzido na iniciação científica, assim como nos debates sobre etnicidade. Agradeço também ao meu professor orientador João Henrique Zanelatto, pela oportunidade, a atenção e a paciência durante a elaboração deste estudo.

“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une.”

Milton Santos

RESUMO

Em Nova Veneza - SC, a partir do século XXI, utilizando-se da etnicidade italiana atrelada à colonização europeia em seu território, o turismo tornou-se uma atividade emergente. Neste contexto, a sede municipal passou por diversas intervenções urbanísticas comandadas pelo poder público, entre estas destacam-se a introdução da gôndola Lucile na praça central Humberto Bortoluzzi, a construção de uma rua coberta e uma passarela anexada a ponte localizada sobre o rio Mãe Luzia, intitulada Ponte dei Morosi. Todos estes novos atrativos, foram acompanhados pela busca em cimentar a imagem de Nova Veneza, como sendo a capital da gastronomia típica italiana no Brasil, objetivo alcançado pelo Projeto de Lei 2.042/2015, aprovado em 2017. Diante disso, o setor gastronômico e hoteleiro se ampliou, principalmente nos entornos dos principais atrativos da cidade, caracterizando uma grande concentração de empreendimentos em uma pequena fração do território. Estas mudanças supervalorizam a região central, em detrimento dos demais bairros e distritos, fazendo surgir a problemática: como ocorreu o processo de turistização da italianidade em Nova Veneza, bem como, de que forma as políticas voltadas para o turismo, dialogam com os posicionamentos da população local nas consultas para a revisão do plano diretor municipal? O presente estudo objetiva de maneira mais ampla, estabelecer uma análise sobre a implementação da atividade turística no Município de Nova Veneza a partir de questões étnico-identitárias, para compreender de que forma o setor tem contribuído para o desenvolvimento socioeconômico de sua população. Alguns autores nos ajudam discutir sobre os conceitos chave inerentes à temática, destacando-se: as tradições inventadas, de Eric Hobsbawm (2018); as etnicidades de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998); as identidades pós-modernas, em Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (2001; 2005); o Turismo a partir de Mário Carlos Beni (1990) e Margarita Barretto (2007); assim como, a dinâmica dos territórios em meio a políticas neoliberais, David Harvey (2008), Milton Santos (1994) e Cassia Cruz (2000). Dialoga-se à revisão da bibliografia a análise das fontes, entre as quais estão o uso das falas de figuras ligadas ao turismo em Nova Veneza, os documentos que norteiam as ações turísticas a nível nacional e local, a consulta de notícias e materiais produzidos sobre o turismo no Município, bem como as opiniões dos moradores nas consultas públicas realizadas para a revisão do Plano Diretor, ocorridas em 2021. Foi possível constatar que a etnicidade exposta no turismo em Nova Veneza segue um padrão das cidades étnicas turísticas contemporâneas, que diante da entrada massiva de descentralização administrativas nas políticas do turismo, encontram nas identidades étnicas uma fonte para que grupos específicos comercializarem um produto, assim como nos demais setores da economia. Ficando a cargo do poder público, apenas o papel de angariar constantes novos atrativos, como forma de promover a entrada de novos clientes, sem haver a preocupação com planejamentos a longo prazo. Desta forma, o centro da cidade se caracteriza atualmente como uma "Ilha Turística", descrita por Maria Bernardete Flores (1997), constatação esta que foi fortemente levantada pelos próprios moradores na consulta pública. No entanto, a partir de 2021, diante dos impactos sofridos pelo setor durante a pandemia de covid-19, os discursos a nível municipal ensaiaram novos rumos, com a busca pela profissionalização dos agentes envolvidos com o setor e pela espacialização da atividade, conferindo aos moradores locais a importante tarefa de acompanharem de perto o processo, para que busquem espaço de protagonismo sobre a representação de sua etnicidade e do próprio turismo realizado.

Palavras-chave: Identidade Étnica. Turismo. Políticas Públicas. Nova Veneza.

ABSTRACT

In Nova Veneza - SC, from the 21st century, using the Italian ethnicity linked to European colonization in its territory, tourism has become an emerging activity. In this context, the municipal headquarters underwent several urban interventions commanded by the government, among which we highlight the introduction of the Lucile gondola in the central square Humberto Bortoluzzi, the construction of a covered street, and a walkway attached to the bridge located over the Mãe Luzia river. , entitled Ponte dei Morosi. All these new attractions were accompanied by the quest to cement the image of Nova Veneza, as the capital of typical Italian cuisine in Brazil, an objective achieved by Bill 2042/2015, approved in 2017. Because of this, the gastronomic and hotel sector expanded, mainly in the surroundings of the main attractions of the city, featuring a large concentration of enterprises in a small fraction of the territory. These changes overvalue the central region, to the detriment of other neighborhoods and districts, raising the problem: how did the touristization process of Italianate in Nova Veneza, as well as, in what way do policies aimed at tourism dialogue with the positions of the local population in consultations for the review of the municipal master plan? The present study aims more broadly, to establish an analysis of the implementation of tourist activity in the Municipality of Nova Veneza from ethnic-identity issues, and to understand how the sector has contributed to the socio-economic development of its population. Some authors help us to discuss the key concepts inherent to the theme, highlighting: the invented traditions, by Eric Hobsbawm (2018); the ethnicities of Philippe Poutignat and Jocelyne Streiff-Fenart (1998); postmodern identities, in Stuart Hall (2006), and Zygmunt Bauman (2001; 2005); Tourism based on Mário Carlos Beni (1990) and Margarita Barretto (2007); as well as the dynamics of territories amid neoliberal policies, David Harvey (2008), Milton Santos (1994) and Cassia Cruz (2000). The analysis of the sources is dialogued with the review of the bibliography, among which are the use of the speeches of figures linked to tourism in Nova Veneza, the documents that guide tourist actions at national and local levels, the consultation of news and materials produced about tourism in the Municipality, as well as the opinions of residents in the public consultations held for the revision of the Master Plan, which took place in 2021. It was possible to verify that the ethnicity exposed in tourism in Nova Veneza follows a pattern of contemporary ethnic touristic cities, which, faced with the massive entry of administrative decentralization in tourism policies, find in ethnic identities a source for specific groups to market a product, as well as in other sectors of the economy. Leaving the public authorities in charge, only the role of attracting constant new attractions, as a way of promoting the entry of new customers, without having to worry about long-term planning. In this way, the city center is currently characterized as a "Tourist Island", described by Maria Bernardete Flores (1997), a finding that was strongly raised by the residents themselves in the public consultation. However, from 2021, given the impacts suffered by the sector during the covid-19 pandemic, discourses at the municipal level rehearsed new directions, with the search for the professionalization of the agents involved with the sector and for the spatialization of the activity. Giving residents the important task of closely monitoring the process, so that they seek a space for protagonism over the representation of their ethnicity and tourism itself.

Keywords: Identity Ethnical. Tourism. Public policy. Nova Veneza.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nova Veneza no mapa de Santa Catarina	12
Figura 2 - Nova Veneza na região da AMREC	12
Figura 3 - Gôndola Lucille, em um lago artificial no centro de Nova Veneza	52
Figura 4 - Fotografia aérea da praça central Humberto Bortoluzzi	55
Figura 5 - Casarões da família Bortoluzzi	56
Figura 6 - Recortes do vídeo que apresenta o canal que será construído para a navegação da nova Gôndola	58
Figura 7 - Mapa das Regiões Turísticas de Santa Catarina em 2019	79
Figura 8 - Mapa de Nova Veneza com as seis regiões divididas pelo CINCATARINA para a coleta de dados	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AENOVE	Associação Empresarial de Nova Veneza
ANET	Associação Neoveneziana de Turismo
COMTUR	Conselho Municipal de Turismo
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
IGRs	Instâncias de Governança Regional
IHGSC	Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
PDIL	Plano Estadual de Cultura e Turismo
PLANTUR	Plano Nacional do Turismo
PNMT	Plano Nacional de Municipalização do Turismo
PRT	Programa de Regionalização do Turismo
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SISTUR	Sistema de turismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A (RE)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES E A PROMOÇÃO DO TURISMO ÉTNICO EM NOVA VENEZA - SC	27
2.1 HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE NOVA VENEZA - SC.....	31
2.2 JUSTIFICATIVAS PARA O “RESGATE” DA IDENTIDADE ÉTNICA	41
2.3 O PÓS-CENTENÁRIO E SEUS DISCURSOS ÉTNICOS	46
3 O TURISMO EM NOVA VENEZA ANTE AS POLÍTICAS PÚBLICAS	61
3.1 BREVE HISTÓRICO DAS POLÍTICAS DO TURISMO NO BRASIL	62
3.2 TERRITÓRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS DO TURISMO NO BRASIL	67
3.3 O PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO E O TURISMO EM NOVA VENEZA - SC	77
4 DO TURISMO PRATICADO AO PLANEJAMENTO PÚBLICO: POSSÍVEIS CAMINHOS PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL	84
4.1 O PLANEJAMENTO PÚBLICO PARA O TURISMO E SUA IMPORTÂNCIA COMO PROMOTOR DA SUSTENTABILIDADE TERRITORIAL EM NOVA VENEZA - SC.	86
4.2 METODOLOGIA DO PLANO DIRETOR DE NOVA VENEZA.....	104
4.3 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADES EM PERSPECTIVA: POSSIBILIDADES PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL	109
5 CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS.....	132

1 INTRODUÇÃO

Nova Veneza é um município localizado no sul do Estado de Santa Catarina, que possui um território de 293,5 km², com uma população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 15.166 habitantes. Pertencente à região da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), faz fronteira com as cidades de Siderópolis, Criciúma, Forquilha, Meleiro, Morro Grande e, a oeste, com a encosta da Serra Geral, que corresponde a São José dos Ausentes, no Estado do Rio Grande do Sul.

Figura 1 - Nova Veneza no mapa de Santa Catarina



Fonte: site do IBGE.¹

Figura 2 - Nova Veneza na região da AMREC



Fonte: site da AMREC.²

¹ CIDADES e Estados: Nova Veneza - SC. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/nova-veneza.html> Acesso em: 10 jan. 2022.

² IBGE divulga as estimativas da população dos municípios para 2019. **Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC)**, 29 ago. 2019. Notícias. Disponível em: <https://www.amrec.com.br/noticias/index/ver/codNoticia/571993/codMapaltem/42508> Acesso em: 10 jan. 2022.

Assim como os demais municípios da região sul catarinense, a localidade tem sua história marcada por ser uma colônia europeia instalada no final do século XIX que, neste caso específico, foi construída por sujeitos provenientes da região do Vêneto, na Itália, tendo iniciado o processo colonizador em 1891.

Aproveitando-se disso, a partir do início dos anos 2000, a Prefeitura de Nova Veneza, em parceria com setores privados ligados ao setor de serviços, passou a estimular o potencial turístico do Município, fundamentando-se na etnicidade das personagens que colonizaram o seu território. Desta forma, o poder público local passou a elaborar inúmeros investimentos e a repaginação na região central da antiga colônia, em especial após a conquista do título de Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana em 2003, reconhecido através projeto de lei 15.670/11 do então Deputado Estadual Ronaldo Benedet. Entre as transformações e investimentos elaborados a partir de então, podemos destacar a criação da Festa da Gastronomia Típica Italiana em 2005; a instalação de uma gôndola doada pelo governo de Veneza da Itália, alocada na praça central Humberto Bortoluzzi em 2006; a implantação do Carnevale Di Venezia, desde 2007; assim como a cobertura de parte da Rua Nicolau Pederneiras, em junho de 2019.

Neste contexto, a cidade tornou-se um polo turístico da região sul catarinense em um curto espaço de tempo. Com isso, as casas remanescentes do início do século XIX, possuidoras de característica italiana do período de colonização, transformaram-se em restaurantes, butiques de roupa, lojas de souvenirs e produtos coloniais. Por conseguinte, diante do esforço do poder local, conquistou-se o título de Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana no ano de 2017 através do Projeto de Lei 2.042/2015 da Deputada Federal Geovânia de Sá. Desta forma, o mercado turístico se expandiu para uma prática altamente lucrativa, especialmente para o setor de serviços, que passou a investir na ampliação de suas estruturas, especialmente na área gastronômica e hoteleira.

O fenômeno do turismo tem se apresentado nas últimas décadas como uma importante estratégia para o desenvolvimento em muitas cidades no Brasil e no mundo. No entanto, ao se debruçar sobre as produções científicas em torno da temática, o que se encontram são muitos estudos direcionados exclusivamente ao lucro conquistado por meio deste setor, ou às estratégias para aumentar a demanda de consumo, partindo de premissas estritamente ligadas às áreas da economia e

administração.

Certamente, definir o conceito de turismo não é a mais fácil das tarefas, pois além de existirem diversas modalidades, inúmeras são as interpretações possíveis de se aplicar a este conceito, onde cada campo do conhecimento agrega ao bojo geral com seus debates, entre os quais entram áreas de estudo como geografia, antropologia, sociologia, economia, história, entre outros. Embora tendo tardiamente adentrado nos campos das discussões acadêmicas, até por se tratar de um fenômeno pós-moderno, autores como Beni (1998) e Barreto (2007) nos permitem compreender melhor a amplitude deste termo em suas diferentes formas de abordagem.

De acordo com os estudos de Mário Carlos Beni, em sua obra *Análise Estrutural do Turismo*, no qual o autor se propõe a construir um quadro teórico para a inserção sustentável da atividade turística, são apontados uma série de elementos necessários, no qual, apenas diante da confluência harmônica de todos estes elementos, um território estaria alinhado para conseguir, através do turismo, alcançar o desenvolvimento socioeconômico. Nesse sentido, Beni classifica os seguintes elementos: “os recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos” (BENI, 1990, p. 16).

No entanto, boa parte dos estudos direcionados ao turismo, bem como os empreendedores que buscam investir no desenvolvimento do setor, voltam-se, de maneira geral, à busca por novos arranjos que tornem a atividade cada vez mais lucrativa, utilizando-se exclusivamente do modelo econômico de “turismo”, que além de predatório, por seguir lógica de qualquer outra atividade produtiva capitalista no mundo atual, exclui das discussões muitos dos participantes do fenômeno turístico. Sobre isso, Margarita Barreto, em sua obra intitulada *Cultura e Turismo*, aponta:

De acordo com o modelo econômico, os componentes do turismo são, de um lado, os turistas, os consumidores que constituem a demanda, e, de outro, os que criam atrações e as próprias atrações que compõem, juntamente com os prestadores de serviços, a oferta”. (BARRETO, 2007, posição 47)

Quando se foge de um ponto de vista estritamente comercial, percebe-se a grande cadeia que representa o Fenômeno Turístico, que atinge esferas da vida muito mais complexas do que as relações de mercado, como a oferta e a procura de bens e serviços. Por definição, Margarita Barretto (2007, posição 39) aponta que “basta dizer simplesmente que o turismo é um fenômeno social que atualmente abrange o mundo inteiro, do ponto de vista geográfico, e todos os grupos e camadas sociais.”

Em relação ao viés preponderantemente mercadológico reproduzido em obras que buscam analisar o turismo, abordando sua existência apenas como mais um setor produtivo da economia, Barreto é ainda mais enfática, ao apontar que “turismo é movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial” (2007, posição 4).

Quando adentramos nos aspectos sociais e culturais, inerente à atividade turística, é preciso destacar toda a cadeia de agentes que participam ou são influenciados por essa prática econômica direta ou indiretamente. Nesta seara, estão presentes, de forma geral: turistas, prestadores de serviço, trabalhadores do setor e a população local residente.

Aqueles que praticam o turismo, os turistas, estão relacionados, em primeiro lugar, com os prestadores de serviços, e essa inter-relação afeta de diversas maneiras os outros membros da sociedade que se relacionam com esses prestadores de serviços e, circunstancialmente, com os turistas; por sua vez, dessa inter-relação surgem novos dados que afetam de maneira diversa outro grupo ou outros grupos de pessoas. Ao mesmo tempo, os turistas relacionam-se com outros turistas e a qualidade dessa relação se reveste de características peculiares (BARRETO, 2007, posição 47)

A forma com que se estabelecem estas inter-relações entre os participantes deste fenômeno é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico em determinada região que busque incentivar a prática do turismo. Caso contrário, podem emergir problemas estruturais, como a exclusão da população local, a descaracterização das identidades, a precarização nas relações de trabalho, além do possível estabelecimento de grupos dominantes em representatividade política e econômica.

O interesse em abordar tal temática, remete à participação do pesquisador enquanto bolsista de Projeto de Iniciação Científica (PIC-170) ao longo da graduação, intitulado *Bela polenta così: a festa da gastronomia italiana de Nova Veneza/SC e a constituição de identidades*, como estagiário da professora Dra. Michele Gonçalves Cardoso, diante do qual pôde ser construído o Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Por trás das máscaras: a construção das representações étnicas em Nova Veneza – SC*, defendido no ano de 2017.

Faz-se importante destacar que nestes primeiros contatos com o objeto de pesquisa, no qual foi realizada entrevista semiestruturada com a então Secretária de Cultura e Turismo de Nova Veneza Susan Bortoluzzi Brogni, ficou evidente a

emergência da continuidade deste estudo, em grande parte devido à rapidez com que os investimentos e intervenções voltadas ao turismo são praticados na cidade, sendo que já na época (2017) ainda se esperava a aprovação do título de Capital Nacional da Gastronomia Italiana – que mais tarde foi conquistado – além de outros aspectos, como o comentário de um projeto para construção de uma Rua Coberta, tal qual a da Cidade de Gramado - RS, que foi concretizado no Município de Nova Veneza em 2019. Agregado a isso, o encaminhamento de novos projetos para um futuro segue em pleno progresso, a exemplo da busca recente pela construção de um canal na rua Nicolau Pederneiras, com a extensão de 400 metros, visando possibilitar o passeio de turistas em uma nova gôndola.

Diante do exposto, a partir de um estudo sobre as Identidades Étnicas e sua maleabilidade enquanto instrumento promotor do setor turístico em Nova Veneza, buscar-se-á compreender de que forma estes investimentos públicos supracitados têm reverberado enquanto promotores do desenvolvimento socioeconômico no território local, e se tais incrementos têm buscado construir um turismo sustentável no Município.

Neste ponto, vale destacar o sentido do termo “Turismo Sustentável”, que não deve ser confundido com a sustentabilidade enquanto sinônimo de preservação ambiental. Como aponta Mário Carlos Beni (2003), muito além de um ramo do turismo, o turismo sustentável se trata de uma estratégia de aplicação do setor, que não venha apenas a beneficiar o meio natural ou a economia, mas sim que reproduza um desenvolvimento equilibrado entre todas as áreas abarcadas na atividade turística. Para Beni:

[...] o Turismo Sustentável, portanto, em sua vasta e complexa abrangência, envolve: compreensão dos impactos turísticos; distribuição justa de custos e benefícios; geração de empregos locais diretos e indiretos; fomento de negócios lucrativos; injeção de capital com conseqüente diversificação da economia local; interação com todos os setores e segmentos da sociedade; desenvolvimento estratégico e logístico de modais de transporte; encorajamento ao uso produtivo de terras tidas como marginais (turismo no espaço rural); subvenções para os custos de conservação ambiental (BENI, 2003, p. 14)

A importância da aplicação de um Turismo Sustentável se torna ainda mais relevante quando relacionamos tal premissa à realidade local em Nova Veneza onde o produto turístico, em teoria, se trata da própria identidade étnica da população local, sendo este fomentado por políticas públicas. Com isso, agregar o cunho social,

cultural e ambiental presentes no Turismo Sustentável se torna tarefa vital na aplicação desta atividade econômica na cidade, em conformidade ao que aponta *A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, apresentada pela ONU (Organização das Nações Unidas) no ano de 2015, que apresenta em seu 8º objetivo, parágrafo três, a pertinência de “até 2030, elaborar e implementar políticas para promover o turismo sustentável, que gera empregos e promove a cultura e os produtos locais” (ONU, 2015).

Entretanto, muitas vezes o turismo acaba por se caracterizar no mundo contemporâneo, simplesmente como plataforma para a promoção econômica de grupos específicos devido à alta lucratividade do setor de serviços. Nesta perspectiva, segundo o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), no ano de 2018 a atividade turística representou para o Brasil cerca de 8,1% do PIB nacional, com um lucro de US 152,5 bilhões que, por sua vez, empregavam 6,9 milhões de pessoas³.

Vale ressaltar que tais dados, quando analisados de forma isolada, não necessariamente correspondem a uma maior distribuição de renda para o país – vista a realidade socioeconômica do Brasil atual – pois estes não explicitam a condição de trabalho dos sujeitos diretamente vinculados ao setor, ou mesmo a estabilidade destes em seus postos de trabalho. Quando nos atemos apenas ao aspecto econômico do turismo enquanto um mercado ou uma indústria, o olhar sobre o todo tende a se ofuscar, ressaltando apenas agentes específicos neste processo que, em geral, são os empreendedores, os investimentos públicos e a experiência dos turistas enquanto consumidores.

Por isso se faz importante trabalhar com a questão territorial presente no Fenômeno Turístico, onde podemos compreender a complexidade deste setor. Para além da oferta e procura por um produto, o turismo gera relações e inter-relações constantes entre a população receptora e o público consumidor. O caráter social do desenvolvimento é inseparável para compreendermos a relevância de políticas públicas e o seu possível sucesso no combate às desigualdades.

³ Informação retirada de Artigo publicado no site do Ministério do Turismo, em: MARTINS, André. Cresce a participação do Turismo no PIB nacional: Mercado de viagens já é responsável por mais de 8% da economia no Brasil e gera emprego para cerca de 7 milhões de trabalhadores. **Governo Federal:** Ministério do Turismo, 7 mar. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/cresce-a-participacao-do-turismo-no-pib-nacional> Acesso em: 16 mar. 2021.

O fenômeno do turismo se caracteriza por agentes múltiplos, que partem do poder público local, quando se alinha ao empresariado interessado em investimentos no setor. Mas no fim, esta cadeia segmenta-se na relação direta entre os moradores, os consumidores, os trabalhadores do setor e os múltiplos territórios que estão sendo compartilhados e reivindicados ao mesmo tempo. Para Fratucci, no turismo:

Cada um dos agentes sociais age e interage com os outros agentes sociais de maneira quase sempre aleatória, sazonal e diacrônica, o que nos impede de pensar o turismo como um sistema fechado ou completo. Entretanto, esse movimento entre os diversos agentes sociais sempre se dá em uma dimensão espacial específica, o que torna o espaço um dos pontos de partida para a compreensão de todo o processo de produção do turismo. (FRATUCCI, 2014, p. 93)

Para além do crescimento econômico setorial, devemos nos ater às reverberações dessas medidas nas demais escalas da vida, buscando compreender se esta atividade se organiza de forma harmônica com os outros domínios da sociedade. Quando não, o turismo pode vir a acarretar na gentrificação do território, tendo a população que se adaptar às transformações em detrimento dos interesses de grupos específicos. Neste sentido, vale lembrar que segundo as Diretrizes Nacionais do Ministério do Turismo: “[...] às políticas públicas de turismo, incluindo a segmentação do turismo, têm como função primordial a redução da pobreza e a inclusão social” (BRASIL, 2010, p. 9).

Diante da ampla demanda de interesses presentes no setor turístico, surge a problemática: como vem ocorrendo o processo de turistização da italianidade e de que forma as políticas e ações voltadas para o turismo dialogam com os posicionamentos da população local nas consultas públicas para a revisão do plano diretor em 2021?

Para incorrer sobre tal questionamento, o presente estudo objetiva, de maneira mais ampla, estabelecer uma análise sobre o incremento da atividade turística no Município de Nova Veneza a partir da invenção de tradições em prol do turismo étnico-cultural, assim como perceber os impactos que os investimentos no setor têm contribuído para o desenvolvimento socioeconômico da população local.

Neste intento, inicialmente destaca-se o processo de “resgate”⁴ da italianidade

⁴ Esclarece-se desde já, o significado que o termo “resgate” assume deste ponto em diante do texto. Diferente da entonação de “resgate histórico”, que erroneamente considera que seja possível reproduzir algo do passado no tempo presente de forma anacrônica. O “resgate” étnico que ocorreu em Nova Veneza foi construído e protagonizado pela imagem dos descendentes de italianos em relação aos seus antepassados. Desta forma, o termo “resgate” se apresenta como um olhar do

a partir do centenário da colonização em 1991 para, em seguida, levantar-se de que forma as políticas públicas municipais, estaduais e nacionais foram utilizadas para alavancar o projeto turístico em Nova Veneza. Por fim, diagnostica-se a percepção e as projeções sobre a inserção do turismo a partir dos apontamentos de moradores locais nas consultas públicas realizadas pela prefeitura para a revisão do Plano Diretor Municipal.

Em conformidade com estes objetivos, no primeiro capítulo serão analisadas as transformações na representação pública de uma suposta identidade local em Nova Veneza, a partir dos “resgates” da italianidade que ocorreram no centenário de Colonização do Município em 1991. Este configura-se como o ponto de partida de iniciativas que buscaram inculcar no imaginário coletivo local a imagem positiva da colonização, com o apelo étnico presente nos discursos, o que poderá ser explicitado através de análise da óptica da colonização presentes na perspectiva da historiografia local, em autores como Zulmar Hélio Bortolotto (1991), Nelma Baldin (1999) e Quinto Davide Baldessar (2005).

Estas obras representam em sua literatura, o uso da história para reafirmar uma etnicidade direcionada, ao passo que ditam e justificam iniciativas públicas no Município a partir da década de 1990. Isso ocorre, pelas obras supracitadas serem contemporâneas às ações como: construção de monumentos em homenagem às famílias colonizadoras; implantação de aulas de italiano na rede pública municipal de ensino; incentivo à criação de grupos artísticos ítalo-brasileiros, como corais e grupos de dança. Por isso, foram utilizadas como referências de como os discursos sobre a italianidade seriam engendrados a partir do centenário.

O “resgate” da italianidade local neste contexto, ao buscar na colonização italiana os traços necessários para reforçar a identidade local, demonstraram a maleabilidade que a etnicidade assume na contemporaneidade. Pois em detrimento de realçar a herança da miscigenação ítalo-brasileira, assume-se o discurso da ligação com a Itália. A partir disso, fronteiras passam a ser delimitadas através da posituação étnica italiana, pois como pontua Fredrik Barth (2011): “[...] grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no

presente para o passado, não se tratando de algo autêntico, mas de características étnicas minuciosamente selecionadas, podendo ser manipuladas e reformuladas por vezes de forma romântica e nostálgica sobre a italianidade local, o que poderá ser percebido no decorrer desta produção.

comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes" (p. 196).

No caso de Nova Veneza, estes pontos de demarcação de diferenças/fronteiras em relação à sociedade brasileira, a partir do Centenário e das transformações discursivas sobre a etnicidade local, repercutiram na construção de um pano de fundo para o incremento de atividades turísticas, à medida que se passou a incorporar constantemente novos "cabides étnicos", descritos por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998), como símbolos da identidade local emergente, a exemplo da "gastronomia típica italiana" e da construção de uma reprodução de Veneza, em um movimento ditado pelo poder público e privado em busca da inserção no turismo étnico-cultural.

A premissa que se estabeleceu em Nova Veneza em relação à sua própria cultura se apresenta como aquilo que Eric Hobsbawm (2018) descreve como "invenção das tradições" que, aliado às noções de fluidez das identidades pós-modernas presentes em Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (2001; 2005), representam na etnicidade do Município no presente um reflexo dos sujeitos contemporâneos, que buscam constantemente estar alinhados às rápidas transformações do mundo, muitas vezes ditadas pela economia neoliberal que, neste caso, transparece-se através do turismo.

Dentro do universo inscrito na primeira parte da análise, alguns autores que já produziram pesquisas na temática das cidades étnicas turísticas nos ajudam a compreender as dinâmicas deste meio, entre estes, destacam-se Maria Bernardete Ramos Flores (1997), que realizou um minucioso estudo em torno da etnicidade alemã, presentes em Blumenau e nos festejos da Oktoberfest. Segundo aponta a autora, ao descrever as cidades germânicas no Vale do Itajaí, assim é apresentada a cidade:

Tratar da arquitetura em Blumenau e nas cidades do Vale é, pois, enfrentar de alguma forma esta arte que se tornou referência obrigatória na interpretação da cultura contemporânea, a qual se manifesta como comunicação, tornando a própria cidade um discurso. É uma arquitetura que rompe com a ideia modernista, de despojamento, racionalidade e funcionalismo, e assume o desejo de ser sensível à tradição, à história, aos princípios estéticos, embora não se possa dizer que a consecução deste projeto seja desinteressado como fim em si mesma (FLORES, 1997, p. 73).

Para destacar o recorte mais local, tem-se a produção de Adiles Savoldi (2002), onde o autor acompanha através de entrevistas antropológicas o movimento de "resgate" da italianidade no sul catarinense durante a década de 1990. Como já

suscitado, este momento é de crucial importância na construção dos discursos étnicos que se sucederam em Nova Veneza. Ao analisar este movimento, o autor percebeu que a cultura inflamada pela etnia italiana naquele momento possuiu uma grande carga de intervenção do imaginário dos descendentes em relação a seus antepassados, ou seja, as próprias aspirações em se estimular a etnicidade local partiram mais da ideia do que é ser italiano no mundo do que ser um descendente de italianos em solo brasileiro (SAVOLDI, 2002).

Assim é conduzido o tom sobre as discussões em torno da italianidade local na construção da cidade turística, no qual a partir do arranjo entre a análise da historiografia local, aliado à fundamentação teórica e aos demais pesquisadores que já trabalharam com a temática, busca-se destacar o processo de invenção da tradição (italianidades) como caminho possível para exploração do turismo, explicitado no exemplo de Nova Veneza - SC.

No segundo capítulo serão analisadas as Políticas Públicas do turismo em âmbito Nacional, Estadual e Municipal, partindo de uma breve contextualização histórica sobre o turismo brasileiro durante o século XX para abordar mais especificamente a estruturação territorial do turismo no Brasil a partir da década de 1990, em um contexto onde as principais estratégias do governo giraram em torno, primeiramente, do PMNT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo, de 1994 até 2001), até estabelecer-se o PRT (Programa de Regionalização do Turismo, lançado em 2004).

Pelo fato de tais políticas acompanharem o movimento de descentralização administrativa e econômica do Estado brasileiro, estas ações serão analisadas a partir do aporte conceitual de Turismo, Território e Neoliberalismo. Para embasar o requisito Turismo e Políticas Públicas, serão utilizados autores como Mário Carlos Beni (1990), com sua perspectiva estrutural sobre os sistemas de turismo, aliado a Margarita Barretto (2007), que faz uma discussão sociológica/antropológica sobre o turismo ao trazer para o debate a questão cultural em relação a interseção das trocas simbólicas que se estabelecem entre os diferentes sujeitos envolvidos nesta atividade.

Sobre a questão territorial refletida nas políticas públicas do setor, Rita de Cassia Cruz (2000) aponta a importância deste elemento enquanto diferenciador do turismo em comparação às outras atividades produtivas:

Diversas particularidades caracterizam a relação turismo-território, no que

concerne à produção e ao consumo de territórios pelo turismo. Uma destas especificidades diz respeito ao fato de o principal objeto de consumo do turismo ser o espaço, entendido como o conjunto indissociável de objetos e de ações, de fixos e de fluxos. Nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante da diferenciação entre turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos. (CRUZ, 2000, p. 17).

Essa intrínseca relação, embora também repercuta em Nova Veneza, é influenciada pelas dinâmicas dos territórios globais na contemporaneidade, que também reverberam nas políticas públicas direcionadas ao setor. Estas ações carregam em si muito da estruturação estatal pós virada neoliberal, que se encontra presente nos estudos de David Harvey (2008) e Milton Santos (1994). Segundo Carlos Brandão (2012), diante dos discursos propostos pelas políticas públicas nacionais sobre o turismo, as estratégias que primeiro objetivaram a municipalização e depois a Regionalização se apresentam como consequências de uma "endogenia exagerada", própria da política econômica mundial, aplicadas no contexto dos países em desenvolvimento:

Essa "endogenia exagerada" das localidades crê piamente na capacidade das vontades e iniciativas dos atores de uma comunidade empreendedora e solidária, que tem controle sobre o seu destino e procura promover sua governança virtuosa lugareira. Classes sociais, oligopolios, hegemonia e etc, seriam componentes, forças e características de um passado totalmente superado, ou a ser superado. (BRANDÃO, 2012, p. 38)

Outros autores também serão utilizados para dimensionar os debates sobre políticas públicas do turismo no Brasil, como Cíntia Möller Araújo e Gisela Taschner (2012), que constroem um histórico geral sobre as iniciativas públicas direcionadas ao setor desde a década de 1960, assim como Aguinaldo Cesar Frattucci (2008), que auxilia em sua produção ao buscar, do ponto de vista territorial, explicar as políticas do turismo.

Finalizando este segundo capítulo, no rastreio por elementos que relacionem a participação do poder público de Nova Veneza nas políticas públicas supracitadas, dois caminhos serão realizados, sendo estes: a pesquisa em sites oficiais do Estado de Santa Catarina e do próprio Município à procura de alinhamentos com as políticas nacionais; assim como, o diálogo com produções já realizadas sobre o turismo em Nova Veneza e a legislação vigente sobre o tema em Santa Catarina, com destaque para trabalhos como os de Christian Emanuel Frederico Serafim (2017) que, em sua avaliação sobre o desenvolvimento integrado do turismo em local, constatou uma

positiva cooperação entre o empresariado local e as lideranças políticas do setor. Entretanto, assinalou a necessidade de maior diversificação da atividade no Município, bem como a ausência de políticas nacionais, e a urgência de um planejamento a nível regional (SERAFIM, 2017).

Outra importante produção para tratar a questão das políticas do turismo, neste caso, a nível de Santa Catarina, encontra-se em Icaro Coriolano Honorio e Isa de Oliveira Rocha (2020) ao salientarem a importância de uma integração entre as esferas públicas para a promoção de um turismo mais planejado em Santa Catarina, para isso, sendo de fundamental importância, a busca pelo protagonismo das comunidades receptoras como estratégia para alcançar a justiça social (HONÓRIO; ROCHA, 2020).

No terceiro e último capítulo, o presente estudo será direcionado a compreender as problemáticas e potencialidades na atual realidade em que se insere o turismo de Nova Veneza, do ponto de vista organizacional, considerando a importância de planejamentos bem articulados em relação às políticas do turismo com referencial Michael Hall (2001), e na perspectiva dos moradores locais.

Para isso, são traçados paralelos entre a forma com que o setor se consagrou na cidade a partir de um ponto de vista mercadológico, tendo como principal objetivo produzir em série novos atrativos para atender à pressão estética do mercado de consumo no setor de serviços em comparação a cidades turísticas que tomaram o mesmo caminho, a exemplo da cidade de Gramado - RS que, como aponta Franciele Berti, embora seja um dos maiores destinos turísticos no sul do Brasil, teve como consequência da massificação de atrativos em uma região específica da cidade o encarecimento do custo de vida e o enriquecimento de grupos específicos, como imobiliárias e empresários ligados ao turismo, levando a população local ao processo de gentrificação (2018).

Diante dos investimentos públicos em novos pontos turísticos na área central da cidade de Nova Veneza, cada vez mais esta região específica se concretiza como uma “ilha turística” (FLORES, 1997), concentrando a imensa maioria da estruturação do setor em um pequeno recorte territorial. Em consequência, tal característica induz à alta concentração de turistas na cidade apenas aos finais de semana e datas comemorativas, em parte como reflexo da ineficiência da estruturação turística em conseguir fazer com que o público consumidor permaneça por mais tempo em seu

território.

A limitação do fluxo turístico apenas a esses dias acaba por atingir em cheio os trabalhadores do turismo gastronômico no Município, como garçons, camareiras e *barmen*, que se inserem na realidade exploratória do trabalho temporário ou de meio período como consequência das relações trabalhistas no atual estágio do capitalismo, em uma realidade assim descrita por Ricardo Antunes (2006):

Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador “polivalente e multifuncional” da era informacional, capaz de operar com máquinas com controle numérico e de, por vezes, exercitar com mais intensidade sua dimensão mais intelectual. E, de outro lado, há uma massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação, que hoje está presenciando as formas de *part-time*, emprego temporário, parcial, ou então vivenciando o desemprego estrutural. (ANTUNES, 2006, p. 184)

Tal contexto inerente aos demais setores da economia global reverbera especialmente no setor de serviços, construindo o tipo de relação trabalhista que podemos denominar de trabalho precarizado (ANTUNES, 2006), em que a instabilidade financeira se reproduz, especialmente em tempos de crise, como no caso da pandemia de Covid-19, que deixou muitos trabalhadores do setor de serviços sem carteira de trabalho assinada, desamparados durante este período.

Diante de tais explanações, finaliza-se a construção do texto, exprimindo como se estabelecem as relações em torno do programa turístico na cidade para, assim, propor possíveis apontamentos sobre os rumos desta atividade em Nova Veneza, priorizando a concretização de um turismo sustentável, que beneficie em maior grau à população local, que quando não sobrevive do trabalho neste setor produtivo da economia, é interpelada cotidianamente por sua reprodução nos espaços públicos de convivência e sociabilidade.

Neste íterim, são considerados autores como: Marcos Rossi Da Costa (2015), em seu estudo sobre o posicionamento mercadológico do setor gastronômico na cidade; Maristela Scarabelot (2012), ao trabalhar com as cadeias agroalimentares curtas e sua importância como aliados da agricultura familiar por facilitar a inserção de pequenos agricultores rurais ao setor turístico; Maria Laura Romagna Gonçalves (2018), ao abordar o cicloturismo como estratégia de diversificação territorial do turismo no município; assim como Adriele de Souza Baranoski (2020), que tratou em sua pesquisa sobre o Patrimônio Industrial e o saber fazer de ferreiros e carpinteiros, esquecidos enquanto espaços de memória da história local devido à escolha estética

do turismo em Nova Veneza.

Nos ajudam, junto das sugestões de moradores locais durante a realização da consulta pública para a revisão do Plano Diretor do Município, elaborado pelo Consórcio Interfederativo de Santa Catarina (CINCATARINA), a encontrar possíveis caminhos para que o turismo de Nova Veneza possa ser construído de forma sustentável para os próximos anos, reverberando de forma ativa na melhoria do emprego e da renda municipal, tendo seus próprios moradores como protagonistas da atividade, desta forma, não apenas utilizando-se da suposta identidade étnica local para construir novos produtos, mas também buscando reforçar a história e a cultura local como um todo, avançando para além do ponto de vista gastronômico e da venezidade. Pois a italianidade local se manifesta de diferentes formas, às vezes esteticamente pouco atrativas e deixadas de lado pela falta de apelo econômico, mas que merecem o reconhecimento para conseguirem ser ressaltadas, à exemplo da agricultura familiar e do patrimônio histórico local.

Em face do que foi discutido em torno da produção em cada momento da pesquisa, e diante da complexidade envolta no Fenômeno Turístico em Nova Veneza, o método Dialético se apresenta como o mais adequado para a elaboração desse trabalho, pois a dinâmica embarcada neste tema necessita de um grande reconhecimento sobre os contextos históricos e suas influências na tomada de medidas legais para o alavancar da economia local em Nova Veneza. Segundo o autor Antônio Carlos Gil, “[...] os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais, etc.” (2019, p.13).

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a obtenção da carga teórica necessária foi com a pesquisa e leitura de teses, artigos acadêmicos e dissertações. Após isso, realizou-se a coleta de dados, que inicialmente partiu da análise e salvaguarda de documentos disponíveis na internet, tais como: entrevista do setor público e privado envolvido no turismo em notícias de jornais locais, atas de reuniões da câmara dos vereadores, publicações da prefeitura nas redes sociais, e à própria legislação municipal, presente no portal institucional da prefeitura.

Por fim, sendo esta uma fonte fundamental para a pesquisa, foram analisados os documentos produzidos pelo CINCATARINA sobre a metodologia utilizada na coleta de dados para a revisão do Plano Diretor Municipal, no qual foi possível obter

os apontamentos e considerações dos moradores locais no site da prefeitura a partir da Consulta Pública Online e nos Registros das Reuniões Comunitárias. Houve, inclusive, participação presencial na dinâmica realizada com a população residente do distrito sede de Nova Veneza⁵. Estas informações obtidas, aliada aos dados sobre o município no site Caravela Dados e Estatísticas e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) completam a carga necessária para a construção do texto.

⁵ Reunião Comunitária realizada com os habitantes das regiões: Centro, São José, Elisa e Brasília. Dia 20 de setembro de 2021, no Palazzo delle Acque - Sede municipal.

2 A (RE)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES E A PROMOÇÃO DO TURISMO ÉTNICO EM NOVA VENEZA - SC

Tendo como pano de fundo do presente trabalho o princípio da construção de um casamento entre Turismo, enquanto uma atividade típica da pós-modernidade, e a identidade étnica de uma comunidade historicamente colonizada por italianos, inicialmente se faz necessário um debate acerca de alguns conceitos para se inserir nessa temática.

Um consenso que pode ser notado nos escritos de alguns autores como Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (2001; 2005) e Nestor Canclini (1990), é de que as transformações do mundo pós-moderno, como, por exemplo, as estruturas econômicas e políticas, além da globalização, construíram uma contemporaneidade caracterizada pela individualização dos sujeitos, a fluidez das identidades e o consumismo enquanto um estilo de vida.

Tais características marcam a ruptura que se estabeleceu em relação aos ideais da modernidade, onde a tradição religiosa e familiar, enquanto um elemento justificador de um Estado Nacional forte, dá espaço à maleabilidade das identidades assumidas pelos sujeitos ao longo da vida, podendo ser essas: etnia, gênero, religião, nacionalidade, representação social, orientação política e sexual, entre outros.

De acordo com a visão de Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12)

Cada vez mais a identidade dos sujeitos se politiza, à medida em que sua representação pode ser ganha ou perdida de acordo com as mudanças políticas e econômicas que ocorrem frente ao curso da história individual de cada sujeito, o que segundo o autor vêm a reforçar o papel da diferença, no posicionamento identitário das pessoas, nas diferentes classificações às quais estas se ancoram em relação ao restante da sociedade (HALL, 2006).

Entretanto, a problemática inerente à busca humana por representação identitária não se trata de algo novo, o que fica explícito quando se observa os inúmeros embates nos diferentes reinos e repúblicas do mundo ao longo da história, em seus processos de construção de suas identidades Nacionais. Segundo Bauman:

A ideia de “identidade”, particularmente a ideia de “identidade Nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” auto-evidente. Essa ideia foi forçada a entrar na Lebenswelt de homens e mulheres modernos – e chegou como uma ficção. (BAUMAN, 2005, p. 26)

A necessidade de se desnaturalizar a identidade nacional enquanto sinônimo da representatividade étnica pode ser observada quando o autor supracitado relata o caso da unificação italiana. Neste território, mesmo após dois séculos do “Risorgimento”, seria impossível enquadrar toda sua população como pertencente a uma única identidade nacional “italiana”. Isso se deve à grande variedade linguística e cultural entre as suas regiões no fim do século XIX, o que fazia com que o esforço público do Estado em construir o ideal de “italianidade” fosse encarado como artificial por muitos habitantes, que não se viam representados nas políticas nacionais (BAUMAN, 2005).

No caminho oposto do que buscava solidificar a estrutura dos Estados Modernos, a liquidez das relações sociais contemporâneas tem construído sujeitos cada vez mais individualizados, especialmente diante do crescente poder nas mãos das elites privadas, carregadas pelo individualismo gestado no próprio sistema capitalista, pautado nas liberdades individuais dos sujeitos, sendo hoje potencializado pela globalização dos mercados e a prevalência do liberalismo econômico. Neste contexto, a economia crescentemente penetra nos espaços culturais, sociais e políticos, assim como na forma como se manipulam as representações identitárias entre os grupos étnicos que compõem a sociedade. Como salienta Canclini:

La nueva mirada sobre la comunicación de la cultura que se construye en los últimos años parte de dos tendencias básicas de la lógica social: por una parte, la especialización y estratificación de las producciones culturales; por otra, la reorganización de las relaciones entre lo público y lo privado, en beneficio de las grandes empresas y fundaciones privadas. (CANCLINI, 1990, p. 84)

À medida em que as liberdades, especialmente do ponto de vista econômico, ampliam-se, os sujeitos se singularizam, fazendo emergir as complexidades da sociedade pós-moderna, em que tudo se torna produto, desde bens palpáveis até

experiências culturais diferenciadas, em um ritmo em que se torna cada vez mais difícil a tarefa de compreender o que é real e o que é imaginado, entre tantas formas de reprodução, em telas de smartphones ou em espaços públicos.

O abismo que se abre entre o direito à auto-afirmação e a capacidade de controlar as situações sociais que podem tornar essa auto-afirmação algo factível ou irrealista parece ser a principal contradição da modernidade fluida — contradição que, por tentativa e erro, reflexão crítica e experimentação corajosa, precisamos aprender a manejar coletivamente (BAUMAN, 2001, p. 39).

O papel de manejar as identidades, que um dia já esteve atrelado aos Estados nacionais, na busca pela unificação dos povos em um mesmo território, nos dias de hoje em meio a mídia globalizada pela internet parte dos próprios indivíduos, como se pode observar na luta dos movimentos sociais de minorias em busca de maior representatividade política e social. Ao mesmo tempo, as identidades também são mais facilmente manipuladas por grupos econômicos, que através do marketing buscam positivar a comercialização de práticas culturais específicas, muitas vezes fortalecendo grupos historicamente hegemônicos em seus territórios. Tal realidade surge como uma consequência do processo em que se encontra o capitalismo atual, onde “o Estado não tem mais o poder, ou o desejo, de manter uma união sólida e inabalável com a nação” (BAUMAN, 2005, p. 34).

Uma das atividades que mais cresce dentro deste cenário de constantes demandas culturais, abastecidas pela iniciativa privada, é o setor turístico, pois de acordo com Maria Bernadete Flores: “O Turismo e a indústria do lazer formam um dos muitos componentes do âmbito terciário da economia. Isso significa que ele faz parte do mais importante setor das sociedades denominadas pós-industriais, ou seja, o de prestação de serviços” (1997, p. 111). Desta forma, o turismo, quando atrelado a questão, étnica representa uma das atividades econômicas em que mais podemos detectar as características marcantes da pós-modernidade, tais como o consumismo, as trocas simbólicas, o crescimento dos setores privados e a superficialidade visual na percepção dos sujeitos em relação ao mundo que os cerca, de paisagens à culturas.

A etnicidade, enquanto uma importante forma de representação da identidade de sujeitos e grupos, de acordo com Rodrigo de Azeredo Grunewald, partindo de uma perspectiva antropológica, é assim descrita:

Etnicidades são fenômenos sociais que refletem as tendências positivas de identificação e inclusão de certos indivíduos em um grupo étnico. A distintividade dessa identidade, para caracterizar um grupo étnico, deve se remeter a noções de origem, história, cultura e, até, raça comuns. (GRÜNEWALD, 2003, p. 145)

A distinção étnica, utilizada como um artifício para a obtenção de ganhos econômicos, diferente do que é transmitido pela mídia como sendo algo natural dos povos que o praticam, apresenta-se como um mercado especializado entre a diversa gama de segmentos do turismo, em que na maior parte das vezes o objetivo principal da atividade não vai muito além das trocas comerciais.

Ao ultrapassar a óptica friamente enunciada, pode-se apontar que o Brasil possui alguns exemplos que demonstram como a revitalização étnico identitária pode ajudar comunidades quilombolas e indígenas, por exemplo, a alavancar seu desenvolvimento econômico através do incremento da atividade turística, diante da necessidade do mercado de consumo em conhecerem e vivenciarem o “exótico”, ou “tradicional”.

Nestes casos, a reconstrução de valores étnicos representa a resposta de comunidades historicamente excluídas na busca por ganhos econômicos a partir de suas características próprias, o que acarreta uma maior distribuição de renda para o país, especialmente em regiões historicamente marginalizadas pela agenda política e econômica Nacional. Desta forma, converte-se a imagem pejorativa destes grupos em relação ao restante da sociedade em uma maior preservação de suas práticas culturais, gerando maior representatividade para estes grupos, além do próprio aquecimento de suas economias locais (GRÜNEWALD, 2003).

Entretanto, o movimento de “resgate” étnico identitário para a promoção de atividades turísticas não têm se limitado nos últimos anos em ser uma estratégia apenas de grupos marginalizados no Brasil, pois se torna recorrente em muitas comunidades de colonização europeia, em que o “resgate” étnico de valores dos imigrantes italianos e alemães, que ocuparam territórios principalmente no sul do país, têm feito muitas cidades desenvolverem seus projetos turísticos.

Neste sentido, analisaremos o Município de Nova Veneza, em seu movimento de “resgate” étnico italiano, a partir da construção de seus discursos históricos, aliado às ações realizadas no momento que marca o “despertar” da italianidade no município, que ocorre em meio ao seu Centenário de Colonização em 1991.

2.1 HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE NOVA VENEZA - SC

Assim como boa parte do sul do Brasil, Nova Veneza teve sua colonização realizada por imigrantes europeus que chegaram ao país no fim do século XIX, neste caso específico, de maioria italiana. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1870 e 1920, período que concentra a maior leva de imigrantes europeus para o Brasil, chegaram ao país 3,3 milhões de pessoas vindas principalmente da Europa. Deste montante, cerca de 42% eram italianos, o que representa 1,4 milhões destes imigrantes (GOMES, 2007, p. 161). Se compararmos os números apenas de italianos à estimativa da população geral do Brasil em 1890, corresponde a cerca de 10% da população nacional, que possuía um montante de 14,3 milhões de habitantes neste período.⁶

Estes números podem ser explicados por um contexto de transformações estruturais que ocorriam tanto no Brasil quanto na Itália neste período. Entre o fim do século XIX e início do XX, o Brasil passava por um momento de transição social e política, em um recorte temporal que ficou marcado pela Abolição da Escravidão em 1888 e o início da República, em 1889. Com isso, novas demandas entraram na agenda política e econômica do Estado, que buscou, através do incentivo a imigração, ocupar áreas pouco exploradas do território nacional, especialmente no sul do país. Desta forma, pretendia-se fortalecer as fronteiras em relação aos países vizinhos, além de substituir a mão de obra escravizada.

Entretanto, tais rupturas não significaram a solução das amálgamas étnico culturais brasileiras, que viram na imigração europeia uma forma de reforçar o projeto de branqueamento de sua população, sustentando-se na teoria do Darwinismo Social. Como aponta Giralda Seyferth:

O darwinismo social - principal doutrina racista vigente na passagem do século - radicalizou o primado das leis biológicas na determinação da civilização, afirmando que o progresso humano é um resultado da luta e da competição entre raças, vencendo os mais capazes (ou aptos) - no caso, os brancos, porque as demais raças, principalmente os negros, acabariam sucumbindo à seleção natural e social. (SEYFERTH, 1996, p.43)

⁶ IBGE. Tabela 1.1 – População brasileira estimada e recenseada - 1550/2000. Apêndice 1. Evolução da população brasileira – Estatísticas de 500 anos de povoamento. In: IBGE. Brasil 500 anos. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2007. p. 221. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf> Acesso em: 20 fev. 2021.

Tal teoria obteve considerável respaldo da comunidade científica internacional, da mesma forma que se popularizou entre as elites brasileiras. A partir disso, baseando-se na metáfora de Darwin sobre “sobrevivência dos mais aptos”, esta corrente passou a justificar processos eugenistas nas políticas imigratórias do Brasil (SEYFERTH, 1996). Isso reverberou tanto na construção política e econômica quanto na cultural em diversas regiões do país, em que a formação de diversas colônias foi marcada por exclusão e extermínio racial, que contribuíram na construção de deformidades sociais do Brasil até os dias de hoje.

O interesse do ainda governo Imperial em realizar tal projeto encontra-se explícito no decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, também conhecido como Lei Glicério, que se refere à política de imigração no Brasil. Pois em seu artigo primeiro estabelece:

E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas. (BRASIL, 1890)

Construía-se, assim, o discurso de que o imigrante europeu, e mais especificamente, italiano, seria o tipo “ideal” de trabalhador, carregado de um catolicismo, que tinha no trabalho um elemento dignificador da vida. Tal exaltação emerge em contraposição à ideologia negativa que o labor representava para as elites brasileiras, que devido a estreita relação entre trabalho e mão de obra escravizada do período, diminuía o trabalhador livre brasileiro ao estereótipo do “preguiçoso” e “malandro”.⁷

Por outro lado, os italianos passavam por um contexto político e econômico conturbado no final do século XIX em seu território, fazendo com que a imigração para o Brasil, assim como para outros países da América, fosse uma boa alternativa para estes indivíduos diante da crise social enfrentada, pois a Itália vinha dando os primeiros passos em seu processo de industrialização ao mesmo tempo em que se concretizava a unificação de seu território nacional.

⁷ A tendência em construir tipos ideais no pensamento brasileiro remete ao início do século XX, o que pode ser observado na produção: IANNI, Octávio. **Tendências do pensamento brasileiro**. Revista de Sociologia - USP, São Paulo, v. 12, ed. 2, 2000. p. 55 - 74. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v12n2/v12n2a6>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Enquanto isso, a transformação dos modos de produção capitalista impactava na falta de trabalho nas zonas rurais e na mudança dos hábitos destas comunidades, como é no caso da região do Vêneto (ZANINI, 2006), de onde partiu a maioria dos imigrantes que fundaram a Colônia de Nova Veneza - SC, assim como outras comunidades do sul catarinense. A unificação italiana, ao condensar territórios culturalmente heterogêneos, que contava com diversos grupos de diferentes dialetos, fazia borbulhar um caldeirão étnico identitário de disputas. Agregado a isso, essa região se caracterizava por ser um território de conflitos na Europa entre o fim do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Luís Fernando Beneduzzi (2004) aponta que o Vêneto passou por um processo de dominação por parte de franceses e austríacos neste período, até se tornar definitivamente pertencente ao Reino da Itália em 1866.

Desta junção de fatores, onde o Brasil criava políticas migratórias favoráveis ao biotipo do imigrante italiano, somado à crise social pela qual passava a Itália, empresas públicas e privadas se movimentaram para realizar o traslado e organizar os processos migratórios. Ressalta-se que dos imigrantes italianos que aportaram em terras brasileiras no movimento conhecido como a “grande imigração”, dois tipos majoritários de alocação dos imigrantes foram formados: “colônias (pequenas propriedades) no Sul do país e operariado agrícola e industrial em São Paulo” (ZANINI, p. 47, 2006).

Por meio da organização de colônias, caracterizadas por pequenas propriedades agrícolas, segundo apontam Chiara Pagnotta e Gláucia de Oliveira Assis (2017) em contato com o Cônsul italiano no Brasil, no início do século XX constavam em Santa Catarina um número aproximado de 30 mil imigrantes italianos (BRUNELLO, 1994, p. 313, apud PAGNOTTA; ASSIS). Tais imigrantes estavam distribuídos na região que vai do planalto até o litoral catarinense, sendo que este último extremo do território estadual concentrava até então todas as atividades econômicas do Estado desde que fora ocupado pelos portugueses, ainda no século XVI.

A convergência produtiva no litoral até este período surge como um dos motivos que justificavam os empreendimentos relacionados a imigração e colonização das terras catarinenses. De acordo com Maurício da Silva Selau (2006), além de buscar fortalecer as fronteiras e ampliar a produção agrícola nacional, buscava-se preencher

o enorme “vazio demográfico” do território, o que, segundo o autor, trata-se de uma afirmação errônea, ao passo que estas regiões eram habitadas por grupos indígenas, como é o caso da etnia Xokleng, predominante no sul do Estado (SELAU, 2006).

Por não terem contato nem se sentirem pertencentes à sociedade nacional, vivendo apenas da caça e da coleta na mata atlântica da região para obter o seu sustento (SELAU, 2006), este grupo acabou sendo entregue à própria sorte, frente aos processos de transformação progressiva do meio, protagonizados pela colonização europeia na região. Isto o levou ao seu extermínio diante dos embates entre colonos e indígenas que muitas vezes acabam sendo esquecidos ou justificados por memorialistas e historiadores locais, que buscaram construir uma história da perspectiva dos vencedores, colocando o indígena apenas como mais um obstáculo para atingir o progresso.

Da maneira como se consolidou a implantação de colônias no Sul de Santa Catarina, condenado o grupo Xokleng a total desintegração, podemos entender melhor, porque o modo como as obras de história local concebem a imigração e os fatos a ela relacionados, criaram raízes e influenciam a forma como as pessoas entendem o processo histórico de implantação de colônias na região. Um processo de construção e reconstrução que perpassa cem anos e que não alterou até aqui, na sua essência, o modo de entender esta temática, nos leva a refletir que as relações interétnicas ainda continuam muito ruins nos tempos atuais. (SELAU, 2006, p. 141)

A existência de um esforço em apagar da história aspectos sensíveis, como o caso do extermínio dos indígenas Xokleng, chamados de “bugres” ou “botocudos” pelos colonizadores, demonstra a intenção de construir um discurso positivado do passado, o que perpetua a ausência de representação deste grupo no espaço público sul catarinense, por privilegiar apenas os feitos positivos da colonização e do legado europeu no Brasil (SELAU, 2006). Neste sentido, assim como em outros municípios na região das antigas colônias alemãs e italianas, a construção do “mito fundador” também faz parte da retórica com que a história é narrada em Nova Veneza - SC, sendo utilizado este mito, inclusive, para ditar como teria se construído a identidade étnica dos habitantes locais em sua hegemonia.

Ressalta-se que a identidade, neste caso, assume um apelo intrinsecamente ligado à etnia de um grupo que busca visibilidade e autoafirmação histórica, o que está relacionada a seleção de traços específicos para fundamentar a construção deste mito, sendo assim, devemos ter em mente que:

Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar alerta constantemente para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla possibilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Ao analisar a historiografia catarinense, Cristina Scheibe Wolff (2009) define que a história contada pelos imigrantes, pondo a figura do colonizador como o protagonista, seria um movimento típico do que ela classifica como uma abordagem tradicional local:

Esta abordagem historiográfica remete-nos mais uma vez às características da chamada história tradicional, acima descritas, e muitas vezes tem sido uma história vista de cima, embora circunscrita a um âmbito local. É nestas histórias que aparece a figura do fundador da cidade, ou das principais famílias, muitas vezes presentes ainda na economia e na política. Há geralmente certa preocupação com a Toponímia – origem dos nomes dos lugares a que se refere -, e com a genealogia das principais famílias. (WOLFF, 2009, p.57)

A narrativa histórica tradicional local trata da história de maneira parcial ao buscar estabelecer uma conexão entre os sujeitos do presente, os descendentes de italianos, em relação ao passado protagonizado pelos colonizadores. Em Nova Veneza - SC, uma obra em especial que busca suscitar a figura positiva do colonizador para criar este laço entre o presente e o passado é o livro intitulado *História de Nova Veneza* de Zulmar Hélio Bortolotto (1991), assim como, em Urussanga, cidade vizinha, podemos encontrar tal perspectiva em *Imigrantes: Sua História, Costumes e Tradições* de Quinto Davide Baldessar (2005)⁸ - no qual em algumas seções também é abordada a colonização de Nova Veneza - e *Tão Fortes Quanto a Vontade* de Nelma Baldin (1999).

A partir destas produções, pode-se analisar como foi cimentado o discurso da imigração em Nova Veneza, buscando compreender como se dá a exaltação à figura do colonizador, ao mesmo tempo em que é apresentada a história de formação do Município. Com isso, não se pretende aqui suscitar um julgamento de valor em relação

⁸ Destaca-se que a obra de Quinto Davide Baldessar tem gerado uma série de discussões por conta de uma citação que apresenta relatos sobre a atuação de um conhecido nome da história da cidade, o agrimensor Natale Coral, como sendo um “Bugreiro”, termo utilizado para retratar os colonizadores que caçavam indígenas durante o processo de ocupação no sul-catarinense. O repentino debate sobre este assunto emergiu recentemente, devido a Prefeitura homenagear este sujeito dando seu nome a uma praça localizada no bairro Elisa, em dezembro de 2020.

aos autores, no entanto, os discursos embutidos nos escritos são de grande valia para compreender o movimento de “resgate” étnico-identitário que se construiu a partir do fim do século XX na esfera pública sul-catarinense, fazendo com que antigas colônias italianas passassem a incluírem-se no mercado turístico, como no caso da cidade estudada nesta produção.

Em sua obra lançada em 1991, no mesmo ano do centenário de colonização de Nova Veneza - SC, que contou com o patrocínio da Prefeitura Municipal, Bortolotto (1992) apresenta um apelo heroico ao pioneirismo do colonizador italiano em Nova Veneza - SC quando, já na introdução, direciona a construção da Colônia enquanto um modelo de prosperidade para a República Brasileira que se iniciava, sendo este um “protótipo a ser adotado em todo o país” (BORTOLOTTTO, 1991, p. 7). O autor ainda salienta que “Nova Veneza recebeu um contingente de imigrantes italianos escolhidos ‘a dedo’, na Itália, por agentes contratados pela empresa Metropolitana, para essa exclusiva finalidade” (BORTOLOTTTO, 1991, p. 7), o que, como já salientado sobre realidade social destes agentes históricos, dificilmente seja possível, dada a própria necessidade destes de migrarem como forma de superação das dificuldades vividas no Vêneto.

Partindo disso, a Colônia de Nova Veneza, fundada no ano de 1891, foi construída com o intermédio da empresa norte-americana Angelo Fiorita e Cia, que no mesmo ano concedeu todos os encargos da colonização à Companhia Metropolitana, que continuou os trabalhos com os mesmos funcionários da empresa anterior, sob a liderança Miguel Napoli (BORTOLOTTTO, 1991), após conseguir o título de aquisição de 30 mil hectares de um território que atualmente corresponde a partes dos municípios de Criciúma, Siderópolis e Treviso, além de Nova Veneza, onde ficava a sede da colônia. Esta empresa privada, em acordo com a União, foi a responsável por arregimentar os imigrantes na Itália e realizar a estruturação básica do território, que até então era composto por mata atlântica. Coube a companhia também o trabalho de repartir os lotes de terras, realizar o traslado e dar os suportes necessários aos colonos que chegavam na região, construindo os galpões provisórios para a instalação, além de igreja, escola e serralheria (BORTOLOTTTO, 1991).

Na produção de Baldessar, percebe-se a intenção de construir a “saga dos valentes”⁹, enaltecendo o sofrimento que os colonos tiveram para atingir o progresso em terras brasileiras, trazendo a civilização em um território tratado como primitivo. Neste intento, todas as fases da operação, desde a arregimentação dos imigrantes na Itália por parte das Companhias de Imigração, são descritas como a venda de um falso sonho (BALDESSAR, 2005).

Esta narrativa busca edificar uma conotação simbólica da necessidade de superação das adversidades através do trabalho árduo do imigrante, colonizador. Em contrapartida, as dificuldades já se faziam presentes na vida destes agentes desde antes da vinda para o Brasil, pois dificilmente estes teriam a oportunidade de adquirirem suas próprias terras produtivas no contexto do Vêneto no final do século XIX. Para aqueles que se dispuseram a ocupar a Colônia de Nova Veneza: “Desde que tivesse completado 18 anos, seria contemplado com os direitos que a lei lhe garantia, inclusive um lote de terras da lei. O prazo de pagamento lhe parecia fácil: seis anos com um de carência mais 7%.” (BALDESSAR, 2005, p. 31). A este ensejo poucos grupos étnicos tiveram acesso ao longo da história brasileira, e isso possibilitou que estes imigrantes permanecessem em suas atividades ligadas à agricultura, com a facilidade de aquisição de sua própria terra, o que ajudou a perpetuar muitas famílias de descendência italiana em papéis de destaque na região sul catarinense.

O discurso de “passado árduo para um presente grandioso” encontra algumas ligações com o próprio enredo construído para contar a história local de Nova Veneza em suas contradições pois, desde o princípio, a construção pública da etnicidade local se sustenta na história dos vencedores, respaldada por um ideal de progresso econômico, identitariamente utilizado para se posicionar à frente dos demais municípios de colonização italiana no sul de Santa Catarina.

Da mesma forma, hoje busca-se criar uma identidade visual para Nova Veneza para diferenciá-la frente às outras cidades da região, a partir da revitalização da sede municipal para a atração turística baseada em Veneza. Destaca-se que as próprias casas coloniais onde estão inseridos os principais restaurantes e empreendimentos

⁹ Esta expressão é também o nome dado ao desfile das famílias de descendentes dos colonizadores em Nova Veneza, que ocorre anualmente no aniversário da cidade.

turísticos no centro da cidade, desde o passado, são frutos da diferenciação entre o progresso comercial de uma elite dominante na colônia de Nova Veneza, por esta ter sido favorecida pelo sistema de colonização privado, em detrimento de como ocorreu a colonização nos municípios vizinhos a partir da iniciativa pública.

Boa parte deste espaço, ressignificado no presente, faz parte do patrimônio que já pertenceu a uma mesma família, os Bortoluzzi, que construíram um grande monopólio comercial no sul catarinense no início da colonização a partir do fim do século XIX. Nathalia Pereira Cabral, ao estudar a influência desta família, assim como a diferenciação no processo de introdução desta colônia privada em comparação aos empreendimentos colonizatórios públicos, discute sobre a importância do entendimento de que na colonização privada deve-se ter em mente que os sujeitos que participaram deste processo em Nova Veneza não eram homogêneos, pois imigrantes e colonizadores possuíam diferentes atribuições e objetivos, ao citar:

Pois, se muitos vieram com o intuito da conquista de terras para a subsistência, alguns desses atores sociais não se enquadravam nessa conjuntura, e como visto, não integravam-se nas colônias apenas com objetivos distintos, mas também com poderes e relações diferenciadas da grande maioria que ali se instalavam. (CABRAL, 2017, p. 20)

O caráter privado da colonização possibilitou o favorecimento de determinados agentes e famílias, que diferiram do restante dos “colonos” por obterem desde antes de sua chegada na colônia privilégios por assumirem cargos importantes na companhia. Entre os principais funcionários da empresa colonizadora que possuíam cargos de destaque, e, portanto, maior influência do que grande parte dos imigrantes, destacam-se três nomes constantemente exaltados pela historiografia local, como símbolos do progresso alcançado pelos italianos em Nova Veneza no início da colonização, sendo estes o agrimensor e bugreiro Natale Coral, o diretor da colônia Michele Napoli e o agente Gervasio di Luigi Bortoluzzi (CABRAL, 2017).

Destaca-se o último nome citado, pertencente à família Bortoluzzi, responsável pelo monopólio comercial e industrial em Nova Veneza e região por cinco décadas após a fundação da colônia. Este monopólio, que gerou a dependência dos imigrantes em relação aos seus empreendimentos por ser o único centro comercial da colônia por décadas, significou um grande acúmulo de riqueza e de bens por parte desta família. Como reflexo deste acúmulo no passado, é possível observar que grande

parte dos edifícios do centro histórico Nova Veneza já pertenceram a este único grupo familiar.

Desta forma, os exemplos que deram certo no processo de colonização seguem perpetuados pela história local, representado por nomes como o de Humberto Bortoluzzi, que se tornou diretor da colônia após Miguel Nápoli, e Alfredo Bortoluzzi, prefeito de Criciúma entre 1945 e 1946, e de Nova Veneza de 1959 até 1963. Eles são símbolos do poder desta família, que desde o princípio foi beneficiada pelo processo colonizatório privado com cargos de privilégio na Companhia Metropolitana, e que nos dias de hoje, aparecem homenageados em bustos, praças e bairros de Nova Veneza que recebem seus nomes (CABRAL, 2017).

Da construção narrativa entre esquecer as fissuras, como o caso do extermínio Xokleng, e lembrar dos exemplos que deram certo, como é o caso da família Bortoluzzi, sem discutir-se os precedentes que levaram ao sucesso destes nomes na historiografia local, o martírio dos imigrantes italianos durante todo o processo de colonização aparece presente também em Baldin (1999), que escreveu sobre o traslado dos colonizadores italianos até o Brasil.

Retratado de forma literária, digna de um drama romântico, em que, neste caso, o martírio se constitui enquanto estratégia para cooptar o leitor, provocando a representatividade do descendente contemporâneo em relação aos seus antepassados étnicos, a narrativa é construída como um fio condutor de símbolos identitários que se fizeram vitais para alcançar o ideal de progresso construído com trabalho, união familiar e cristandade. Ao relatar a viagem, retrata-se a saudade da família, aliada às péssimas condições das embarcações e a longa jornada até chegar ao Brasil:

E assim, com o coração dividido e carregado pelas lágrimas da separação, partiam. Se tudo corresse bem na viagem, em 30, 40 ou até 60 dias, mais ou menos, estariam no Brasil, aportando no Rio de Janeiro ou no porto de Santos. No entanto, a situação de viagem, no navio, não era nem de longe o que lhes haviam sugerido. Os dormitórios coletivos com seis, oito e até dez leitos eram apertados, sem ventilação suficiente e distribuídos ao longo dos porões. A comida era em geral fraca e preparada sem cuidados, a água de beber escassa e racionada, as instalações sanitárias e de banho, precárias e sem higiene. (BALDIN, 1999, p. 60)

As emoções afloradas, buscando dar ênfase ao trabalho duro para levar a civilização a um território apresentado como inóspito, são narradas a partir da descrição de sensações e emoções que estes agentes teriam sentido, seguindo um

tom literário. Fala-se das dificuldades em se assentar em um território diferente do seu de origem, em meio ao desmatamento, plantação, colheita e caça. A realidade dos imigrantes assim é descrita: [...] sofreram doenças e males dos mais diversos e estranhos, suportaram o medo, o frio, o calor excessivo, a chuva, a fadiga, e as tristezas e... resistiram. Antes de tudo, fortes!" (BALDIN, 1999, p. 74).

A força, na superação das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, ressaltando a moral ilibada para superar o sofrimento, por vezes assume uma conotação exacerbada, pois na busca por afirmação do martírio imigrante em Nova Veneza, chega-se a comparar a relação do trabalho para pagar a terra e o processo de migração para no sul do Estado a um tipo de Escravidão (BALDESSAR, 2005).

Tais discursos, entretanto, não são exclusividade do olhar dos descendentes da imigração italiana no sul de Santa Catarina, pois, como já observado por Maria Catarina C. Zanini e Miriam de Oliveira Santos (2008), essa ênfase também se faz presente nas antigas colônias do Rio Grande do Sul, em que o trabalho muitas vezes assume um caráter de virtude étnica herdada por sangue, se configurando como uma ligação que transpassaria o próprio tempo e espaço. Entretanto, segundo as autoras, neste caso, o labor está muito mais associado à categoria que Bourdieu (1983) denomina por *Habitus*, construído como uma herança simbólica, passada de geração em geração, dependendo de fatores maiores do que a genética (ZANINI; SANTOS, 2008).

Da mesma forma que o trabalho, a religiosidade católica também se faz representada nas três obras, imbricada como elemento étnico, em alguns casos, contando inclusive trechos da bíblia, utilizados para reforçar a ligação intrínseca entre italianidade, catolicidade e valorização do trabalho, o que no caso de Baldessar (2006), justifica-se por se tratar do olhar de um clérigo sobre a história de sua família, sendo relatado o trabalho na criação das colônias italianas no sul do Estado em comparação ao nascimento da espécie humana segundo gênesis bíblico, passando pela luta para sobreviver ao meio, até chegar na prevalência dos mais fortes (BALDESSAR, 2006).

Em comunhão a isso, percebe-se também em todas as obras o interesse de reforçar os diversos sobrenomes das famílias tradicionais da história local, buscando evocar nostalgia e orgulho dos descendentes em relação aos seus antepassados. Mais especificamente, em Bortolotto (1991), são detalhados os nomes de cada um

dos imigrantes e das respectivas famílias responsáveis por colonizar as localidades do atual Município de Nova Veneza, acompanhado de fotos que retratam a construção da cidade. Algo importante de ser ressaltado é que todos estes escritos foram produzidos com suas primeiras edições nos anos de 1990, o que sem dúvida não ocorreu por obra do acaso. Essas publicações surgem em um momento de efervescentes manifestações em prol de um “resgate” da italianidade em Nova Veneza e região, sendo que ao mesmo tempo em que reproduzem o espírito nostálgico que ocorria no calor da hora, também influenciaram na imagem que passou a se construir no cenário público catarinense sobre a etnia Italiana no Estado.

2.2 JUSTIFICATIVAS PARA O “RESGATE” DA IDENTIDADE ÉTNICA

Ao pensarmos no termo “resgate”, logo nos vem à cabeça que algo ou alguém se perdeu e que com isso tem-se a necessidade de encontrar, resgatar. Neste caso, o elemento disperso é a italianidade da população de Nova Veneza - SC, que apenas após cem anos de colonização passou a evidenciar essa característica sua de maneira pública, movimento esse que não é exclusividade deste município e que não ocorreria se não houvesse interesses e disputas em jogo.

Um primeiro fator, que é um dos mais utilizados para justificar a perda de pertença italiana nas comunidades que contaram com processos colonizatórios no sul do Brasil, trata-se da política de nacionalização imposta pelo governo brasileiro, em especial, a partir do período conhecido na história política nacional como Estado Novo (1937-1945) e sua Política de Nacionalização do Ensino.

Após os primeiros anos da Colônia de Nova Veneza, a educação formal foi algo quase inexistente, devido tanto ao abandono por parte da Companhia Metropolitana a partir de 1899 quanto ao difícil deslocamento dos estudantes do interior para chegarem à escola localizada no centro da comunidade (BORTOLOTTI, 1991). Aliado a isso, a má condição das estradas gerava um certo isolamento dos imigrantes em relação ao restante da sociedade, dificultando, inclusive, o escoamento dos produtos para fora da Colônia, realidade que perdurou, pelo menos, até o início da década de 1920 (BORTOLOTTI, 1991). Desta forma, os imigrantes nestes primeiros anos construíram um universo próprio em que apenas os dialetos eram falados, predominando a cultura vernácula, com exceção de exemplos como o da família

Bortoluzzi, que até mesmo expandiu seus negócios para outras localidades (CABRAL, 2017).

Diante da campanha de nacionalização imposta pelo governo de Getúlio Vargas, buscou-se estancar as etnias que não fossem a brasileira, pressionando assim, populações de italianos, alemães, poloneses, entre outros, a adotarem coercitivamente o idioma português, na busca pela construção de uma identidade nacional homogênea.

O Estado passou a fiscalizar as instituições de ensino, bem como a perseguir pessoas suspeitas de compactuar com as ideologias ultranacionalistas que ganhavam força na Itália e na Alemanha, sendo respectivamente o fascismo e o nazismo. A fiscalização nas redes de ensino pode ser percebida em Nova Veneza ao analisarmos o Relatório do Inspetor das Escolas Subvencionadas de 1938, presente na pesquisa de Vera Regina Bacha Pereira, em que ao realizarem levantamentos na escola do Distrito de Nova Veneza¹⁰, de um total de 121 alunos, 110 falavam línguas italianas, enquanto outros 9 apenas compreendiam (PEREIRA, 2004). Desta forma, demonstrou-se a grande continuidade com que a etnicidade dos imigrantes italianos ainda refletia nas crianças da localidade, mesmo após quase cinquenta anos de colonização.

A perseguição contra a demonstração pública da cultura e etnia destes sujeitos pode ser observada também em entrevistas realizadas por outros autores na região sul catarinense, diante das ações proferidas pelo Estado Novo que se intensificaram a partir do início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945):

A minha geração, que tem 50 anos hoje, não tinha essa relação com a Itália, não sabia da onde tinha vindo. Quando a gente cresceu é que a gente começou a pesquisar, porque os nossos pais foram proibidos. A tia Madalena, 80 anos, ela diz que na época de Getúlio tiveram que queimar tudo. A tia Virgínia, do Turvo, tem 98 anos e ela só fala em dialeto. Na época de Getúlio, foram tudo preso, porque falavam o dialeto italiano. (PAGNOTA e ASSIS, 2017, p. 94)

Com isso, é possível perceber um dos motivos da perda da italianidade dos habitantes de Nova Veneza, fazendo com que se tornasse necessário o “resgate” que veio a ocorrer a partir da década de 1990. Ao apontar a forma com que isso impactou

¹⁰ Nesta época Nova Veneza ainda pertencia ao município de Criciúma - SC, este processo durou entre 1925 até 1958.

as gerações posteriores, a entrevistada sinaliza que pode ter sido construído no subconsciente de muitos sujeitos o que Michael Pollak (1992) descreve como uma memória traumática que, ao ser relacionada a um grupo familiar, ou étnico-identitário, constrói um silenciamento inconsciente sobre os modos de viver e de se relacionar consigo mesmo, ou enquanto sujeito social (POLLAK 1992).

Agregado a isso, um segundo ponto que pode ser levantado para explicar a evocação étnico-identitária dos imigrantes em seu processo colonizatório após cem anos deste evento se entende a partir da perspectiva de Giralda Seyferth, que aponta:

Apesar das muitas dificuldades enfrentadas pelos colonos, houve desenvolvimento econômico articulado à produção agrícola e ao comércio, bem como o crescimento urbano de muitos povoados previstos no planejamento oficial. A progressiva emancipação dos núcleos, com a criação de municípios, bem como o processo de industrialização, iniciado em muitos lugares ainda no século XIX, ampliaram as possibilidades de integração na sociedade brasileira, reforçados também pela participação política, na medida em que as classes altas das colônias, formadas principalmente por comerciantes e industriais, mostraram interesse em ocupar cargos eletivos ingressando no sistema partidário nacional. (SEYFERTH, 2012, p. 16)

O que se torna explícito neste caso é que muitos dos descendentes de imigrantes assumiram um grande poder político e econômico no Estado de Santa Catarina e em suas respectivas mesorregiões, e isso fez com que o registro da história destes grupos se tornasse de interesse público à medida que a historiografia passa a legitimar no passado a construção dos seus papéis de destaque no presente.

Isso ocorre, em contraposição ao próprio estigma do “Colono”, como aponta Durval do Nascimento (2006), que por muito tempo fez parte do imaginário popular sul catarinense em relação à figura dos descendentes de colonizadores, em especial no período da exploração carbonífera na região, em que a imagem do colono espelhou-se como um sinônimo de agricultor, enquanto a tecnologia utilizada na extração do carvão mineral significava a modernidade nos meios de produção capitalista (NASCIMENTO, 2006).

O resquício desta imagem pejorativa do descendente de italiano em Nova Veneza pode ser notado ao analisarmos algumas entrevistas realizadas por Adiles Savoldi (1998) com pessoas ligadas ao “resgate” da italianidade em Nova Veneza-SC:

Até uns quinze anos atrás éramos taxados de grosso, ignorante e colono, as pessoas interpretavam desta forma. Visto que a Itália está num estágio bom, uma economia equilibrada, 5º economia mundial, estes são alguns dos

motivos que levam as pessoas a valorizar esta situação, da pra se dizer que muitas vezes são movidas pela vaidade. Nós estivemos não apenas dez mil Km afastados da Itália mas, nos ficamos mais de 110 anos afastados da Itália. (35 anos, 3a geração, morador de Nova Veneza). (SAVOLDI, 1998, p. 46)

Percebe-se na fala do entrevistado que o interesse em torno do reconhecimento étnico-identitário, para além de buscar romper com os estereótipos, também procura alcançar, com a imagem positivada da Itália no presente, um status superior aos demais brasileiros. Sendo esta Itália não mais aquela que foi deixada pelos seus antepassados em estado precário a caminho do Brasil, mas sim um território imaginado com referências do presente, apresentado como um país desenvolvido e próspero.

Diante disso, destacam-se dois pontos que se constroem paralelamente como o meio e a finalidade do interesse suscitado pelos ítalo-brasileiros na mobilização para a construção desta Itália imaginada. O meio, em um primeiro momento, encontra-se na busca pela construção de uma ligação com a terra natal de seus antepassados, a finalidade disso, para os interessados, seria a conquista da dupla cidadania, facilitando processos migratórios inversos de brasileiros para países da Europa e para os Estados Unidos da América.

Pois com o “despertar da italianidade”, a etnicidade desses grupos passa a se espelhar na busca por parentescos em solo italiano, ou mesmo no próprio contato com sujeitos que compartilham, em teoria, da mesma carga genética. Isso reverbera, a partir da década de 1990, no crescimento de associações italianas no Brasil, seguindo o que pontua Maria Catarina Chitolina Zanini:

A noção de filiação com uma Itália imaginada geraria uma espécie de vínculo de pertencimento que promoveria a criação de uma rede de *italiani nel mondo*, na qual a Itália concreta se torna apenas um ponto de referência, não o destino final do “ser italiano”. (ZANINI, 2006, p. 203)

A isto, agrega-se a busca por legitimação desta italianidade, que no caso de Nova Veneza - SC está bastante associada à demanda pela conquista da dupla cidadania, em especial para os jovens, ancorados no pertencimento à Itália devido à herança de “sangue” de seus antepassados (SAVOLDI, 1998). Isto demonstra que a italianidade, para além de ser o objetivo de reconhecimento étnico identitário em solo nacional, também simboliza a busca pela ascensão econômica, defendida através da aquisição das vantagens com a posse de um passaporte europeu.

Um terceiro fator que conduziu ao interesse entorno da busca por reconhecimento étnico identitário parte de Élio Cantalício Serpa (1996) que, ao analisar as narrativas sobre a construção identitária catarinense presentes no IHGSC (Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina) até o Governo de Esperidião Amin (1982-1986), constatou que os discursos oficiais ainda buscavam solidificar a representação de um "catarinensismo" que abarcasse a identidade de toda a população presente em seu território. Em busca desta identidade homogênea estadual, durante o século XX, a roupagem deste sujeito ideal teria passado pelo ideário dos açorianos que colonizaram a costa desde o século XVI, passando pelo luso-brasileiro até chegar na imagem do caboclo, representante da Guerra do Contestado, como a figura da representação pública identitária do Estado (SERPA, 1996).

Diante disso, a entrada massiva de políticas de representação das demais identidades étnicas passa a vigorar, especialmente em virtude do próprio incremento da atividade turística. Segundo Maria Bernadete Flores, a partir do Governo Pedro Ivo Campos (1987-1990), com o slogan "Bela e Santa Catarina" começou-se a construir de forma efetiva a imagem do Estado enquanto um mosaico cultural (Flores, 1997). Neste contexto, o Estado, de um ponto de vista utilitarista, suscita diferentes identidades étnicas como forma de obter ganhos econômicos, o que começa a ser demonstrado nas mídias, no incentivo a produções acadêmicas sobre as diferentes características regionais, além da busca por patrimoniar a cultura material dos diferentes grupos étnicos europeus em Santa Catarina.

Durante muito tempo o turismo em Santa Catarina esteve ligado às áreas litorâneas, com predominância para os atrativos das praias, em detrimento de outras regiões. A atividade turística predominava na alta temporada de verão, delimitando o tempo e o espaço de exploração dessa indústria. Agora planejava-se explorar o turismo em três direções: "o Turismo Cultural, o Turismo do Mar e o Turismo Quatro Estações", com o aproveitamento das paisagens naturais, instalações de hotéis fazenda, campings, etc. Um dos artifícios mais frequentemente utilizados para a atração dos turistas são as festas municipais que se multiplicam em todo o estado. Elas têm por metodologia, a criação de cenários que dão visibilidade ao povo do lugar, ressaltando a peculiaridade étnica, e expõe os produtos industriais ou agrícolas específicos de cada região. (FLORES, 1997, p. 116)

No momento em que o Estado busca ressaltar as diferentes etnias presentes em seu território para aquecer o setor turístico ao longo de todo o ano, sem dúvidas um dos grandes pontos de referência simbólica para as cidades construírem projetos

de incremento ao turismo é o círculo das Festa Étnicas, que começaram a ocorrer em todo o território catarinense a partir da década de 1980, como a festa do Vinho, no Município de Urussanga, assim como a mais famosa festa étnica de Santa Catarina, a Oktoberfest, em Blumenau, ambas com sua primeira edição no ano de 1984.

2.3 O PÓS-CENTENÁRIO E SEUS DISCURSOS ÉTNICOS

No contexto do Centenário de Colonização Italiana no Brasil, em 1975, foi que os primeiros movimentos de “resgate da italianidade” passaram a ocorrer em todo o território nacional, entretanto, com maior concentração nos estados do sul. No Município de Nova Veneza - SC, o centenário de colonização da cidade, em 1991, é o que marca o início das movimentações em torno do resgate étnico-identitário. Esse marco inicial pode ser notado no próprio espaço público, principalmente na região central da antiga colônia, onde passaram a ser incorporados monumentos em homenagem aos imigrantes e a colonização.

É como se a historiografia tradicional local se materializasse na construção paisagística do Município, pois no mesmo ano são inaugurados o Museu do Imigrante Padre Miguel Giacca (em homenagem ao Primeiro Pároco da Colônia de Nova Veneza) ao lado da Igreja de São Marcos, e uma roda-da-água (em referência a primeira fonte de energia utilizada pelos imigrantes na moagem dos grãos, localizada na praça central Humberto Bortoluzzi) com placas em bronze, intituladas “Ao triunfo dos pioneiros”, contendo o nome de todas as famílias de imigrantes, majoritariamente italianos, com a presença de poucos brasileiros e alemães, que ajudaram a colonizar o Município.

O tom das festividades do centenário de Colonização em Nova Veneza pode ser observado na perspectiva de Baldessar ao descrever o festejo, que durou nove dias, entre 15 e 23 de junho de 1991. O autor cita os desfiles de máquinas agrícolas, as missas, as barracas de comida típica e vinho, a inauguração de monumentos em homenagem a figuras políticas importantes e a eleição da rainha e das princesas da festa (BALDESSAR, 2005). Todos os elementos presentes na representação étnico-identitária construída pelos imigrantes sobre o seu próprio passado em Nova Veneza estiveram presentes nos festejos do centenário. Além do tripé “[...] trabalho, família e religião [...]” (SAVOLDI, 1998, p. 39), podemos observar a gastronomia, que viria

alguns anos depois a postular como o maior símbolo da italianidade local, ao lado da “venezidade”.

Entretanto, não apenas pelos monumentos em homenagem aos colonizadores ou pela gastronomia “típica Italiana” que o contexto do centenário forjou a italianidade do Município. Como apontou a Secretária de Cultura, Esporte e Turismo de Nova Veneza, em entrevista realizada no ano de 2017:

Com a festa e o advento do centenário, que foi a maior festa pra época, que foi o centenário. Tudo se voltou, se trabalhou um ano e meio antes, tudo voltou pra dentro da raiz da cultura italiana. Então aí, foi implantado as aulas de italiano, o grupo folclórico ítalo brasileiro surgiu no Centenário, os corais que cantam em italiano, tudo surgiu ou se fortaleceu no Centenário. Então depois do Centenário, começou com estas festas mais voltadas para a colonização, o enfoque era a colonização. (BORTOLUZZI, 11/09/2017)

Como podemos observar, o que se estabeleceu em Nova Veneza - SC foi um “resgate” que, muito mais do que suscitar a imagem do Colonizador como produto final, construiu um projeto a longo prazo com o estabelecimento de festas anuais em comemoração à colonização do Município, aliado à promoção na construção de grupos de dança e de canto italianos, além do estabelecimento de aulas de italiano nas escolas municipais.

Embora todos os discursos do centenário tenham sido voltados para a figura dos imigrantes, é importante salientar que esses sujeitos que colonizaram Nova Veneza não partiram da Itália atual, mas sim da região do Vêneto, em um contexto onde as diferentes localidades não tinham noção homogênea sobre a identidade nacional italiana. Com isso, os dialetos utilizados nos primeiros anos da colonização eram o bergamasco e o vênето (BORTOLOTTI, 1991). Desta forma, embora tais línguas estejam em processo de extinção, até mesmo no Vêneto contemporâneo, a etnicidade suscitada com as aulas em italiano rompem com a ideia da colonização como referência étnica.

Da mesma forma, podemos notar essa ruptura sobre a identidade cultural ligada ao imigrante colonizador em Victor Emmanuel Carlson (1994) quando o autor aponta que, ao entrevistar a coordenadora do Grupo Folclórico Italo-Brasileiro, criado no ano do centenário e que recebe essa denominação a partir de 1994, as inspirações de dança eram apropriadas da região sul da Itália:

Neste ano, alguns moradores se reuniram e reativaram o antigo Grupo Folclórico Veneziano, com a nova denominação de Grupo Folclórico Italo-Brasileiro de Nova Veneza. São 36 adultos e 18 crianças que trocam

praticamente todos os fins de semana por apresentações em diversas cidades de Santa Catarina. O novo repertório de danças conta a conquista, o namoro, o casamento dos colonos e o carnaval de Veneza. Sempre apresentam a famosa tarandella, uma dança do sul da Itália que é conhecida em todo o país [...] para isso, recebe apoio de um italiano residente em São Luís do Maranhão. “Ele nunca veio a Nova Veneza, mas envia informações e músicas para o grupo” [...]. (CARLSON, 1994, p. 6)

Ecléa Bosi (1994) nos ajuda a compreender a dimensão de tal projeto ao suscitar que “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1994, p. 55). Com isso, as medidas que buscam diariamente realimentar o sentimento de pertencimento étnico na população de Nova Veneza, partindo de referências generalizantes e romantizadas, especialmente na exaltação do mito pioneiro, mas também em relação às outras iniciativas, encaixa-se no que Eric Hobsbawm classifica como “invenção das tradições”:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 2018, p. 8)

Segundo aponta o mesmo autor, estas “invenções” (ou repaginação) surgem quando as antigas tradições, que neste caso trata-se da identidade étnica dos colonizadores que naturalmente se perdeu, em partes, devido aos mais de cem anos em contato com a cultura de um outro país, não mais suportam manter costumes dispersos com o tempo. Desta forma: “A decadência do “costume” inevitavelmente modifica a “tradição” à qual ele geralmente está associado.” (HOBSBAWM, 2018, p. 9).

Até mesmo antes da década de 1990, Lucy Ostetto já havia identificado mudanças na cultura alimentar dos descendentes de imigrantes em Nova Veneza. Isso pode ser notado quando a autora aponta que até a década de 1950 e 1960, o macarrão e as massas, associado atualmente a italianidade do município, não faziam parte da dieta alimentar dos habitantes locais. Devido ao fato de o trigo não ser cultivado, muito raramente produtos derivados deste grão eram consumidos, sendo utilizados apenas em ocasiões especiais (OSTETTO, 1997).

As mudanças alimentares na cultura local ao longo dos anos são reforçadas por Maristela Scarabelot (2012) ao apontar que em Nova Veneza, a partir da década

de 1970, ocorre o crescimento do consumo de produtos industrializados, gerando o barateamento de tais artigos, que passam a ser adquiridos em supermercados de maneira facilitada. Com isso, o acesso a farinha de trigo ocorre de forma mais significativa, o que além de diminuir o consumo da farinha de milho - ingrediente base da polenta -, também representou a queda da cultura de processamento deste artigo, por sua vez que se tornou cada vez mais raro nas mesas dos habitantes Município (SCARABELOT, 2012).

Desta forma, podemos constatar que muitas vezes o aspecto “tradicional” se constrói em decorrência de uma adaptação para sobreviver ao meio, diante das mudanças que ocorrem com o passar do tempo e aos diferentes ambientes. Talvez o único alimento que hoje é considerado símbolo da gastronomia típica italiana no município e que realmente fazia parte da dieta dos habitantes do Vêneto no fim do século XIX seja a polenta.

Ao retratar as condições de vida dos imigrantes em sua terra natal antes da imigração, Zuleika Alvim corrobora:

Toda a população, desde os mais abastados, aos mais pobres, alimentavam-se basicamente de polenta. Nas mesas mais fartas, havia também peixe, ovo, salame, verduras, mas raramente se comia carne, quando comiam era o porco, carneiro ou cabrito; carne de vaca ficava reservado para os dias de festa ou quando se adoecia. (ALVIN, 1986, p. 39 - 41 apud BORTOLOTTI, 1991, p. 10).

Nota-se, com isso, que a galinha ensopada, que geralmente acompanha a polenta e a fortaia nos restaurantes e festas realizados atualmente no Município, não aparece como proteína animal utilizada na região do Vêneto no período da imigração, sendo isto mais um dos exemplos de como não existe a possibilidade de buscar reproduzir originalmente uma identidade étnica que já foi perdida com o tempo. Entretanto, a gastronomia “típica” italiana passou a ganhar cada vez mais representatividade nas demonstrações públicas da etnicidade em Nova Veneza, tendo como principal arena de difusão as anuais Festas em Comemoração à Colonização e Emancipação do município, que ocorreram no período entre 1992 e 2004.

Os festejos na sede do Município, ao longo deste recorte temporal, seguiram ressaltando a figura do colonizador, entretanto, percebe-se que nos primeiros anos após o “resgate” da italianidade houve tensões em relação à aceitação destes “novos” símbolos, devido ao confronto com os outros grupos que igualmente buscavam representação de suas identidades.

Isso aparece exposto em entrevista realizada por Savoldi, entre 1997 e 1998, com um morador da cidade de 35 anos, não identificado. Durante seu relato, foi possível verificar que era na época um agente engajado para a promoção e viabilidade das atividades turísticas, no tocante que assessorava os comerciantes a incluir o projeto de italianidade em seus empreendimentos, em especial, expondo o incentivo de implementar nomes italianos ao invés de inglês nos comércios da cidade. Além disso, o agente menciona na entrevista que estava mapeando historicamente os pontos turísticos da cidade, sendo assim, sua participação se dava ainda no âmbito público (SAVOLDI, 1998).

Foi também durante sua interlocução que se tornou possível verificar as disputas culturais sobre o território, quando criticou a Secretária de Educação em exercício, pois, em sua análise, ela não possuía a descendência étnica e dificultava os projetos em discussão (SAVOLDI, 1998). E, além disto, esta teria proposto uma atividade intercultural durante o principal evento da cidade. Em resposta à ideia, o entrevistado disse:

Ela vai desenvolver uma festa aqui no aniversário da cidade com música gaúcha e sambão. Ela acha que aqui não moram só italianos, mas ela tem que se dar conta de que está comemorando os 107 anos da imigração italiana. Nós temos tantas outras datas para fazer essas festas, vamos respeitar os nossos antepassados. Aqui é a única cidade fora da Itália que foi feito o senso de italianita (italianidade), nós temos 95% de descendentes de imigrantes italianos na Região. Eu acho que as outras etnias também têm que se organizar. (SAVOLDI, 1998, p. 69-70)

É notório, na explanação do morador, o processo de afirmação perante as demais identidades presentes no Município. Para Zygmunt Bauman (2005), essa demonstração de disputas por espaço é própria das fronteiras estabelecidas pelas identidades nacionais, que, neste caso, em um microcosmo, demonstram a italianidade enquanto identidade étnica hegemônica, buscando se sobressair às demais, construindo a delimitação de onde termina o “nós” para começar o espaço dos “outros” (BAUMAN, 2005).

Neste íterim, nota-se que paulatinamente a italianidade de Nova Veneza passa a estar cada vez mais em evidência no cenário regional e estadual, à medida que a cidade vai incorporando novos símbolos para promover sua representação pública enquanto cidade étnica, ao mesmo tempo em que reforça as narrativas previamente suscitadas. Exemplo disso acontece em 2003, quando, através da aprovação da lei nº 12.789, apresentada pelo então Deputado Estadual Ronaldo

Benedet, o município recebe o título de Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana. Como pôde ser constatado em trabalhos anteriores, isso reflete no aumento das dimensões dos festejos citadinos, tanto por conta do título quanto devido a inspiração em um outro evento que ocorria no Estado de Goiás.

Após uma visita do Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro para realizar apresentações de dança em Nova Veneza - GO, no ano de 2004, foi notado que a cidade goiana possuía uma festa local bem estruturada, tendo como temática a gastronomia italiana¹¹. Diante da ida do prefeito da cidade catarinense para visitar o evento, resolveu-se realizar melhorias nos festejos do Município, ampliando os espaços cobertos e alterando o nome de “Festa em Comemoração à Colonização e Emancipação Política” para “Festa da Gastronomia Típica Italiana de Nova Veneza - SC” (PREIS JR., 2017, p. 34).

O movimento de institucionalização de um símbolo próprio da identidade local, como a gastronomia, se encaixa no que Zanini (2006) apresenta ao trabalhar o conceito de etnização da cultura:

Quando me refiro a etnização da cultura, não estou pressupondo que a cultura seja algo residual ou acabado, mas sim que ela também é um processo, uma estrutura viva e dinâmica que bebe dos acontecimentos cotidianos da vida coletiva e individual. Etnicizar a cultura é a designação que dou para a instrumentalização da diferença que observo ser utilizado pelos descendentes para se auto valorizarem, seja enquanto grupo ou como pessoa individualmente [...] A etnização da cultura permite a fluidez e a visão de maleabilidade dada ao grupo étnico. (ZANINI, 2006, p. 202)

A descoberta dessa maleabilidade étnica, desde a ficção na Itália virtual, até a transformação de uma cultura própria da identidade local em algo vinculado a italianidade, abre margem para um amplo imaginário que, diante do interesse em estabelecer um mercado turístico, fez com que no ano de 2006 um dos maiores símbolos atuais do turismo no município fosse incorporado ao repertório de Nova Veneza, sendo este a alocação da Gôndola Lucile na praça central da cidade.

¹¹ Para conhecer melhor o Festival Gastronômico que ocorre no mês de junho na cidade goiana de Nova Veneza, acesse a produção: KÖHLER, Dilceli Trevizan; OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Festival Italiano: Gastronomia e Cultura em Nova Veneza (GO)**. Anais - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE: O cenário econômico nacional e os desafios profissionais – 29/08/16 a 03/09/2016. p. 1 - 10. Disponível no Link: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/7367/4870>. Acesso em: 16 mar. 2021.

Figura 3 - Gôndola Lucille, em um lago artificial no centro de Nova Veneza



Fonte: Portal de Turismo de Nova Veneza¹²

Suspensa em um lago artificial, essa embarcação se trata de uma Gôndola Mortuária, doada pelo governo de Veneza, capital do Vêneto na Itália. Após anos de tratativas entre uma associação de gondoleiros de Veneza e figuras políticas de Nova Veneza, este símbolo foi adquirido, gerando um enorme impacto no turismo municipal. Em entrevista com a Secretaria de Turismo, foi apontado que os principais elementos que fazem as pessoas visitarem Nova Veneza, por só serem encontrados neste lugar fora da Itália, são, além da Gôndola Lucile, o Carnevale di Venezia.¹³

Aproveitando a toada da gôndola, que tornou mais do que nunca Nova Veneza uma cidade turística, sobressaindo-se inclusive em relação às demais cidades étnicas da região, por se tratar de um elemento chamativo do ponto de vista estético, pois “diferente do viajante, o turista necessita de simplificação da cultura [...]” (FLORES, 1997, p. 20), a partir do ano de 2008, um novo evento busca reafirmar a conexão construída pelo poder público Municipal entre a cidade do sul catarinense e a capital do Vêneto na Itália, sendo este a criação do Carnevale di Venezia.

O evento é descrito no site institucional de turismo de Nova Veneza da seguinte forma:

¹² GÔNDOLA Lucille. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/item/gondola-lucille>. Acesso em: 16 set. 2021.

¹³ Em trecho da entrevista com a secretária municipal de cultura, esporte e turismo, têm-se que “Com o advento da Gôndola, a cidade mudou de cara, porque mesmo que ela esteja num laguinho artificial, presa, porque a gente diz que ela está presinha ali, não é num canal né, ela começou desde o começo, muita gente que veio pra cá, pra ver uma gôndola. Porque na verdade, em Veneza tem duas coisas que só tem aqui e na Itália, que é a gôndola e o Carnaval de Veneza [...]” (BORTOLUZZI, 11/09/2017).

Como o nome insinua, é um baile realizado durante a Festa da Gastronomia, que retrata exatamente o Carnaval de Veneza, na Itália. O mistério envolve os participantes que vêm de várias partes do país em busca do charme e autenticidade de uma das mais conhecidas festas populares do mundo. Com trajes e máscaras coloridas, os personagens se divertem dançando em meio ao público da festa, ao som da tradicional música italiana.¹⁴

Percebe-se que, embora este diferencial tenha sido introduzido a pouco tempo na seara de atrações étnicas da cidade, o evento, assim como a ligação com Veneza, já são apresentados como elementos autênticos, à medida que a tradição inventada e utilizada em favor do turismo busca se atualizar sem olhar mais para o passado, construindo-se apenas na esfera simbólica. Neste sentido, o Carnaval de Veneza, enquanto um atrativo turístico, pode ser explicado por meio da seguinte metáfora: “costume” é o que fazem os juízes; “tradição” (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que é a ação do magistrado” (HOBBSAWM, 2018, p. 9).

Para Stuart Hall, a necessidade de autoafirmação enquanto detentores de uma identidade “autêntica” pode estar relacionada a uma “fantasia colonial”, própria de um olhar ocidental sobre os países periféricos, em que o consumo da cultura de determinada população deveria estar associado a algo “puro” que, mesmo diante da globalização em um mundo pós-moderno, ainda não se dissolveu no imaginário coletivo (HALL, 2003). E que neste caso específico é instrumentalizado para viabilizar a ascensão do Município no mercado do turismo através de termos como “típico”, “autêntico”, “tradicional”, “verdadeiro”, entre outros.

A encenação de Veneza que se construiu na cidade ainda é reforçada pelo Baile de Máscaras, que também ocorre desde 2008, entretanto, esse não faz parte da Festa da Gastronomia, sendo um evento mais exclusivo às elites do Município e turistas de maior poder aquisitivo, fechado ao público em geral. “Esta ocasião é marcada pela suntuosidade de trajes que fazem alusão aos da nobreza veneziana no século XVII e XVIII, assim como, máscaras que lembram os cortejos específicos do espaço e tempo em que são inspiradas” (PREIS JR., 2017, p.42). Realizado de forma

¹⁴ CARNEVALE di Venezia. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Categorias: Cultura e História, e Negócios e Eventos. Disponível em: : <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/item/carnevale-di-venezia>. Acesso em: 01 mar. 2021.

anual, no Palazzo Delle Acque, o Baile de Máscaras conta com atrações teatrais e musicais inspiradas na literatura e na arte italiana moderna.¹⁵

Ressalta-se que o próprio autor do livro “História de Nova Veneza - SC”, no prefácio de sua obra, aponta que muitas vezes os descendentes de imigrantes europeus têm a visão de que seus antepassados eram ricos e viviam junto a realeza, justificando que o seu livro serviria exatamente para demonstrar o contrário (BORTOLOTTI, 1992). É interessante perceber, diante desta explanação, como ocorreram as mudanças de discurso sobre a italianidade em Nova Veneza - SC ao longo do processo de “resgate” até sua turistização, que em um primeiro momento bebeu-se de uma etnização do martírio em seus antepassados, criando uma identidade ligada à colonização, e que hoje reproduz uma representação que remete a um passado “glorioso”.

Tal perspectiva é/foi construída como um reflexo da forma com que se deu o “resgate” da italianidade no Município, em que todo o processo foi encabeçado pelas elites locais, visando construir uma narrativa positivada de seu passado, desde 1991. Desta forma, embora com uma nova roupagem, as ações ainda carregam uma visão eurocêntrica da Itália vista de fora para dentro, da periferia para o centro, a partir do olhar daqueles que tiveram o aporte econômico e cultural para interpretar os simbolismos desta “italianidade”. Isso constrói uma realidade em que, como salientam Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-fenart, os que possuem o poder de mobilização étnica, instrumentalizando as identidades para atender a suas demandas culturais, encontram na própria reprodução deste conteúdo o seu caminho para conquistar maior influência e prestígio perante a sociedade, enquanto defensores da etnicidade local (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 2011).

Até a chegada da Gôndola em 2006, a única ligação entre Nova Veneza e Veneza encontrava-se na própria nomenclatura em alusão à capital da região do Vêneto, no norte da Itália. Tal nome fora dado na criação da colônia em referência aos canais fluviais de Veneza comparados ao Rio Mãe Luzia, que corta todo o centro do atual Município. Da mesma forma ocorreu no município vizinho de Treviso, em que o

¹⁵ BAILE de máscaras de Nova Veneza surpreende aos convidados com o espetáculo “As quatro Estações”. **Portal Veneza**, 3 jun. 2018. Categoria: Festa da Gastronomia. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/baile-mascaras-nova-veneza-surpreende-aos-convidados-com-espetaculo-quatro-estacoes/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

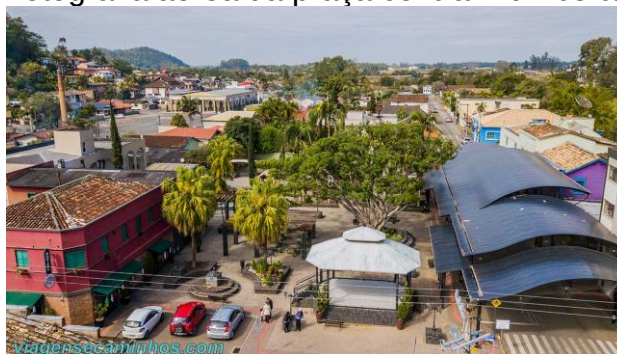
nome também é homenagem a uma província do Vêneto, que neste caso é a de Treviso. Não há, entretanto, nenhuma ligação entre os colonizadores de Nova Veneza em relação à nobreza veneziana, pois esses correspondiam, em sua maioria, ao campesinato italiano do fim do século XIX.

Nota-se que a etnicidade, especialmente quando utilizada para o incremento de um setor da economia, tem como característica uma grande fluidez, na busca por novos atrativos culturais em um mundo de relações e mercados fugazes, pois como reforçam Poutignat e Streiff-fenart:

A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram “cabides” nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consagração ou de identificação com um grupo étnico. (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 2011, p.129)

Constituiu-se assim na cidade um emaranhado de símbolos que, ao passo que representam, também determinam a italianidade do Município. No local, podemos ver a representação da colonização em monumentos que reforçam o aspecto trabalhador dos antigos imigrantes, com o nome de todas as famílias que ajudaram a construir o ideal de progresso, respaldados pelo mito pioneiro; ao mesmo tempo em que observa-se a construção identitária local na alimentação dos imigrantes e seus descendentes, que abastecem o turismo gastronômico com restaurantes, por vezes, de alto padrão; estes aspectos, ainda, são complementados pela reconstrução mimética da cidade de Veneza, vista de uma perspectiva romântica e fotogênica.

Figura 4 - Fotografia aérea da praça central Humberto Bortoluzzi



Fonte: Site Viagens e Caminhos.¹⁶

¹⁶ PRANDI, Jair. Nova Veneza SC: 20 Pontos Turísticos - – Nova Veneza é um pequeno pedaço da Itália no Sul de Santa Catarina. **Viagens e Caminhos**. 2020. Disponível em: <https://www.viagensecaminhos.com/2020/09/nova-veneza-sc.html>. Acesso em: 13 nov. 2021.

Figura 5 - Casarões da família Bortoluzzi, onde hoje funciona uma loja de roupas de grife e o restaurante Casa do Chico



Fonte: Site Viagens e Caminhos.

Eis os cabides que sustentam a construção da identidade étnica italiana em Nova Veneza, que parte do culto aos antepassados para chegar no desenvolvimento econômico através do Turismo. Concorde-se com Flores (1997), quando a autora aponta que:

Na invenção desta cidade étnica, há uma profunda imbricação entre o saber sobre o que é a sociedade real e o projeto de reforma da educação do povo para tornarem-se membros de uma sociedade ficcional. Afinal, a cultura tornou-se uma mercadoria, uma mercadoria simbólica, feita de ilusão e imagem. E como já afirmamos reiteradas vezes, a mercadoria-cultura não é separada de seus sujeitos. O povo encarna esta mercadoria ou a mercadoria é encarnada pelo povo. (FLORES, 1997, p. 101)

A cidade étnica turística, ao entrar na disputa de um setor competitivo da economia global, transforma-se em um reflexo da cultura consumista pós-moderna, que assim como uma empresa, ou um sujeito, obrigatoriamente deve seguir a ideologia da inovação, sempre em busca de novos símbolos para atender uma clientela ávida por novidades, produtos e serviços, assim como novas experiências culturais a serem vivenciadas. Sendo que neste caso, o produto é a própria cultura, ou os traços minuciosamente selecionados para representar a etnicidade do Município. Isso condiz com a realidade atual descrita por Fredric Jameson:

A urgência estética desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades (de roupas a aviões), com um ritmo de *turn over* cada vez maior atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo. (JAMESON, 1996, p. 30)

A partir de 2008, quase que anualmente surgem novos cabides, através de investimentos públicos e privados, visando reforçar a imagem do centro municipal de

Nova Veneza como um espaço turistizado. Estas novas intervenções ocorrem em referência, ora à história local, como é o caso da “Ponte Dei Morosi” em 2016 (Ponte dos Namorados na tradução do Vêneto) em alusão à primeira ponte construída para ligar um lado ao outro do Rio Mãe Luzia no centro da cidade,¹⁷ ora na legitimação enquanto Capital Gastronômica Italiana, o que pode ser constatado com a busca pelo título de Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana, conquistado pela Lei nº 13.678/18, em 2018, por intermédio da Deputada Federal Geovânia de Sá.

Ao mesmo tempo é reforçada a construção simbólica enquanto uma Veneza no Brasil, o que pode ser notado no projeto que o Município vêm pondo em prática desde 2019, visando incorporar uma nova gôndola à região central da cidade, mas agora construindo um canal que viabilize a locomoção de turistas em um trecho de 400 metros da rua Nicolau Pederneiras, onde também está localizada a rua coberta.¹⁸

¹⁷ BORTOLIN, Marciano. “Ponte dei Morosi” é inaugurada em Nova Veneza: o novo ponto turístico promete ser uma grande atração, principalmente para os casais apaixonados. **TNSul**: Tribunal de Notícias Sul, 2016. Nova Veneza. Geral. Disponível em: <https://tnsul.com/2016/geral/ponte-dei-morosi-e-inaugurada-em-nova-veneza/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

¹⁸ BORGES, Bruna. Nova Veneza planeja construir um canal para a gôndola: Trajeto idealizado pela Prefeitura tem 400 metros e possibilitará passeio de ida e volta na embarcação. **4 OITO**, 21 mar. 2019. Nova Veneza. Cotidiano. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/nova-veneza-planeja-construir-um-canal-para-a-gondola-11793>. Acesso em: 18 fev. 2021.

Figura 6 - Recortes do vídeo que apresenta o canal que será construído para a navegação da nova Gôndola, que prevê a criação de um canal de água artificial que cobrirá 400 metros da rua Nicolau Pederneiras, ao lado da praça Humberto Bortoluzzi



Fonte: Site TNSUL.¹⁹

Todos esses incentivos, dados pelo poder público em aliança com setores os privados da economia local, fizeram com que apenas na região central da cidade sejam encontrados, na atualidade, doze empreendimentos gastronômicos, que vão desde restaurantes especializados em gastronomia local – que possuem como carro chefe a galinha ensopada, servida com polenta e fortaia, além de massas -, passando por cafés coloniais, pizzarias e churrascarias, até hamburguerias com a temática italiana. Da mesma forma, as casas remanescentes da colonização se tornaram, além de restaurantes, lojas de roupas de grife e souvenirs (PREIS JR, 2017). Ainda, o setor hoteleiro se amplia e se especializa para atender aos turistas, com infraestrutura que vai desde opções como pousadas para admirar as belezas naturais, localizadas no interior do Município, até hospedagens de alto padrão, no centro da cidade.²⁰

Assim se moldou o espaço turístico de Nova Veneza, construído a partir do “resgate” das italianidades no seu centenário de colonização e atualmente mimetizada para atender os apelos estéticos do mercado de consumo. Embora com traços específicos de uma identidade étnica construída a partir e para o desenvolvimento do turismo, a estética da cidade étnica encontra-se dentro de um modelo que pode ser visto em outras comunidades do Estado de Santa Catarina, que se utilizam do apelo europeu para angariar o público consumidor. Este modelo não abre margem para fissuras, é feito para ser fotografado e admirado como um aquário, que deve ser constantemente re-enfeitado e higienizado (FLORES, 1997).

¹⁹ CANAL da Gôndola. Canal: **Tribuna de Notícias**. 19 de abr. de 2022. [1:28 min.]. Disponível em: <https://youtu.be/Czw4D5e7MoY>. Acesso em: 30 abr. 2022.

²⁰ ONDE ficar. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/onde-ficar#> Acesso em: 19 fev. 2021.

Este modelo cenográfico da cidade turística impulsionou uma transformação total na cidade sede, que diante das características de como se deu o processo, alicerçado na identidade étnica para construir um projeto turístico, pode surtir efeitos entre seus habitantes parecidos com os processos de urbanização em meio a globalização dos espaços territoriais descritos por Milton Santos (1994):

A partir desse quadro, o espaço se redefine como um conjunto indissociável no qual os sistemas de objetos são cada vez mais artificiais e os sistemas de ações são, cada vez mais, tendentes a fins estranhos ao lugar. Em outras palavras, de um ponto de vista do lugar e seus habitantes, a remodelação espacial se constrói a partir de uma vontade distante e estranha, mas que se impõe à consciência dos que vão praticar essa vontade. (SANTOS, 1994, p. 49)

Diante disso, entende-se que um processo de construção turística, em especial neste caso, em que o mercado se alimenta da identidade da própria população local para criar um produto diferenciado, deve ter nesta população sua finalidade e não no consumidor final, o turista. Como aponta Margarita Barretto (2007): “Na visão da maior parte das pessoas, inclusive daquelas que têm o poder de decisão nas esferas governamentais, o turismo se reduz à viagem, e o planejamento, à propaganda e à elaboração de pacotes” (BARRETO, 2007, posição 100).

Nesta perspectiva, dificilmente a população em si seria a maior beneficiada pelos empreendimentos turísticos, pois a ela restaria apenas o papel de ser parte do produto turístico através da venda da sua força de trabalho, abrindo margem para a criação de uma realidade paradoxal, que se constrói em locais onde o turismo se reproduz sem a melhoria da qualidade de vida e de emprego da população, pois: “os turistas passam a ser uma espécie de ‘mal necessário’. Mal, porque sua presença incomoda (competição pelo espaço, por recursos escassos, ostentação de riqueza etc.); necessário, porque seu dinheiro faz falta” (BARRETO, 2007, posição 1217).

Por isso se faz importante que a população esteja envolvida e seja constantemente engajada para participar das tomadas de decisão junto ao poder público, caso contrário, os planejamentos ficariam entregues nas mãos de grupos específicos da comunidade, atendendo apenas a demandas de mercado, o que por sua vez poderia levar a processos de gentrificação da comunidade receptora, engolida por projetos desordenados e predatórios do ponto de vista urbanístico e comercial (BARRETO, 2007).

Salienta-se que o empreendimento turístico em Nova Veneza, principalmente por trabalhar a partir dos aportes étnico-identitários de seus moradores, deve respeitar os aspectos socioculturais e ecológicos de seu território, para que em meio ao crescente incremento de cabides étnicos não se torne uma comunidade “guarda-roupas”.

As comunidades guarda-roupas são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. Suas vantagens em relação a “coisa genuína” são precisamente a curta duração de seu ciclo de vida e a precariedade do compromisso necessário para ingressar nelas e (embora por breve tempo) aproveitá-las. (BAUMAN, 2005, p. 37)

Por isso, embora pregue um discurso voltado à tradicionalidade dos valores de sua população, podemos constatar que o repertório turístico da cidade étnica foi construído enquanto um projeto político, encabeçado pela iniciativa pública e privada, utilizando-se de uma suposta homogeneidade de seus habitantes para produzir discursos simbólicos em torno da representação pública da etnicidade municipal, desenrolando-se, assim, como movimento típico da pós-modernidade, descrita por Nestor Canclini:

Sin libreto ni autor, la cultura visual y la cultura política posmodernas son testimonios de la discontinuidad del mundo y de los sujetos, la copresencia - melancólica o paródica, según el ánimo - de variaciones que el mercado auspicia para renovar las ventas, y que las tendencias políticas ensayan [...] (CANCLINI, 1990, p. 309)

Distante de ser pacífico, o cenário que se construiu em volta do turismo está sempre sujeito a conflitos entre os diferentes agentes que compõem essa arena, além dos próprios cidadãos locais, que compartilham do mesmo espaço e reivindicam a resolução de seus interesses. A cidade étnica turistizada deve estar preparada para a arena das constantes trocas culturais, algo próprio da contemporaneidade no mundo, o que pode ajudar a fortalecer a identidade local de seus habitantes. Ao mesmo tempo em que também pode sofrer as consequências rebotadas em decorrência da pós-modernidade, caracterizada pelas desigualdades sociais geradas pela instabilidade econômica e política do “terceiro mundo”.

3 O TURISMO EM NOVA VENEZA ANTE AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Em pesquisa elaborada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), constatou-se que o Turismo movimentou, no Brasil, 238,6 bilhões no ano de 2019 (TURISMO, 2020), o que representa um aumento de 2% em relação ao ano anterior. Esses dados demonstram a relevância desta atividade econômica no território brasileiro antes dos efeitos causados pela pandemia de covid-19, que atingiu fortemente este setor por conta das restrições sanitárias e da quarentena.

Em escala global, sem dúvidas o turismo é uma das atividades econômicas mais utilizadas para o desenvolvimento socioeconômico nos países ao redor do mundo, isso é alimentado, em grande medida, pela excessiva necessidade que o ser humano pós-moderno tem de consumir novas experiências, lugares e produtos. Em sua obra *A modernidade Líquida*, Zygmunt Bauman (2001) aponta para a amplitude do enraizamento consumista em nossa sociedade, e, diante desta, realidade os Estados e empreendedores se aproveitam para construir novos produtos em busca de maiores lucros.

Historicamente, as discussões sobre o turismo no Brasil ganharam maior fôlego apenas a partir dos anos 1990, quando surgem Políticas Públicas mais estruturadas para o setor. Concomitantemente, a ideia de uma administração pública descentralizada passou a ganhar fôlego, reverberando no turismo em diversas cidades país, onde inclui-se Nova Veneza, que a partir de 1991, em seu centenário de colonização italiana, passou a semear um turismo cultural pautado na representação étnica de seus antepassados.

Seguindo essa perspectiva, o presente capítulo inicialmente busca realizar um breve levantamento histórico sobre as Políticas Públicas do turismo no Brasil, para em seguida focalizar especialmente nas ações descentralizadas do Estado a partir da década de 1990, em meio a virada neoliberal, que no campo do turismo atrela-se a políticas como o Plano Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), de 1991, bem como o seu sucessor, o Programa de Regionalização do Turismo (PRT), em 2004. Partindo disso, busca-se discutir como reverberam tais políticas públicas na arena turística de Nova Veneza, em que o conceito de território é de fundamental importância para compreender a dinâmica que se estabeleceu.

3.1 BREVE HISTÓRICO DAS POLÍTICAS DO TURISMO NO BRASIL

Embora o foco de análise seja especificamente o período mencionado acima, as iniciativas públicas em prol do turismo no Brasil não se apresentam como algo tão recente. Ao longo do século XX, embora em menor medida, existiram alguns exemplos de ações políticas tomadas por parte do governo brasileiro, em seus diferentes momentos, visando tanto regulamentar a atividade turística quanto promover determinados atrativos como sendo símbolos da indústria turística nacional.

A primeira iniciativa do governo brasileiro ocorreu no final da década de 1930, durante o período conhecido como Estado Novo. Naquele momento, em que o Estado brasileiro fora regido por uma política ditatorial, após o golpe em 1937, sob a liderança de Getúlio Vargas, pela primeira vez o Estado Brasileiro, quanto centralizador das atividades administrativas, estabelece um aparato jurídico de controle aos serviços ligados ao turismo, como as agências de viagens e as casas de câmbio. Isso pode ser notado no Decreto Lei. N. 406/38, que em seu artigo 59, explicita:

Os estabelecimentos que desejarem operar em câmbio manual ou venda de passagens deverão solicitar autorização no Ministério da Fazenda, quanto á primeira parte e no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, quanto á segunda, e só poderão funcionar depois de feita a prova de possuírem capital mínimo de 250:000\$ (duzentos e cinquenta contos de réis) e de fazerem a caução de 100:000\$ (cem contos de réis), no Tesouro Nacional, em moeda corrente ou apólices da dívida pública federal. (BRASIL, 1938)

Isso garantia que apenas as agências e empresas autorizadas pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Turismo que atendessem às exigências impostas pudessem intermediar a entrada e saída de turistas no Brasil. No entanto, este é apenas ponto de partida de um período que é chamado de uma “pré-história jurídico-institucional das políticas nacionais do turismo” (CRUZ, 2000 p. 44), um período inicial do reconhecimento e regulamentação das atividades voltadas para esse setor que se estende de 1938 até 1966.

No ano seguinte ao decreto referido acima, seria ainda criado pelo Decreto-lei n. 1.915, de 27 de dezembro de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão do governo que, além de promover a divulgação de materiais midiáticos positivos aos interesses do governo e censurar todas as formas de contestação, também era composto pela primeira divisão institucional referente à atividade turística no Brasil, a Divisão do Turismo (BRASIL, 1939).

Seguindo a tomada de inserções que ocorriam na legislação brasileira sobre a atividade turística no final da década de 1930, em julho de 1940, pela primeira vez um certificado legal é criado para dispor sobre as competências em relação aos agentes que compunham o turístico, assim como reforçava a necessidade de regulamentação das empresas interessadas no setor:

As agências de viagens e turismo, as agências de turismo e as companhias e agências de navegação e de passagens marítimas, fluviais e aéreas poderão organizar, por conta própria, ou em conexão com as empresas de transporte e de hospedagem, viagens coletivas de excursão, quando autorizadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, e na forma e nas condições que este determinar. (BRASIL, 1940)

É importante salientar que o Estado brasileiro, naquele momento, ao passo que criava um título específico para referenciar os privilégios direcionados a atividade turística, também, em certa medida, entregava a tutela desta atividade nas mãos dos setores privados, que, por sua vez, exploraram esta atividade por um viés estritamente econômico, em um período em que ainda não havia interesse de aplicação desta atividade enquanto um real promotor de desenvolvimento para as diferentes regiões do país.

Isso se tornou problemático pois a política pública, neste sentido, não dispunha de aparatos legais que visassem a inserção do turismo em sua forma mais ampla, excluindo a existência dos próprios trabalhadores envolvidos no processo, assim como as comunidades receptoras. Em grande medida, essa visão inicial tomada pelo Estado, onde se privilegia o desenvolvimento econômico sem estabelecer planos nem aparatos complexos de regulamentação, reverbera diretamente na propensão turística brasileira em privilegiar um turismo de massa até os dias de hoje (CRUZ, 2000, p. 46).

O Turismo de Massa foi a primeira forma de exploração deste setor no pós Segunda Guerra Mundial, onde a atividade se desenvolveu de forma sazonal e com grandes fluxos de entrada dos turistas. No Brasil, até o final da década de 1980, os principais espaços de reprodução do turismo se estabeleceram sob o “binômio sol-praia e ecossistemas como Amazônia e Pantanal” (Cruz, 2000, p. 62). Desta forma, os empresários do ramo se utilizavam das belezas naturais do país para a obtenção de lucros, em um modelo repleto de fatores indesejáveis e insustentáveis do ponto de vista territorial, cultural e socioeconômico, devido à falta de planejamento característico do turismo de massa. Como descreve Margarita Barreto:

Ao turismo de massas se atribuem todos os aspectos negativos da atividade: impactos no meio ambiente, efeitos na sociedade receptora, qualidade da experiência para os próprios turistas. A quantidade excessiva de turistas leva a que as praias se transformem em aglomerados de quiosques e guarda-sóis, que portos, aeroportos e rodoviárias saturem, provoca atraso nos meios de transporte e engarrafamentos nas estradas. A infraestrutura urbana satura, ocasionando falta de luz e água; a coleta do lixo resulta insuficiente; proliferam os insetos e os odores. A população local se irrita. (BARRETO, 2007, posição 1288)

Durante os Governos Ditatoriais que assumiram a política brasileira, primeiro de 1937 até 1945, em meio ao Estado Novo e, posteriormente, com o Regime Civil-Militar, de 1964 até 1985, a perspectiva com que a governança foi regida se baseou na centralização político-administrativa. No entanto, como já se pôde notar, em relação ao turismo essa centralização se explicita apenas na fiscalização-burocratização desta atividade no país, que por quase todo este período esteve à margem da agenda pública. Isso pode ser notado se analisarmos que, após 1940, a pauta do turismo passa por diversas pastas no governo, sempre ficando sob responsabilidade de secretarias mais amplas ligadas à Imigração, Indústria e Comércio, chegando até mesmo a ser extinta entre 1946 e 1958 (CRUZ, 2000).

Na década de 1960, dois órgãos foram criados para iniciar os debates sobre o turismo no país, pois o governo Federal, enfim, dispõe de políticas estratégicas para o setor, como apontam Cíntia Möller Araújo e Gisela Taschner (2012). Isso ocorreu no lançamento do Decreto-Lei. Nº 55/66, de 1966, onde são criados o Conselho Nacional do Turismo (CNTur) e o (Embratur). Fica, assim, instituído em seu artigo 4º, que o CNTur seria responsável por articular as Políticas Nacionais do Turismo (PNT): “É criado o Conselho Nacional de Turismo, tendo como atribuições formular, coordenar e dirigir a política nacional de turismo” (BRASIL, 1966). Quanto ao EMBRATUR, caberia a carga de órgão executor das estratégias elaboradas pelo CNTur, como pode-se notar no artigo 11º, do já sinalizado Decreto-Lei:

É criada a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio, com a natureza de Empresa Pública e a finalidade de incrementar o desenvolvimento da indústria de Turismo e executar no âmbito nacional as diretrizes que lhes forem traçadas pelo Governo. (BRASIL, 1966)

Estas medidas representaram um grande passo na trajetória dos debates institucionais sobre a atividade turística no país, mesmo estando subordinadas ao Ministério de Indústria e Comércio até o início da década de 1990. A EMBRATUR e o CNTur avançaram na institucionalização de debates mais profundos sobre o

turismo, ainda que reproduzindo um pensamento estritamente econômico e ignorando as complexidades do fenômeno turístico de forma mais ampla.

Agnaldo Fratucci salienta que as prioridades em relação aos territórios turísticos, naquele momento, tiveram seu foco no incentivo ao turismo internacional e de alto padrão, direcionando os esforços do Estado no fomento à entrada e ampliação de empreendimentos luxuosos como resorts e hotéis cinco estrelas, o que contribuiu para a estagnação nas discussões sobre o fortalecimento efetivo de um mercado interno para o turismo nacional devido à alta concentração de estímulos visando inserir trechos específicos do território nos roteiros turísticos internacionais, representado por paisagens paradisíacas distribuídas ao longo de toda a extensa costa brasileira (FRATUCCI, 2008).

Tal fator deu continuidade à tendência histórica de um modelo pouco harmonioso de desenvolvimento do turismo no país, pois, ao impulsionar o consumo internacional de alto padrão, mascarava as discussões sobre os problemas já corriqueiros da atividade, como a continuidade desordenada do consumo de um turismo de massa. Isso acabou por fortalecer desigualdades regionais, assim como não se ampliou o campo de visão das políticas para o turismo, ignorando as demandas sociais, culturais, e estruturais, tanto nas áreas periféricas dos destinos turísticos, quanto nas demais regiões pouco exploradas por não possuírem potencialidade turística nos padrões estabelecidos.

Com isso, apenas a partir da década de 1990, é que o turismo passa a ser pensado de uma forma mais estruturada. Após décadas de uma “marginalização” da atividade, enquanto um setor produtivo relevante para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, o Governo Federal pós-redemocratização utiliza-se de uma organização descentralizada para, enfim, propor planejamentos mais complexos de fomento e estruturação da atividade no país. Essa nova fase inicia-se com a reestruturação da Embratur, que deixa de ser uma empresa pública para se tornar uma autarquia especial (CRUZ, 2000). Fica, então, a cargo da Embratur elaborar uma Política Nacional de Turismo, que veio a ser regulamentada pelo decreto 448 em 14 de fevereiro de 1992. Neste documento, a política nacional de turismo objetivava, em seu artigo 3º:

I - democratizar o acesso ao Turismo Nacional, pela incorporação de diferentes segmentos populacionais, de forma a contribuir para a elevação do bem-estar das classes de menor poder aquisitivo;

II - reduzir as disparidades sociais e econômicas de ordem regional, através do crescimento da oferta de emprego e melhor distribuição de renda;
 III - aumentar os fluxos turísticos, a taxa de permanência e o gasto médio de turistas estrangeiros no País, mediante maior divulgação do produto brasileiro em mercados com potencial emissivo em nível internacional;
 IV - difundir novos pontos turísticos, com vistas a diversificar os fluxos entre as Unidades da Federação e beneficiar especialmente as regiões de menor nível de desenvolvimento;
 V - ampliar e diversificar os equipamentos e serviços turísticos, adequando-os às características socio-econômicas regionais e municipais;
 VI - estimular o aproveitamento turístico dos recursos naturais e culturais que integram o patrimônio turístico, com vistas à sua valorização e conservação;
 VII - estimular a criação e implantação de equipamentos destinados a atividades de expressão cultural, serviços de animação turística e outras atrações com capacidade de retenção e prolongamento da permanência dos turistas. (BRASIL, 1992)

Percebe-se, pelo menos na teoria, uma maior atenção nas diretrizes do Governo Federal em relação à questão social inerente ao desenvolvimento do turismo, em especial no inciso V, em que é destacada a questão dos territórios com menor desenvolvimento socioeconômico como espaços alvo de inserção das políticas do turismo. No entanto, tais medidas não possuíam uma estratégia para atingir estes fins, deixando muito em aberto como isso seria posto em ação (CRUZ, 2000). Assim como, diante do impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, ainda no ano de 1992, tais políticas não chegaram a ser concretizadas na prática (FRATUCCI, 2014).

Nos governos seguintes, estabelece-se cada vez mais a tendência de descentralização da administração pública em relação ao turismo, tendo inicialmente uma propensão para a municipalização desta atividade. O PLANTUR (Plano Nacional do Turismo) é um reflexo da entrada efetiva de políticas neoliberais, pautadas na descentralização para o enxugamento da máquina pública. Entre as principais competências do PLANTUR, estavam: valorização e preservação ambiental; eficiência administrativa; estreitamento das relações entre as diferentes instâncias governamentais e da iniciativa privada (CRUZ, 2000). Uma de suas principais estratégias organizacionais, inclusive, é a criação do PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo), que reverberou de 1994 a 2001.

Na perspectiva de Marta Arretche, as medidas descentralizadoras que ganham força neste contexto surgem em um momento em que a descrença nas instituições fortaleceu a crença de que, ao descentralizar as formas de prestação de serviços públicos, construíram-se formatos mais democráticos de governo, o que elevaria a eficiência das políticas públicas, reverberando em um maior nível de bem-estar para a população como um todo (ARRETICHE, 1996).

3.2 TERRITÓRIOS E POLÍTICAS PÚBLICAS DO TURISMO NO BRASIL

Para entender as políticas públicas para o turismo, principalmente no que diz respeito ao recorte a partir dos anos 1990, é indissociável a compreensão prévia sobre Territórios, sendo que esta atividade está diretamente vinculada ao deslocamento humano em busca de um produto “turístico”, que por sua vez, trata-se de algo estático. Embora no mundo contemporâneo se torne crescente a utilização dos meios digitais para disponibilizar formas de turismo virtual, Rita de Cássia Cruz salienta que o turismo é uma das únicas atividades econômicas pós-modernas que sobrevivem elementarmente de espaço (CRUZ, 2000, p. 8).

Diante disso, dispõe-se da visão de Milton Santos para a compreensão destes dois conceitos de grande importância, o Território e o Espaço. O primeiro é delimitado pela geopolítica historicamente constituída, enquanto o segundo se apresenta como o resultado das ações humanas em sua reprodução social, econômica e cultural ao longo do tempo em dado recorte territorial. Desta forma, “a utilização do território pela população cria o espaço” (SANTOS, 1978, apud SAQUET; SILVA, 2008, p. 8), ou seja, o território antecede o espaço.

Ao analisarmos as políticas públicas direcionadas ao Turismo no Brasil, torna-se evidente que as ações direcionadas ao setor caracterizam um reflexo da dinâmica político-econômica do país ao longo dos anos. Neste sentido, por se tratar de uma atividade que ganha maior impulso a partir do final do século XX, as políticas do Estado brasileiro em prol do turismo acompanham os movimentos de descentralização administrativa do país em um movimento carregado pela onda neoliberal que chega ao Brasil, em especial, a partir de 1990.

Em escala global, desde a década de 1970, pôde-se observar a ascensão de políticas neoliberais que vieram como uma forma de superar as antigas estruturas de governos de cunho social, para a consagração do mercado enquanto protagonista nos ditames da agenda política. Por definição, de acordo com David Harvey:

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a estas práticas; o Estado tem que garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. (HARVEY, 2008, p. 12)

Partindo deste discurso, em meio aos últimos anos do século XX, o neoliberalismo foi se construindo como uma forma de superação do Welfare State (Estado de bem-estar social), modelo de gestão que fora adotado principalmente nos países desenvolvidos a partir dos anos de 1940, com grande inspiração do pensamento Keynesiano. Enquanto o Welfare State, como aponta José Luís Fiori, fora pautado na busca da estabilidade social através do pleno emprego e da redistribuição de renda (FIORI, 1997), o neoliberalismo se consolida por meio de ideias como a capacidade universal dos sujeitos de construir condições para o exercício pleno de sua reprodução social, cultural, política e econômica.

Em sua obra intitulada *Neoliberalismo, história e implicações*, Harvey mostra que as nações que lideraram a chamada “virada neo-liberal” foram os Estados Unidos e a Inglaterra, tendo como objetivo principal consagrar um projeto teórico utópico que visou reorganizar o capitalismo internacional para a restauração do poder das elites, partindo do reestabelecimento da acumulação de capital nas mãos de uma porção mínima da população mundial (HARVEY, 2008). Tal estratégia revelou-se ao longo do tempo como insuficiente, quando não predatória, em países menos desenvolvidos, como é o caso dos latino-americanos. Desta forma, o neoliberalismo veio apenas ampliar os “Desenvolvimentos Geográficos Desiguais” (HARVEY, 2008), que reforçam a hegemonia dos grandes centros do mercado financeiro global, ficando a carga de ônus do processo aos países periféricos, onde esta política econômica apresentou-se como:

“um novo imperialismo: pilhagem da economia, incremento de vastas desigualdades, estagnação econômica seguida de uma profunda e duradoura depressão e monumental empobrecimento da população em consequência da maior concentração de riqueza da história” [...] do país. (VELTMEYER e PETRAS, 2003, p. 86, apud. HARVEY, 2008, p. 116)

Nacionalmente, como aponta Carlos Brandão, “[...] o Brasil resistiu, bem ou mal, ao rentismo e ao neoliberalismo nos anos 1980, mas capitulou nos anos 1990” (BRANDÃO, 2012, p.17). Desta forma, a virada neoliberal brasileira foi marcada pela inserção nos mercados mundializados de forma passiva, o que reverberou de forma negativa na questão territorial do país devido aos impactos gerados pela entrada da prevalência de decisões ditadas pelo mercado, em um país heterogêneo e continental como o Brasil, sem a prévia elaboração de ações e estruturas políticas que preparassem terreno para sua entrada eminente (BRANDÃO, 2012).

Luiz Filgueiras corrobora com os motivos que levaram à inserção tardia do neoliberalismo no Brasil. Segundo o autor, o país foi o último na América Latina a ceder a entrada dos mercados globais e a financeirização da riqueza por conta de dois aspectos específicos do cenário nacional: a dificuldade em alinhar os diferentes interesses da heterogênea cadeia produtiva brasileira, que se encontrava atrelada a um modelo de substituição de importações, e a crescente organização sindical com um proletariado ativo e participativo das decisões políticas, em organizações como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT) (FILGUEIRAS, 2006).

Mesmo em certa medida “atrasada”, a virada neoliberal no Brasil passa a ocorrer paulatinamente a partir da década de 1990, tal acontecimento pode ser notado pela descentralização das tomadas de decisão na administração pública do país. Nesta conjuntura, o Brasil passa por uma grande ruptura em relação a sua própria organização territorial, que aparece explicitada na obra de Milton Santos ao descrever as transformações dos espaços em meio a entrada de políticas neoliberais no país:

Hoje, uma organização precede e preside à estruturação do trabalho, a partir do nível mundial, ditando as formas de vida das sociedades as mais diversas, e pretendendo mesmo impor as modalidades com as quais os diversos povos realizam o seu estatuto nacional. As formas de intervenção atual dos grandes organismos internacionais na vida íntima de cada país são um exemplo. Esse ditame organizacional, externo a cada nação, e que impõe, dentro de cada país, novas formas de convivência, termina por definir, redimensionar e reorganizar tudo, até mesmo o espaço. (SANTOS, 1994, p. 49)

Percebe-se na fala do autor que tais transformações na política econômica atingem todos os níveis da sociedade, e não simplesmente na mudança de gestão pública. Com as transformações advindas deste sistema econômico e que se espalha através da sua entrada massiva nas políticas do Estado, os territórios passam por uma reorganização para a sua adequação, tendo em vista a entrada no mercado global.

No Brasil, talvez um dos setores da economia em que mais se pôde observar a descentralização administrativa em meio a virada para um modelo neoliberal de política econômica, foi o do Turismo. Isso porque concomitantemente à entrada massiva nestes novos moldes de administração pública no Brasil, também ocorre o movimento de descentralização das políticas do turismo. Partindo deste suposto, presumiu-se, naquele momento, que a partir do recorte Municipal como protagonista, seria possível consolidar desenvolvimentos locais catalisados pelo turismo. Desta forma, metodologicamente o PNMT voltou-se à capacitação dos agentes municipais,

públicos e privados que se interessassem na concretização de projetos turísticos em seus territórios, orientando-se com base em 5 pilares: “descentralização, sustentabilidade, parcerias, mobilização e capacitação” (BRASÍLIA, 2007).

Esse modelo participativo na condução das políticas públicas demonstra o esforço do Governo Federal, a partir da década de 1990, quando se iniciaram as políticas de descentralização, em estabelecer uma administração pública gerencial para o turismo, que de acordo com Luiz Carlos Bresser-Pereira, economista e Ministro da Fazenda durante o governo Fernando Henrique Cardoso:

É orientada para o cidadão e para a obtenção de resultados; pressupõe que os políticos e os funcionários públicos são merecedores de um grau real ainda que limitado de confiança; como estratégia, serve-se da descentralização e do incentivo à criatividade e à inovação; o instrumento mediante o qual se faz o controle sobre os órgãos descentralizados é o contrato de gestão. (BRESSER-PEREIRA, 2001, p. 10)

Com esse modelo de gestão, o Governo Federal pretendia que os municípios desenvolvessem uma vocação turística, pautando-se na conscientização e sensibilização das comunidades por meio da capacitação de agentes públicos e privados sobre a importância do turismo como promotor de renda, propondo-se em unir crescimento econômico à sustentabilidade ambiental e preservação histórico cultural, com uma gestão participativa e comunitária sobre as decisões do futuro de seus próprios municípios (BRASÍLIA, 2007, p. 16).

Percebe-se a diferença do papel do poder público em suas políticas adotadas para o turismo a partir do PNMT, se comparado a outros setores produtivos do Estado. Ao perceber que, como aponta Davis Gruber Sansolo, enquanto em outras áreas a política pública busca investir economicamente de cima para baixo, para desenvolver regiões e municípios partindo da esfera Federal, no caso do turismo o Estado fomenta e capacita para que as ações sejam realizadas na esfera local, vindo a promover o desenvolvimento do país como um todo (SANSOLO, 2013, p. 107).

Para organizar os níveis de governança da atividade turística, em meio a este modelo descentralizado de administração, o Governo Federal estabeleceu os três níveis responsáveis pela administração do turismo brasileiro, compostos e atribuídos de suas respectivas atuações:

1) Instância Nacional: atuava por intermédio do Comitê Executivo Nacional, com a função de planejar e avaliar as ações públicas. Esse Comitê era constituído por representantes de entidades de atuação nacional e pela

Coordenação Geral do PNMT, exercida pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR;

2) Instância Estadual: atuava por meio do Comitê Estadual vinculado ao órgão gestor da política de turismo. Obedecia à estrutura e aos objetivos similares aos da coordenação nacional, de modo a agregar as particularidades do Estado;

3) Instância Municipal: atuava por meio do Conselho Municipal, composto pelo poder público local e por representantes das várias organizações da comunidade local, tinha como atribuição principal a gestão do Fundo Municipal de Turismo. (BRASIL, 2007, p. 18)

Em Nova Veneza, como pôde ser notado no primeiro capítulo, desde 1991, na comemoração e nas ações voltadas para seu Centenário de Colonização, já se percebiam movimentações buscando dar visibilidade a questão da etnicidade italiana da cidade, que com o tempo passou a representar seu passaporte para a entrada no cenário turístico. O primeiro exemplo de um esforço institucional buscando estabelecer políticas públicas relacionadas ao turismo aparecem no contexto em que o PNMT estava em vigor.

Tal fato pode ser constatado quando, em 15 de junho de 1998, o então prefeito Edio Minato cria o primeiro Conselho Municipal de Turismo, o COMTUR, composto por diversos agentes do empresariado local, além de lideranças vinculadas à cultura italiana, religião e sindicatos. Entre os principais objetivos deste conselho, estavam estabelecidos, respectivamente, em seu artigo 3, incisos 3 e 4, a criação de um Fundo municipal do Turismo e a elaboração de um Plano Municipal do Turismo (NOVA VENEZA, 1998).

Entretanto, o que se pôde constatar é que dos Municípios da região sul catarinense que buscaram incentivar o desenvolvimento turístico a partir do PNMT, apenas Gravatal construiu um Fundo Municipal de Turismo, segundo apontou Patrícia Mazon Freitas, uma das consultoras de turismo do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), órgão responsável pela promoção das políticas de municipalização do turismo em sua implementação, em entrevista realizada por José Carlos Virtuoso:

Eu sei que em nossa região o único município que levou a fundo isso foi Gravatal, que até hoje tem o Fundo Municipal de turismo instituído. Os outros municípios ficaram com conselho, ficaram com plano, mas a cada gestão tudo mudava e a cada passo que se avança, se volta a dois, porque a questão política entrava demais, né? Nem um gestor público de uma gestão valoriza o que foi feita na gestão anterior, mesmo sendo do mesmo partido. (FREITAS, 2018, n.p., apud VIRTUOSO, 2019, p. 242)

Percebe-se em sua fala um dos principais argumentos utilizados para apontar o porquê do insucesso do PNMT, que embora tenha levado a administração do turismo para uma escala local, possibilitando uma maior participação dos agentes envolvidos no setor, principalmente no aprimoramento da capacitação, pecou por acreditar que a simples transferência de escala institucional resolveria problemas internos, como as disputas políticas locais, acarretando na não elaboração de planos a médio e longo prazo dos municípios, como no caso de Nova Veneza, que construiu apenas o Conselho Municipal de Turismo sem elaborar um plano ou um fundo específico para a execução ordenada da atividade, como pôde ser notado no levantamento de dados realizado para a pesquisa.

Vale destacar que, não apenas em Nova Veneza e região foi possível observar o insucesso na aplicação do PNMT, pois a própria escolha de recorte administrativo territorial para o turismo, tendo em seu cerne os municípios como protagonistas, demonstrou-se insuficiente diante da realidade Nacional. Como corrobora Fratucci, a restrição do recorte às fronteiras municipais desconsiderava que “são poucos os municípios brasileiros com capacidade e autonomia de implantação de um processo de desenvolvimento turístico eminentemente local, desarticulado do seu entorno” (FRATUCCI, p.167, 2014). Desta forma, a insuficiência estrutural de pequenos municípios em suportar as necessidades básicas para o sucesso enquanto um destino turístico fez emergir, mais do que nunca, a questão territorial como um ponto de entrave em relação à execução das políticas públicas para o turismo em um país tão diverso e desigual quanto o Brasil.

No período que o PNMT esteve em vigor, o Município de Nova Veneza já havia tomado medidas de (re) construção de uma identidade étnica vinculada aos valores dos colonizadores italianos. Este período, entre os anos de 1980-2000, foi igualmente marcado pelo despertar étnico nos demais municípios vizinhos e historicamente atrelados a antigas colônias europeias no sul do Estado de Santa Catarina, o que demonstra que esta região, ao passo que passava pelas mudanças políticas e econômicas do Brasil, também se encontrava em um movimento de ressignificados sobre as suas identidades étnicas em representação.

Em um cenário em que a invocação de identidades-étnicas de característica própria também emerge, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2000), enquanto um espaço de tensão e disputas das diferentes italianidades dos municípios, pois:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. (SILVA, 2000, p. 81)

O PNMT, neste contexto, reverbera na confirmação das fronteiras étnico-culturais no sul catarinense, com cada Município buscando construir seu próprio produto-imagem de diferenciação para o turismo étnico. Concomitantemente, o poder público Federal e Estadual, através da Fundação Catarinense de Cultura, o FCC, durante este período reforçava a vocação turística de municípios “europeizados”, no qual muitas cidades catarinenses foram contempladas pelo tombamento de imóveis no projeto conhecido como “Roteiros Nacionais da Imigração”, incluindo Nova Veneza - SC.

Este projeto, que durou vinte anos entre levantamentos iniciais e a publicação final, que ocorre no ano de 2007, como aponta Daniela Pistorello, seria uma estratégia para, a partir do patrimônio material e imaterial da colonização europeia em Santa Catarina, em especial de origem italiana e alemã, potencializar o fomento de um turismo sustentável em comunidades interioranas do Estado, valorizando a cultura local e regional para o turismo como uma estratégia de proteção das identidades étnicas do Estado a partir da valorização patrimonial (PISTORELLO, 2010).

Ao buscar essa valorização cultural para o turismo na construção de roteiros da imigração europeia em Santa Catarina, o Estado demonstrava a clara intenção de realçar agentes históricos específicos pautados em suas etnicidades, o que acarretou, invariavelmente, na exclusão de outros atores e grupos. Isto reforçou o apelo que o próprio Estado passou a incorporar à sua agenda cultural de se mostrar publicamente enquanto detentor de um território com identidades-étnicas diferenciadas em relação ao restante do país, fortalecendo o crescimento do “turismo étnico-cultural” nas regiões interioranas, agregando essa nova categoria de turismo, a agenda do turismo “sol e praia”, predominante até então no Estado.

Entretanto, ao passo que o PNMT representou um ponto de partida importante no que diz respeito à estruturação do turismo, o recorte territorial escolhido, fundado na municipalização, apresentou-se como insuficiente, dada a realidade estrutural das

cidades brasileiras. Neste sentido, o próprio Ministério do Turismo, em 2007, reconheceu este equívoco ao expor que:

Pode-se dizer que um fato que limitou um avanço mais expressivo e uma exploração mais adequada do potencial turístico de inúmeras localidades foi que o turismo para ser uma atividade efetivamente transformadora dos padrões de desenvolvimento, ela deve ser abrangente. Ou seja, para ser bem sucedida, a atividade turística não deve se restringir a um município, portanto não pode ser pontual. Em geral, os destinos turísticos de sucesso abrangem uma região, ou um roteiro turístico que engloba, de forma complementar, atrativos, serviços e segmentos turísticos de distintas localidades (BRASÍLIA, 2007, p. 21).

Quando analisamos a experiência de Nova Veneza - SC em sua inserção nas políticas públicas do Turismo, poucas são as fontes que ligam o PNMT a este Município, e isso ocorreu devido aos conflitos de interesses políticos em escala municipal aliado ao próprio campo escorregadio das disputas por representação étnica atreladas ao turismo na região sul catarinense, assim como a falta de uma infraestrutura turística e a dificuldade de seu crescimento apenas de um ponto de vista local, isolado.

Como estratégia adotada para a superação das desigualdades estruturais e as problemáticas constatadas com a experiência do PNMT sobre o próprio recorte territorial administrativo selecionado com foco nos municípios brasileiros, a partir de 2003, pela primeira vez o Governo Federal, sob a administração do então presidente Luiz Inácio da Silva, cria uma pasta específica em seu governo para o setor turístico, o Mtur (Ministério do turismo), segundo a lei nº 10.683 (BRASIL, 2003a). Sem dúvidas, esse momento representa o ápice da representatividade das discussões institucionais sobre o turismo no Brasil, seguindo o tom de descentralização do setor, no entanto, agora focado no processo de regionalização das atividades.

No documento que estabelece diretrizes, metas, e programas a serem seguidos pelo Plano Nacional de Turismo (2003-2007) fica explicitado o tom das Políticas Públicas a partir de então, em que os recortes territoriais escolhidos para a organização das atividades turísticas agora buscam abarcar o apelo regional da atividade:

O Plano Nacional foi concebido de forma coletiva, com uma ampla consulta às mais diversas regiões brasileiras e a todos os setores representativos do turismo e constitui-se em um processo dinâmico de construção permanente. Traduz uma concepção de desenvolvimento que, além do crescimento, busca a desconcentração de renda por meio da regionalização, interiorização e segmentação da atividade turística. (BRASIL, 2003b, p. 7).

Diante disso, nota-se uma atenção especial no que diz respeito à busca pela ampliação dos espaços que seriam contemplados pelo plano, apontando para a interiorização do turismo como forma de superação das desigualdades regionais. Nota-se, também, o desafio de “conceber um novo modelo de gestão pública, descentralizada e participativa, atingindo em última instância o município, onde efetivamente o turismo acontece” (BRASIL, 2003b, p. 12). Para isso, o governo contava com o “entusiasmo e determinação” na aliança entre o setor público e privado para o alcance das metas estabelecidas (BRASIL, 2003b, p. 10).

Mesmo apresentando em seu discurso a busca por uma política mais democrática e participativa, pautada na regionalização das atividades, a questão territorial não é apresentada como parte relevante do plano, sendo o recorte regional apenas uma tábua rasa para inserção de um modelo economicista de desenvolvimento do turismo. Tal intenção pode ser notada ao analisarmos as principais metas para o turismo entre os anos de 2003 a 2007: “aumentar o número de turistas estrangeiros; ampliar as ofertas turísticas dos estados; potencializar os voos domésticos em território nacional; gerar 8 bilhões de dólares em divisas” (BRASIL, 2003b, p. 23). Embora haja o esforço em se construir um mercado interno fortalecido, o turismo ainda é apresentado como um mero produto a ser comercializado, assim como em qualquer outro setor da economia.

Como pontuam Sansolo e Cruz (2003), o plano em questão estabelecia a organização das relações regionais a partir de Roteiros Integrados, entretanto, negligenciava a construção de um planejamento territorial junto da inserção das políticas descentralizadas. Com isso, ao invés de buscar a melhoria da qualidade de vida das populações locais, com maior distribuição de renda e equilíbrio territorial, o plano focalizava suas ações nos agentes do mercado, assim como nas pequenas parcelas das populações receptoras, em geral os empresários das regiões contempladas por essa política institucional (SANSOLO; CRUZ, 2003).

A utilização do termo território foi apropriada pelo governo como uma forma de legitimar um discurso de descentralização das Políticas Públicas do turismo, em que o pensamento estaria alinhado a uma “endogenia exagerada”, como aponta Brandão:

Essa “endogenia exagerada” das localidades crê piamente na capacidade das vontades e iniciativas dos atores de uma comunidade empreendedora e solidária, que tem controle sobre o seu destino e procura promover sua

governança virtuosa lugareira. Classes sociais, oligopólios, hegemonia e etc., seriam componentes, forças e características de um passado totalmente superado, ou a ser superado. (BRANDÃO, 2012, p. 38)

Desta forma, ignoram-se as especificidades identitárias, sociais e políticas destes territórios, suas tensões e disputas, contraditoriamente dando a entender que as regiões seriam homogêneas em toda a extensão do território nacional quando não são, dando a estes espaços imaginários uma carga de inexistência (SANTOS, 1994).

Buscando aprofundar os debates sobre a regionalização das atividades turísticas e criar uma estrutura de governança, no ano de 2004 é criado pelo Ministério do Turismo o macro programa PRT (Programa de Regionalização do Turismo), que dispõe as políticas operacionais para o desenvolvimento turístico brasileiro, com ênfase na importância do fortalecimento das relações regionais. Na apresentação do programa, a então Ministra do Turismo Marta Suplicy, destaca:

Regionalizar não é apenas o ato de agrupar municípios com relativa proximidade e similaridades. É construir um ambiente democrático, harmônico e participativo entre poder público, iniciativa privada, terceiro setor e comunidade. É promover a integração e cooperação intersetorial, com vistas à sinergia na atuação conjunta entre todos os envolvidos direta e indiretamente na atividade turística de uma determinada localidade. (BRASIL, 2007b, p. 10).

O PRT reforça a territorialidade como conceito elementar na elaboração de políticas públicas descentralizadas, assim como aponta para a continuidade/evolução em relação ao PNMT. A perspectiva com que os territórios regionais são abordados no PRT destacam a flexibilidade de limites entre regiões (BRASIL, 2007), desta forma apresentando os territórios regionais, pelo menos em teoria, enquanto espaços historicamente construídos e em constante transformação no espaço e tempo (SANTOS, 1979, apud. SAQUET; SILVA, 2008).

A implementação do PRT foi articulada a partir da elaboração de treze módulos para o desenvolvimento turístico das regiões, tal iniciativa partiu do intuito de que: “cada região pode identificar o seu estágio de desenvolvimento e começar a implementar as diretrizes da regionalização do turismo” (BRASIL, 2007a, p. 11). Desta forma, os cadernos de orientação foram divididos nos seguintes temas:

I – Introdução à Regionalização do Turismo; II - Sensibilização; III - Mobilização; IV - Institucionalização da Instância de Governança Regional; V - Elaboração do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional; VI - Implementação do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional; VII - Sistema de Informações Turísticas do Programa; VIII -

Roteirização Turística; IX - Promoção e Apoio à Comercialização; X - Sistema de Monitoria e Avaliação do Programa; XI - Ação Municipal para a Regionalização do Turismo; XII - Formação de Redes; XIII - Turismo e Sustentabilidade (BRASIL, 2007a, p. 11).

Os módulos do PRT foram feitos com vista a desenvolver um turismo pautado na “sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural e político-institucional” (BRASIL, 2007, p. 10), tais preceitos vão de encontro com as características necessárias para a inserção harmônica do Turismo segundo a perspectiva de Beni (1990), estudioso brasileiro no campo dos Sistemas de Turismo, o SISTUR.

Ao passo que tais objetivos se apresentam como positivos, visando a realização de um turismo sustentável, expõe-se também a grande dificuldade encontrada pelos governos em estabelecerem políticas públicas para o turismo, devido à amplitude de agentes e esferas que são interpeladas pelas tomadas de decisão. Isso sintetiza-se em políticas que, na teoria, propõem ao turismo a superação de problemas maiores do que se podem alcançar, pois entregam à iniciativa privada e aos governos locais uma carga sem tamanho de objetivos utópicos em um setor que historicamente não foi preparado para superar seu viés de indústria, que, como tal, prioriza, acima de tudo, o lucro. Tamanha carga, por exemplo, é uma responsabilidade que não é posta em outras áreas da indústria nacional, como no setor financeiro e da agricultura (SANSOLO, 2013).

Com isso, o Turismo apresenta-se como uma atividade, quando não, estritamente vinculada ao crescimento econômico desregulado e entregue aos setores privados da sociedade, dirigido por planejamentos desalinhados ao restante das cadeias produtivas, representando uma ilha de utopismo escondida na ingenuidade de que os setores privados busquem atender ao anseio das populações locais. Por isso, muitas vezes os debates sobre o seu desenvolvimento acabam ficando apenas na escala teórica e discursiva, desta forma sem evoluir para a real concretização dos objetivos propostos pelas políticas públicas, consagrando apenas o seu fim comercial.

3.3 O PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO E O TURISMO EM NOVA VENEZA - SC

Como vimos, enquanto antecessor, o PNMT, o protagonista na aplicabilidade das políticas públicas do turismo seriam os Conselhos Municipais de Turismo

(BRASIL, 2007), sendo estes respaldados estadualmente pelo comitê especializado, que no caso de Santa Catarina fora encabeçado pela Santa Catarina Turismo S/A (Santur) e pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esportes (SOL). Na organização do PRT, entretanto, um novo órgão aparece na estruturação do setor turístico, as IGRs (Instâncias de Governança Regional).

De acordo com o Ministério do Turismo: “A Instância de Governança Regional é uma organização com participação do poder público e dos atores privados dos municípios componentes das regiões turísticas, com o papel de coordenar o Programa em âmbito regional” (BRASIL, 2007c, p. 17). Com isso, percebe-se que este movimento de descentralização e reorganização na estruturação do turismo é acompanhado pela constante distribuição de poderes entre o setor público e os agentes de mercado do setor privado. Desta forma, a participação da população receptora no processo de inserção de tais políticas do turismo se apresenta, de forma geral, inexistente, pois privilegiam-se exclusivamente os interesses de empreendedores do setor. O restante da população como um todo participaria de uma forma passiva enquanto mão de obra a ser qualificada para o desenvolvimento da atividade turística (SANSOLO, 2013).

Em Santa Catarina, como apontaram Icaro Coriolano Honorio e Isa de Oliveira Rocha, a lei que dispõe sobre as Diretrizes do Turismo é a nº 13.792, de 16 de julho de 2006, que foi regulamentada pelo Decreto nº 2.080, em 03 de fevereiro de 2009. Nesta legislação encontra-se o PDIL - Plano Estadual de Cultura e Turismo (HONÓRIO; ROCHA, 2020). Neste documento, fica estabelecido em seu parágrafo 4 o Programa de Desenvolvimento do Turismo, em que o Estado se compromete em auxiliar o processo de descentralização da atividade turística se responsabilizando pelo fomento dos atrativos regionais, além da busca por recursos federais para o setor (SANTA CATARINA, 2009).

Seguindo esse movimento de alinhar-se com o macro programa PRT do governo Federal, em 2008 são criadas as Instâncias de Governança Regionais do Turismo em Santa Catarina, tendo cada uma cadeira cativa no Conselho Estadual de Turismo, de acordo com a lei nº 14.367, de 25 de janeiro de 2008. As regiões turísticas, segundo o PRT no Glossário do Caderno *Institucionalização da Instância de Governança Regional* do ministério do turismo, são definidas como:

Região turística – É o espaço geográfico que apresenta características e potencialidades similares e complementares, capazes de serem articuladas e que definem um território, delimitado para fins de planejamento e gestão. Assim, a integração de municípios de um ou mais estados, ou de um ou mais países, pode constituir uma região turística (BRASIL, 2007c, p. 57).

O Turismo em Santa Catarina passou a ser dividido em dez regiões turísticas a partir de 2008, chegando em 2019 a contar com um total de 13 no mapa do turismo estadual, sendo elas: Caminho dos Cânions, Encantos do Sul, Grande Florianópolis, Serra Catarinense, Costa Verde, Vale Europeu, Caminho do Alto Vale, Caminho dos Príncipes, Caminhos do Contestado, Vale dos Imigrantes, Grande Oeste, Vale das Águas, Caminhos da Fronteira.

Figura 7 - Mapa das Regiões Turísticas de Santa Catarina em 2019



Fonte: Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina - SANTUR²¹.

O Município de Nova Veneza é integrante da regional Encantos do Sul, que além deste, de acordo com o “Plano de Desenvolvimento Regional de Turismo do Estado de Santa Catarina: Região Turística Encantos do Sul”, é composto pelos seguintes Municípios: Armazém, Braço do Norte, Capivari de Baixo, Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Garopaba, Grão-Pará, Gravatal, Içara, Imaruí, Imbituba, Jaguaruna, Laguna, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Orleans, Paulo Lopes, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Sangão, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, São Martinho, Siderópolis, Treviso, Treze de Maio, Tubarão, Urussanga (SANTA CATARINA, 2010).

²¹ SANTUR atualiza o Mapa de Turismo de SC; veja as 13 regiões. **Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina – SANTUR**, 25 out. 2019. Disponível em: http://santur.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5111:santur-lanca-mapa-do-turismo-atualizado-com-13-regioes&catid=22&Itemid=397. Acesso em: 10 abr. 2021.

Como se percebe, existe um recorte bastante diversificado, contemplando desde municípios litorâneos como Laguna até Lauro Müller, Município localizado nas encostas da serra geral.

Entre os objetivos do plano, o que mais se destaca diante do contexto em que se insere a regionalização é estabelecer a integração entre os planejamentos e ações locais em toda a região, criando canais de comunicação para evitar desencontros entre os objetivos dos municípios pertencentes à regional Encantos do Sul (SANTA CATARINA, 2010). Um outro objetivo desta IGR, que aparece nos discursos de agentes públicos e privados de Nova Veneza que trabalham com o turismo, segundo entrevista realizada por Cristian Emanuel Frederico Serafim, é a participação ativa desta organização na promoção dos produtos turísticos regionais, assim como a realização de reuniões entre representantes dos municípios constituintes da Encantos do Sul nos municípios contemplados (SERAFIM, 2017).

Destaca-se, sobre esta mesma entrevista, que embora a regionalização seja o objetivo traçado pelo Governo Federal para a superação de limitações territoriais sobre a administração pública do turismo, nem mesmo municipalmente Nova Veneza parecia ter um planejamento bem elaborado para o futuro do setor. Tal informação pôde ser notada pois quando perguntado para um dos representantes do Poder Público Municipal sobre a existência de um Plano para o turismo no Município, foi respondido:

Nós temos um plano para o desenvolvimento turismo assim como eu lhe disse, de forma empírica, nós vamos criar o conselho municipal de turismo de políticas de turismo, então junto com esses conselheiros nós vamos construir o planejamento turístico da cidade, pois eu tenho o nosso de forma que vemos que existe a necessidade, porém eu gostaria de ver a necessidade de todo o setor que envolve esse turismo, então vamos construir junto com eles esse plano. (SERAFIM, 2017, p. 30)

Portanto, percebe-se que já em 2017 o Município ainda não havia articulado a elaboração de um plano para a inserção do turismo em âmbito local de forma ordenada, embora a cidade já estivesse há mais de uma década explorando as potencialidades deste setor e investindo na ampliação de atrativos turísticos na sede da cidade.

Em certa medida, esse fato corrobora para a dificuldade na construção de uma regionalização da atividade turística entre os municípios que compõem a AMREC (Associação dos Municípios da Região Carbonífera), sendo que, pelo menos em Nova

Veneza, o Município ainda não conseguiu superar a sua estruturação em esfera local com ações tomadas de maneira “empírica”, como aponta o termo recolhido pela entrevista de Serafim (2017), e pontual, abrindo uma grande margem para equívocos estruturais.

Isso expõe a falta de planejamento das políticas do turismo presente na estruturação descentralizada assumida pelo Brasil para o setor desde os anos 1990. Neste ponto, Ivane Fávero pontua que com a falta de um projeto a longo prazo, torna-se inviável a aplicação de um turismo sustentável, pois:

[...] a implementação (ou crescimento) do Turismo não pode se dar de forma espontânea, isolada ou empírica. Há que se planejar o desenvolvimento desse fenômeno, que envolve grande número de pessoas, mesmo que elas não o desejem ou não esperem se envolver diretamente com ele. (FÁVERO, 2005, p. 2)

Com isso, as políticas municipais servem para atender apenas às demandas comerciais da atividade, mobilizando-se majoritariamente em datas comemorativas, pois no mesmo trabalho em que foram realizadas as entrevistas, ao questionar sobre o planejamento da atividade para uma representante da associação do turismo local, o autor foi informado que embora não houvesse um plano, as datas comemorativas como páscoa, o dia das crianças e o natal representavam o principal repertório de ações por parte da prefeitura e das associações (SERAFIM, 2017).

Ao indagar uma representante da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Município sobre quais seriam as ações mais eficientes para o fortalecimento do turismo local, a resposta foi: “Atendimento, qualidade naquilo que tu oferece, pois o turista é muito exigente. Nós preparamos a cidade para receber o turista, essas são as ações que dão maior resultado” (SERAFIM, 2017, p. 30). Neste sentido, percebe-se que o poder público trabalha como um facilitador na venda do “produto turístico”, sem a responsabilidade de desenvolver o turismo como um fenômeno capaz de gerar melhorias na qualidade de vida da população, quanto mais alçar seu equilíbrio territorial.

Embora o turista seja fundamental para a própria existência deste setor, pois “é a presença do turista que define a existência de um lugar turístico (CRUZ, 2000, p. 21)”, a condução de políticas e ações direcionadas exclusivamente para a manutenção e obtenção da clientela turística apenas sustenta a visão equivocada de muitos estudiosos do tema, que enxergam o turismo com: [...] “sua conotação de

“indústria”, de produção em série de produtos massificados e massificantes, de exploração inescrupulosa de mão-de-obra e de recursos naturais, de comercialização de natureza e de cultura” (BARRETO, 2001, p. 11).

Este pensamento é reforçado à medida que se entrega o protagonismo da atividade turística ao setor de serviços, em que seu planejamento e execução tem como finalidade única a reprodução do progressismo econômico da sociedade de consumo, não buscando extrair sua sustentabilidade, que só pode ser alcançada através de políticas públicas que efetivamente construam projetos que fortaleçam as identidades dos habitantes locais, respeitando suas necessidades e protegendo seus territórios.

Ao analisar o “Plano de Desenvolvimento Regional de Turismo do Estado de Santa Catarina: Região Turística Encantos do Sul (2010/2020)”, o interesse principal desta para os seus municípios pertencentes seria a concretização das Instâncias de Governança, portanto o Estado estaria em 2020 ainda no terceiro módulo de um total de treze que compõem a escala de desenvolvimento estruturado do turismo, segundo o PRT (SANTA CATARINA, 2010).

Já na esfera Municipal, observa-se a articulação constante para o crescimento e fortalecimento dos empreendimentos ligados ao turismo, com agentes do setor privado participando ativamente de organizações que buscam o desenvolvimento do turismo em Nova Veneza, de forma geral, encabeçadas por empresários do ramo hoteleiro e gastronômico. Destaca-se neste sentido a ANET (Associação Neoveneziana de Turismo), composta por empreendedores do setor turístico, assim como o COMTUR (Conselho Municipal de Turismo), sendo este último um: “órgão de caráter normativo, consultivo e deliberativo, de assessoramento e fiscalizador, destinado a orientar, promover e garantir o aprimoramento das diretrizes e objetivos do desenvolvimento do turismo no Município” (NOVA VENEZA, 2019). Sendo ambos compostos pelos maiores beneficiados pelo turismo na cidade.

Em meio a isso, embora se tenha esboçado um processo de regionalização deste setor, este encontra-se ainda em um estágio prematuro de acordo com a IGR - Encantos do Sul, com os municípios buscando se consolidar internamente, ainda sob o forte apelo do turismo enquanto uma “indústria” rentável e em crescimento, no caso de Nova Veneza, com forte influência de ações políticas que buscam por meio da

criação de novos atrativos e de títulos ligados a gastronomia italiana aumentar os empreendimentos na sede do Município.

Desta forma, a questão territorial nas políticas públicas nacionais tem sido utilizada apenas como um argumento para humanizar as relações comerciais do setor, enquanto as ações destes grupos que operam o turismo têm sido destinadas ao fortalecimento de hegemonias locais, como no caso de Nova Veneza, reverberando nas relações culturais, étnicas, políticas e econômicas. Sendo assim, quando a técnica sobre a inserção de determinada atividade é entregue nas mãos de agentes hegemônicos, como salienta Milton Santos, as necessidades que serão supridas são aquelas dos grupos hegemônicos dentro de determinada sociedade (SANTOS, 1994, p. 50). Isso reforça a intrínseca ligação da sobressaliência econômica como produto final das políticas neoliberais, marcadas pela descentralização e entrega de influência política aos setores privados da sociedade.

4 DO TURISMO PRATICADO AO PLANEJAMENTO PÚBLICO: POSSÍVEIS CAMINHOS PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL

Até 2020, a forma com que foi construído o processo de introdução do turismo étnico-cultural no Município de Nova Veneza esteve fortemente vinculada ao setor gastronômico, assim como ao artifício de Veneza, presentes nos festejos da cidade e na gôndola lucile. Embora tenham gerado a promoção de um produto que se tornou popular entre os turistas, não foi acompanhado por uma organização a longo prazo por parte do Poder Público. O que se percebe é que esta realidade se construiu devido ao esforço na busca pela sustentação do crescimento de um setor emergente, partindo de políticas descentralizadas que não foram acompanhadas por um planejamento sobre as reverberações que tais ações poderiam surtir no futuro, exceto de um ponto de vista econômico.

Mesmo que, na teoria, atualmente as políticas busquem regionalizar as atividades do turismo, propondo criar roteiros integrados que construam o desenvolvimento da atividade de forma a encontrar equilíbrio territorial, em Nova Veneza percebeu-se que até 2020 nem mesmo municipalmente este equilíbrio encontrava-se em pauta, com as entidades públicas e privadas locais tomando iniciativas pontuais voltadas principalmente à região sede do Município para sustentar a entrada de turistas.

Do ponto de vista regional, em que o principal órgão de mediação entre o governo Estadual e Federal é, para Nova Veneza, a IGR - Encantos do Sul, a falta de organização aparece exposta em notícia veiculada pelo portal Tnsul, em maio de 2021, onde o artigo demonstra que grande parte dos Município contemplados pela IGR em questão não estariam conseguindo entrar no Mapa do Turismo do Governo Federal, o que impossibilitaria a reivindicação destes lugares, incluindo Nova Veneza, de acessarem recursos junto a esfera Federal²².

Em entrevista para a mesma matéria, o presidente do colegiado de cultura e turismo da AMREC, Ismail Ahmad Ismail, cita que tal problema estaria ocorrendo

²² MILIOLI, Gustavo. Impasse com a Encantos do Sul prejudica Municípios da Amrec: Instância que compreende o turismo regional está sem presidente e deixa cidades órfãs para viabilizarem recursos nacionais da pasta. **Tnsul**, maio 2021. Política. Disponível em: <https://tnsul.com/2021/politica/impasse-com-a-encantos-do-sul-prejudica-municipios-da-amrec/>. Acesso em: 20 out. 2021.

desde 2019, impossibilitando que os Municípios passassem suas informações sobre a estruturação turística ao Ministério do Turismo, pois havia três anos que a IGR não contava com uma diretoria formal para validar as documentações necessárias. Segundo Ismail, este impasse estaria sendo causado por disputas políticas entre a AMUREL (Associação dos Municípios da Região de Laguna) e a AMREC, ambas pertencentes à Encantos do Sul, por protagonismo na captação de recursos federais²³.

Se a nível regional existe uma estruturação do Estado que busca planejar, em tese, o turismo de forma regional, mas não consegue concretizar tal intento devido à falta de organização derivada da disputa por protagonismo entre as associações regionais, a nível municipal a superação de um turismo voltado apenas à alimentação de recursos para a atração do público consumidor está associada à ausência de um planejamento a longo prazo que esteja alinhado aos interesses de todos os agentes envolvidos direta ou indiretamente pelo turismo.

Por isso se faz necessário neste capítulo, abordar sobre a importância do planejamento público, sendo este um caminho fundamental para a concretização do turismo sustentável. Traçando paralelos entre o exemplo de Nova Veneza, no desenrolar de seu processo de turistização, em comparação com efeitos indesejados do turismo quando feito de um ponto de vista estritamente mercadológico como ocorreu na cidade de Gramado na serra gaúcha. Para em seguida, apontar a importância da valorização das características próprias da população local em seus diferentes espaços, que ajudariam em uma melhor espacialização do turismo municipal. Por fim, discorrendo sobre o método de aplicação da revisão do Plano Diretor do Município, onde será possível observar os apontamentos da população local sobre a forma com que tem se desenhado o turismo no local, assim como ideias de como melhorar sua aplicação.

²³ MILIOLI, Gustavo. Impasse com a Encantos do Sul prejudica Municípios da Amrec: Instância que compreende o turismo regional está sem presidente e deixa cidades órfãs para viabilizarem recursos nacionais da pasta. **Tnsul**, maio 2021. Política. Disponível em: <https://tnsul.com/2021/politica/impasse-com-a-encantos-do-sul-prejudica-municipios-da-amrec/>. Acesso em: 20 out. 2021.

4.1 O PLANEJAMENTO PÚBLICO PARA O TURISMO E SUA IMPORTÂNCIA COMO PROMOTOR DA SUSTENTABILIDADE TERRITORIAL EM NOVA VENEZA - SC.

Em Nova Veneza, a última elaboração de um Plano Diretor, ocorreu no ano de 2004²⁴, tendo este sido revisado em 2010. Embora na diretriz Federal o plano seja obrigatório apenas para municípios com mais de vinte mil habitantes, como exposto na lei 10.257/2001²⁵, a atualização se faz especialmente necessária em um Município com um grande contingente de visitantes, principalmente nos fins de semana, e que se encontra em constante transformação urbana impulsionada pelo turismo e pelas mudanças na infraestrutura urbana para alavancar o setor.

Um grande exemplo disso é que além dos investimentos na construção de uma rua coberta, da Ponte dei Morosi e da inserção da Gôndola Lucile, a prefeitura Municipal tem se mobilizado para incluir uma segunda gôndola, que contará com um canal artificial que será aberto em uma rua ao lado da praça central Humberto Bortoluzzi, como comenta o prefeito Rogério Frigo em entrevista ao Portal Veneza: “Queremos uma nova gôndola e também vamos buscar criar um canal de cerca de 250 metros para a passagem da gôndola no centro da cidade e se der certo, não sei como vamos conseguir receber todos os visitantes na cidade”.²⁶

Este investimento tem sido uma das prioridades da prefeitura municipal para o setor turístico, o que pôde ser percebido em entrevista realizada pelo prefeito à rádio Massa no dia 18 de abril de 2022. De acordo com sua fala, essa pauta será levada diretamente ao Governador Carlos Moisés da Silva com a intenção de requerer investimentos do Estado de Santa Catarina para pôr em prática este projeto.²⁷

²⁴ NOVA VENEZA, SC. **Lei nº 1706, de 10 de dezembro de 2004**. Dispõe sobre o desenvolvimento urbano de Nova Veneza - Plano Diretor Urbano (Redação dada pela Lei nº 2030/2010). Nova Veneza, SC: Câmara Municipal [2004]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-nova-veneza-sc>. Acesso em: 3 jun. 2022.

²⁵ BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os Arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2001]. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10257&ano=2001&ato=39fATQU5kMNpWT905>. Acesso em: 3 jun. 2022.

²⁶ BORGES, Bruna. Nova Veneza planeja construir um canal para a gôndola: Trajeto idealizado pela Prefeitura tem 400 metros e possibilitará passeio de ida e volta na embarcação. **4 OITO**, 21 mar. 2019. Nova Veneza. Cotidiano. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/nova-veneza-planeja-construir-um-canal-para-a-gondola-11793>. Acesso em: 18 fev. 2021.

²⁷ JESUS, Anderson. Frigo vai apresentar ao Governador projeto de canal navegável para a Gôndola. **Sul Notícias**, Blog Anderson Jesus, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://sulnoticias.com/blog->

Da mesma forma com que aumentam as transformações na sede Municipal em busca de novos consumidores para o turismo, o turismo também gera o interesse de imobiliárias que buscam empreender na cidade que se tornou objeto de consumo nas últimas décadas. Com isso, encontra-se em andamento a construção de três condomínios fechados comercializando terrenos com rápido acesso ao centro do Município e projeta-se a construção do mesmo tipo de empreendimento de alto padrão na zona rural para os próximos anos ²⁸.

Percebe-se neste ponto que, para além da rua coberta, a construção do espaço no centro do Município possui grandes semelhanças com a cidade de Gramado na serra gaúcha. Ao pesquisar o Município do Estado vizinho, Pedro de Alcântara B. César pontua que o processo de urbanização turística é marcado pela alta valorização das questões estéticas, levando à necessidade de reorganização espacial, o que constrói locais sem identidade. Com isso, majoritariamente beneficia-se as áreas da construção civil e o setor de serviço, fortalecendo os empresários locais e criando novos. (CÉSAR, 2013).

O processo é semelhante com o que ocorre em Nova Veneza nos últimos anos, onde os empresários mais beneficiados com o incremento do turismo no Município são os donos de restaurantes que já contavam com empreendimentos bem estabelecidos na cidade e região, desde antes da conquista dos títulos de Capital da Gastronomia Típica e da chegada da Gôndola Lucille em 2006, que representa um marco para o setor turístico e gastronômico Municipal.

Dos empresários ligados ao setor de serviço que mais foram beneficiados pelo incremento de atrativos turísticos no centro de Nova Veneza destacam-se duas famílias, que ampliaram seus negócios e hegemonizaram o setor na cidade. A primeira trata-se da família Bortolotto, proprietária do restaurante e hotel Veneza, o mais antigo da cidade, já estabelecido há 60 anos, que fica ao lado da Gôndola Lucile, assim como do hotel Bormon, inaugurado em 2012 e localizado próximo ao pórtico da sede Municipal como uma opção mais luxuosa para turistas e executivos que passam pela

[anderson-de-jesus/frigo-vai-apresentar-ao-governador-projeto-de-canal-navegavel-para-a-gondola/18-04-2022/](https://www.portalveneza.com.br/js-empresendimentos-expande-atuacao-e-chega-a-nova-veneza/). Acesso em: 3 jun. 2022.

²⁸ FERREIRA, Francine. JS Empreendimentos expande atuação e chega a Nova Veneza. **Portal Veneza**, 20 maio de 2021. Imóveis. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/js-empresendimentos-expande-atuacao-e-chega-a-nova-veneza/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

região sul catarinense²⁹. A família é proprietária, também, das casas de pedra, o único patrimônio histórico tombado no Município pelo IPHAN e que foi construído pela família Bratti no período de colonização, da qual descendem os Bortolotto.

A outra família são os Ghellere, que inicialmente possuíam um restaurante com este mesmo nome no Município vizinho de Siderópolis, atendendo os visitantes que iam até a barragem do Rio São Bento desde 1980. Atualmente o grupo possui, além do restaurante e pousada Ghellere em Siderópolis, o gastrobar Capo e Gin, a gelateria Gheppo e o restaurante Casa do Chico, sendo este último localizado na antiga mercearia Bortoluzzi. Os últimos três empreendimentos estão localizados na praça central, ao lado da rua coberta, todos tendo sido abertos após a revitalização da praça.³⁰

Em ambos os casos, as famílias possuem forte influência nos comitês e associações de turismo local, com vaga constante como presidentes da ANET e do COMTUR, sendo estes, como já descrito no segundo capítulo, os principais órgãos de participação política dos empresários locais nas decisões e planejamentos a serem tomados em relação ao turismo. No mesmo sentido, diante da importância que esses grupos têm adquirido ao longo dos últimos anos, estes assumem papel de destaque também na Aenove (Associação Empresarial de Nova Veneza), tendo sido presidida por uma representante da família Bortolotto até 2021.³¹

Além dos grupos empresariais locais que lideram a participação privada sobre os rumos do setor turístico em Nova Veneza, percebe-se também a consagração de nomes importantes da política municipal, que por encabeçar as intervenções relacionadas à etnia na “Capital da Gastronomia Típica italiana no Brasil”, também passaram a se tornar porta-vozes da italianidade no sul de Santa Catarina. Neste sentido, destacam-se o Prefeito Rogério Frigo, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que sagrou-se eleito em quatro das últimas cinco eleições, no período entre 2004 e 2020, chefiando o executivo em quase todas as intervenções

²⁹ HOTEL Bormon completa sete anos com excelência e atendimento qualificado. **Visite Nova Veneza**, c2019. Disponível em: <https://visitenovaveneza.com.br/noticias/hotel-bormon-completa-sete-anos-com-excelencia-e-atendimento-qualificado/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

³⁰ GHELLERE. **Ghellere**, c2022. Página sobre. Disponível em: <https://www.ghellere.com.br/ghellere-1>. Acesso em: 3 jun. 2022.

³¹ AENOVE empossa nova diretoria. **Nova Veneza Online**, 11 set. 2019. Disponível em: <https://novavenezaonline.com.br/noticias/aenove-empossa-nova-diretoria/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

turísticas da cidade ao longo deste recorte. Assim como Aroldo Frigo Junior, que além de cumprir o terceiro mandato como vereador municipal, também é o correspondente consular da Itália em Nova Veneza desde 2013. Desta forma, o vereador passou a representar um grande defensor da italianidade no sul catarinense, possibilitando que seu nome esteja entre os pré-candidatos do PSDB nas eleições de 2022 para o Cargo de Deputado Estadual.³²

Junto dos nomes tradicionais na política e economia local, a presença de empreendimentos externos também se multiplicara nos últimos anos no bojo turístico da cidade, com a entrada de redes já consagradas na região, embalados pelos títulos conquistados pelo Município a partir da identidade gastronômica da população de Nova Veneza. Isso pode ser observado na fala de Rogério Bauer, natural de Caxias do Sul, na serra gaúcha, e sócio proprietário do restaurante Trattoria Montalccino: “Nova Veneza tem um conceito gastronômico muito presente, está se equiparando a Gramado na Serra Gaúcha e decidimos pegar essa fatia de mercado.”³³

Outro empreendimento nesta região do centro da cidade é a La Belle Fondue, fundada em 2020, que segundo o seu proprietário, Paulo Cassol, decidiu abrir um negócio no Município após uma pesquisa de mercado. Diferente dos demais restaurantes citados anteriormente, que apostam na gastronomia italiana em geral, assim como no churrasco gaúcho, o estabelecimento se propõe a inserir o fondue, inspirado no sucesso de estabelecimentos do tipo em Gramado.³⁴

A atração de empresários vindos de fora, embora represente algo positivo, pois fomenta a economia, não representa o sucesso em si do turismo, pois como no caso de Nova Veneza, o produto comercializado é tanto os estabelecimentos quanto o próprio espaço público. A falta de planejamento na gestão do território acaba ocasionando problemas na forma com que se concretiza a urbanização turística, como é o caso de Gramado, onde houve migrações da população local devido a aspectos

³² AROLDINHO Frigo é um dos novos nomes do PSDB para a cadeira na Alesc. **Sulnotícias**. Coluna Política, Redação Sulnotícias. 16 jun. 2021. Disponível em: <https://sulnoticias.com/politica/aroldinho-frigo-e-um-dos-novos-nomes-do-psdb-para-uma-cadeira-na-alesec/16-06-2021/> Acesso em: 03 jun. de 2022.

³³ TRATTORIA Montalccino aposta na fartura da mesa italiana. **Nova Veneza Online**, 3 ago. 2016. Gastronomia. Disponível em: <https://novavenezaonline.com.br/gastronomia/trattoria-montalccino-aposta-na-fartura-da-mesa-italiana/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

³⁴ LA BELLE Fondue. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Onde comer. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/onde-comer/item/labelle-fondue> Acesso em: 3 de jun. 2022.

indesejados do turismo, como a alta concentração de mão de obra especializada, o aumento do custo de vida e, conseqüentemente, o alastramento das distâncias sociais (CÉSAR, 2013).

Assim como César, Francielle Berti também estudou o município da Serra Gaúcha. Em sua pesquisa, a autora constatou que a alta valorização da Avenida Borges de Medeiros conduziu o Município ao processo de especulação imobiliária devido ao alto investimento em um pequeno recorte territorial e o conseqüente abandono de outras regiões. Isso ocorreu por conta da busca predominante do Plano Diretor do Município em focar na questão do embelezamento urbano para o turismo. Desta forma, a região central passou por um processo de grande valorização dos imóveis, o que conduziu ao processo de gentrificação da população local mais pobre, que teve de se afastar da zona turística devido ao alto custo de vida, ocupando as periferias (BERTI, 2018).

A tomada de medidas a curto prazo ao longo do século XXI em Nova Veneza para o setor turístico, assim como a falta de uma maior preocupação em relação a aspectos como a territorialidade e a participação popular nas tomadas de decisão trazem consigo, muitas vezes, crescimentos irregulares que privilegiam apenas regiões e grupos específicos. Como aponta Barreto: “O processo de turistização (transformação em lugar Turístico) dá-se ao sabor do mercado, de empreendedores isolados, quase sempre sem planejamento. Formam-se estereótipos” (BARRETO, 2002, p. 8).

Isso se dá devido à força com que o discurso neoliberal adentrou nas políticas públicas, diluindo a responsabilidade administrativa do Estado, entre outras esferas da estrutura social, muitas vezes sem exigir o mínimo de conhecimento técnico sobre as ações. Mas, como aponta Michael Hall, mesmo que os agentes privados ganhem maior poder de decisão, o papel do governo ainda possui uma grande importância, principalmente na defesa dos interesses públicos:

Embora as fronteiras do Estado estejam cada vez mais indistintas em várias jurisdições, à medida que se coloca cada vez mais ênfase na criação de parcerias público-privadas e se reduz a intervenção do governo na economia, deve-se observar que o Estado ainda estrutura em que ocorre a atividade público privada. (HALL, 2001, p. 184)

Tal problemática potencializa-se ainda mais quando relacionada à gestão do turismo, que, por ser um setor que muitas vezes consegue conquistar resultados

econômicos significativos em um curto espaço de tempo, sem a necessidade de maiores investimentos públicos, por vezes acaba por ser visto como a panaceia para problemas estruturais em muitos territórios no mundo contemporâneo. Como resultado da busca por investimentos privados para o setor turístico, as políticas públicas agem como meras agitadoras para a conquista de novos mercados. Neste sentido, a participação pública ocorre apenas através da construção de infraestrutura necessária para atrair investimentos empresariais a fim de solucionar problemas como o subemprego, sendo este um dos grandes desafios dos países subdesenvolvidos no mundo contemporâneo (HALL, 2001, p. 29).

Entretanto, o papel do poder público, especialmente em nível municipal, quando busca assegurar o sucesso na concretização de um turismo economicamente, socialmente e culturalmente responsável, vai muito além de incentivar a entrada de novos investimentos privados. Todo o processo de construção até a concretização de tal objetivo deve ocorrer na forma de um planejamento bem orquestrado e que busque com que a aplicabilidade do turismo não crie fissuras sociais e ambientais para o futuro.

Sem o planejamento necessário, as tensões e disputas já inerentes à complexa gama de agentes envolvidas neste setor tendem a se estreitar, por isso se faz necessário o planejamento, sendo este entendido como:

O planejamento é um tipo de tomada de decisões e elaboração de políticas; ele lida, entretanto, com um conjunto de decisões interdependentes ou sistematicamente relacionadas e não com decisões individuais. Planejar é, portanto, apenas uma parte de um processo global de “planejamento-decisão-ação”. Além disso, pode ser difícil isolar muitas atividades desse processo, haja vista que o planejamento e outras atividades envolvem aspectos como barganhas e negociações, compromisso, coerção, valores, escolha e política. (HALL, 2001, p. 24)

A necessidade de um plano alinhado aos interesses da comunidade local acentua-se quando aplicamos isso ao Município de Nova Veneza em seu crescente apelo turístico, devido a constatação de que as principais características que atraem pessoas a visitarem seu território estão majoritariamente ligadas à questão das belezas naturais, gastronomia e à identidade histórico-cultural de sua população, representadas pela etnicidade italiana.

Ao fomentar um turismo baseado na identidade étnica da população local, é imprescindível ater-se a questões mais amplas do que a imagem com que a cidade é vendida, pois decisões apenas pontuais e empíricas por parte do poder público,

voltadas apenas a atender às demandas por novos empreendimentos, não se adequam aos parâmetros de uma política sustentável para o turismo. Neste sentido, esclarece Luzia Neide Coriolano e Claudia Leitão que: “sustentabilidade significa política e estratégia de desenvolvimento econômico, social e cultural contínuos, sem prejuízo do ambiente (inclusive dos recursos naturais) e do homem” (CORIOLANO; LEITÃO, 2008, p. 475).

Para que se construa um planejamento sustentável, integrado e comprometido em atender as necessidades locais, faz-se de grande importância um olhar multidisciplinar por parte do poder público para o setor, buscando não apenas explorá-lo pelo viés do desenvolvimento econômico. Em seus estudos, Ivane Fávero aponta que não acredita que com a falta de uma organização a longo prazo seja possível elaborar a aplicação de um turismo sustentável, pois segundo a autora:

[...] a implementação (ou crescimento) do Turismo não pode se dar de forma espontânea, isolada ou empírica. Há que se planejar o desenvolvimento desse fenômeno, que envolve grande número de pessoas, mesmo que elas não o desejem ou não esperem se envolver diretamente com ele. (FÁVERO, 2005, p. 2)

Embora o empirismo seja uma importante ferramenta para a compreensão aproximada dos contextos históricos dos sujeitos em determinada comunidade, pois, de forma geral, os responsáveis pelo planejamento público do setor (secretaria de turismo e associações turísticas) em pequenas cidades são provenientes do próprio lugar, deve-se levar em consideração que sem um planejamento estrategicamente bem pensado e conduzido de forma democrática, com um conhecimento técnico sobre o assunto e multidisciplinaridade, as políticas tendem a perder o foco principal, que deveria ser o retorno positivo para a comunidade residente como um todo. Por fim, acaba-se por atender apenas os interesses daqueles que o financiam ou administram as ações políticas a serem aplicadas em um determinado espaço territorial. O resultado de um reordenamento de espaços ao sabor dos interesses de grupos hegemônicos seria um ambiente estranho à população, dominado pela crescente artificialização das ações (CRUZ, p. 16).

Diferente de outros setores da economia, o turismo enquanto política de governo representa uma atividade que impacta em diversos outros setores da economia e em toda a estruturação de uma localidade, para o bem ou para o mal. Neste sentido, como pontua Edegar Luis Tomazzoni, quando bem gerido:

O turismo deve constituir-se em um ciclo econômico que efetivamente proporcione a melhoria da infra-estrutura, em termos de saneamento básico, vias de acesso, comunicação, educação, lazer, preservação da identidade cultural, valorização do patrimônio histórico. É essencial, ainda, que esse ciclo seja um processo de desenvolvimento ecologicamente sustentável. (TOMAZZONI, 2006, p. 362)

Entretanto, na maioria das vezes, diante da abrangência de tais objetivos, agregado às prioridades nas agendas políticas dos dias atuais, busca-se, na realidade, apenas o fortalecimento econômico que este setor pode produzir em impostos e geração de empregos, sem maiores preocupações com questões como a mobilidade urbana, a qualidade do emprego e o fortalecimento sociocultural da população residente (HALL, 2001).

Para Luzia Neide M. T. Coriolano, com a inserção do turismo em determinada localidade, a distribuição de renda pode tanto aumentar quanto diminuir, da mesma forma com que o crescimento na demanda de empregos não necessariamente representa a melhoria da qualidade do emprego ou da qualidade de vida do trabalhador (CORIOLANO, 2006). O sucesso de um empreendimento turístico, neste ponto de vista, depende muito mais das condições que este gera em termos de melhora das condições de vida local do que da qualidade da imagem estética que este trabalhador se depara todos os dias.

Na dialética entre a identidade local e a identidade para o turismo local, muitas vezes determinados símbolos são abandonados, ou escanteados, para o surgimento e exaltação de outros. Nota-se com isso, que no caso de Nova Veneza, assim como em outras cidades turísticas "europeias" do sul do Brasil, a elaboração de tais símbolos está diretamente ligada à questão do planejamento territorial urbano. Pelo recorte territorial do turismo em Nova Veneza, localiza-se aos arredores do centro da cidade, que representa uma das poucas porções urbanizadas do Município, podemos trazer aproximações com o que aponta Edegar Luis Tomazzoni em seus estudos sobre o discurso turístico na serra gaúcha:

Quanto à identidade cultural, enfatiza-se a gastronomia como expressão dos hábitos, usos e costumes das diversas etnias da Região (das imigrações italiana e alemã e do tradicionalismo gaúcho). Tanto a gastronomia, quanto os demais aspectos culturais estão diretamente vinculados ao meio rural, ainda que municípios como Gramado e Bento Gonçalves possuam uma infraestrutura de restaurantes totalmente integrada à vida urbana. (TOMAZZONI, 2006, p. 361)

Da mesma forma, nota-se que Nova Veneza, embora tenha entrado no cenário turístico a partir da gastronomia típica, historicamente associada à identidade étnica dos colonizadores italianos, reverenciados na história local pelo progresso alcançado através do trabalho agrícola no meio rural, pouco destas heranças culturais são representadas atualmente na promoção do produto turístico do Município, tendo servido no início do processo apenas como um trampolim identitário, mas que atualmente pouco interage com as populações que residem em suas áreas rurais e nos demais distritos.

Ao passo que se busca dar visibilidade para a questão da venezidade e da gastronomia na cidade, criando-se um cenário esteticamente atrativo em uma região específica, também se criam debates sobre a questão da falta de atrativos e infraestrutura urbana nas outras regiões do Município. Essas tensões geradas ao longo do processo aparecem expostas em um artigo escrito por Edio Minato, ex-Prefeito de Nova Veneza entre 1997 e 2000, que foi publicado no Portal Veneza no início de 2018, à época, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

No artigo intitulado *Acorda Caravaggio* - título em alusão a um distrito do Município que recebe este nome - o autor reivindica maiores investimentos na infraestrutura da localidade em questão citando que, no passado, o centro era considerado “decadente” e o Caravaggio se destacava pela importância devido à relevância do setor metal mecânico para a economia local. Entretanto, na data em que foi publicado o artigo, o ex-prefeito aponta que enquanto a região central recebia todo o investimento para o turismo, o Caravaggio encontrava-se excluído do processo, precisando de maior atenção para alavancar o turismo religioso no distrito:

Hoje o centrinho do Carava está “morto”, as empresas se instalaram em lugares mais distantes, não existem atrativos extras para turistas, o comércio está com dificuldade para sobreviver no seu negócio, não existem vagas para estacionamento, finais de semana não se vê uma viva alma circulando. As noites então nem se fala, quem quer se divertir ou jantar vai a Veneza ou Criciúma. Temos o Santuário, mas o que mais o romeiro tem para fazer aqui além de rezar? (MINATO, 2018)³⁵

³⁵ MINATO, Edio. *Acorda Caravaggio*. **Portal Veneza**, 28 jan. 2018. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/acorda-caravaggio/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

O santuário ao qual o autor se refere é em honra a Nossa Senhora do Caravaggio, construído em homenagem a santa padroeira dos colonizadores italianos que ocuparam a região no século XIX. A devoção da comunidade em relação à padroeira é uma das principais características da identidade dos moradores de Nova Veneza, especialmente no distrito em questão. A mobilização para a realização da festa e romaria anual que ocorre no fim do mês de maio já chegou a contar com 60 mil pessoas ao longo de um final de semana, com a presença de pessoas vindas de toda a região sul do Estado de Santa Catarina.³⁶

Na fala do ex-prefeito podemos perceber que a alta concentração do foco turístico na questão gastronômica do centro em contraposição à valorização do entorno do santuário traz algumas questões pertinentes a serem debatidas. Em primeiro lugar, percebe-se certo ressentimento dos altos investimentos em uma região da cidade em detrimento às outras, trazendo para público as disputas políticas neste cenário local. Da mesma forma, o turismo parece ter sido tomado como uma estratégia de valorização de uma região considerada em outros tempos “decadente”, o que traz a conotação de que o recorte territorial turístico escolhido fez parte do planejamento de revitalização de um lugar considerado ocioso para a economia local no passado. Por fim, percebe-se que os símbolos da identidade local elencadas no início do processo de reinvenção da italianidade local, que ocorreu a partir de 1991, como já citado no primeiro capítulo, ainda reverberam fortemente em outras regiões do Município.

Tais indicativos fazem sentido quando relacionamos este movimento às próprias características étnico identitárias presentes nos discursos de italianos e seus descendentes ao longo de sua história no Brasil, pois tanto a revitalização da praça quanto a transformação dos discursos étnicos a partir do turismo mostram a continuidade de um projeto que buscou ressignificar uma região que no passado de Nova Veneza havia sido espaço de grande representatividade em relação ao progresso italiano na antiga colônia, principalmente impulsionado durante a colonização pela família Bortoluzzi.

³⁶ NETTO, Vitor. A tradicional Romaria em Honra e Festa à Nossa Senhora de Caravaggio. **4oito**: você é feito de conteúdo, 29 maio 2021. Cotidiano. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/a-tradicional-romaria-em-honra-e-festa-a-nossa-senhora-de-caravaggio-44911>. Acesso: 3 jun. 2022.

Portanto, a escolha de mimetização deste espaço específico, segundo Carlos Eduardo Bao, acompanha o olhar colonial assumido por descendentes de italianos neste local ao longo de toda a sua história. Se em outros tempos a etnicidade de Nova Veneza via no império Bortoluzzi seu grande exemplo de um processo civilizador que deu certo, nos dias de hoje a reconstrução desse mesmo espaço para o fortalecimento de grupos tradicionalmente hegemônicos demonstra a cara da civilização italiana que se quer passar através do turismo, que busca na construção de uma réplica de Veneza seu ideal de progresso a ser vendido como o cartão postal para outros descendentes que compactuam do olhar colonial romantizado (BAO, 2015).

Nota-se isso pois grande parte dos turistas que visitam e consomem nos restaurantes de Nova Veneza são de descendência italiana, como pode ser percebido na pesquisa elaborada por Gabriel da Silva Grandi sobre o perfil dos consumidores do setor gastronômico da cidade, constatando este público como: “Tendo uma descendência principalmente italiana, com 70% dos entrevistados, seguido de alemã 16%, portuguesa 11,50%, espanhola 2% e outra 1,50%” (GRANDI, 2017, p. 45).

Enquanto no Caravaggio a identidade local está bastante associada à religião católica e a sua economia baseada fortemente no setor metalúrgico, em outro distrito Município chamado São Bento Baixo, que representa a subsede para a maior parte dos bairros do interior do Município, a identidade possui igualmente um forte vínculo à religiosidade católica, mas a isso acrescenta-se a influência da produção agropecuária, de forma que, assim como para os colonizadores do território, o trabalho no meio rural está diretamente ligado à cultura do distrito.

Neste ponto, para além da identidade étnica, devemos atentarmos ao que Mara Coelho de Souza Lago cita sobre: “[...] a questão da autoidentificação, da construção da identidade dos sujeitos referida ao trabalho que desempenham (LAGO, 1991, p. 2)”, que como já percebemos é parte estrutural da representatividade assumida por descendentes de italianos no Brasil e em Nova Veneza, sendo parte elementar da vida de muitas famílias que vivem da agricultura familiar no Município.

O grande exemplo da importância do trabalho agropecuário para os sujeitos do distrito de São Bento Baixo e arredores pode ser percebido pois, assim como no centro do Município ocorre a anual festa da Gastronomia Típica Italiana, sendo esta o evento principal de comemoração da italianidade do Município, atraindo milhares de visitantes todos anos, e no distrito de Caravaggio ocorre a festa em honra à santa padroeira da

comunidade, no distrito de São Bento Baixo celebra-se anualmente a festa de São João Batista, popularmente conhecida como “festa da fogueira”, que tradicionalmente tem como atração principal o acendimento de uma fogueira que já chegou a atingir 40 metros.

Em entrevista ao portal UNISATC, Vera Zanoni, uma das organizadoras da festa, lamenta a não realização do evento pelo segundo ano consecutivo devido à pandemia global de covid-19: “A fogueira era pequena. A partir de 1991 ela começou a se tornar grande. Fomos aperfeiçoando, melhorando as celebrações e chegamos ao extremo de fazermos uma fogueira com 40 metros de altura”.³⁷

Sobre o evento de São Bento Baixo, ressalta-se a importância da religiosidade e da ruralidade na identidade da população de Nova Veneza, já tendo ocorrido mais de cinquenta edições do evento anual. Nota-se que, embora o festejo não tenha acompanhado a proporção e a promoção da festa da gastronomia típica nas últimas décadas, o recorte de 1991 enquanto momento de transformação também aparece presente na fala da organizadora do evento. Com isso podemos observar que ao passo que as festas nos dois distritos interagem, tendo ambas ganhado impulso a partir do “resgate” étnico realizado no Município, na atualidade, tais eventos pouco dialogam com a face turística empreendida na sede.

A necessidade de criar camadas, em contraposição à exaltação de aspectos identitários ainda pouco explorados, é um grande exemplo do poder artificializante do turismo, ao atrelar a própria cultura a um empreendimento econômico, convertendo a busca por valorização da identidade local em uma constante relação da identidade visual para o turismo. Enquanto no centro de Nova Veneza a Festa da Gastronomia e o Baile de Máscaras, assim como o poder público Municipal, constroem novos arranjos para aumentar os símbolos de turismo na cidade, em outros espaços as comunidades se mobilizam para evocar seus próprios costumes. Tais costumes podem ser observados nos festejos de São Bento Baixo ao se analisar o panfleto da festa em 2018. O evento possui características próprias como apresentação de shows sertanejos e de rock, além do churrasco gaúcho como atrativo gastronômico,

³⁷ FELICIO, Julia. Nova Veneza não terá Festa de São João Batista pelo segundo ano consecutivo. **UNISATC**, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://unisatc.com.br/nova-veneza-nao-tera-festa-de-sao-joao-batista-pelo-segundo-ano-consecutivo/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

contando também com desfile de motos e realização de sorteios de rifa³⁸, ou seja, características marcantes de uma quermesse paroquial do interior, entretanto, aliada à etnicidade italiana presente na celebração das missas como decorrência da forte influência católica que perdura até os dias de hoje.

As diferenciações identitárias entre sujeitos em determinados espaços de um Município, mesmo que pequeno, ocorre devido à distinção entre “pertencimento e identidade”, possíveis de serem observadas em Bauman:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (BAUMAN, 2005, p. 17-18)

Ou seja, a massiva reprodução da identidade enquanto um produto não garante a adesão em termos de representatividade para a população local. Nesse debate entre pertencimento e identidade, podemos incluir ainda a questão da representação social dos atores em diferentes espaços do território municipal, em especial quando comparamos os habitantes do centro da cidade e os residentes das áreas rurais.

Isso se dá pois, embora grande parte dos habitantes carreguem a descendência italiana em comum, os símbolos da construção da cidade turística, como a Gôndola, a Festa da Gastronomia, o Baile de Máscaras e no Carnaval de Veneza, carregam consigo a força de transformação provocada pela indústria do turismo. Essa indústria, como Ana Fani A. Carlos cita, tem o poder de tornar: “tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer ilusório, onde o espaço se transforma em cenário, “espetáculo” [...]” (CARLOS, 2007, p. 64).

Quando a etnicidade enquanto identidade local se torna o próprio espetáculo a ser consumido, sem o pertencimento da população em relação ao discurso que se propaga, formam-se distintos pertencimentos dos sujeitos, a depender do espaço que ocupam. Isso pôde ser percebido em Luciana Lanhi Salazar Balthazar ao abordar o

³⁸ CONFIRA a programação da “Festa da Fogueira” de São Bento Baixo. **Onde tem balada**: seu guia de baladas, 21 jun. 2018. Disponível em: <https://www.ondetembalada.com/noticia/confira-a-programacao-da-festa-da-fogueira-de-sao-bento-baixo>. Acesso em: 3 jun. 2022.

significado da Festa da Gastronomia Típica Italiana e o Carnaval de Veneza para sujeitos de diferentes regiões do Município.

Ao entrevistar um jovem da área urbana e outro da área rural, a autora constatou que enquanto no centro da cidade o entrevistado sente-se mais italiano nas épocas da festa, devido ao ambiente construído para as festividades, por outro lado, o jovem que reside na área rural sente-se mais italiano no convívio diário com outros descendentes em sua localidade (BALTHAZAR, 2016). Na perspectiva da autora:

Essa diferença de sentimento entre os dois jovens em relação à festa talvez seja porque ela acontece no centro da cidade. Dessa forma, os habitantes da zona rural, como é o caso do informante 18, não assistem e não participam tanto dos preparativos; consequentemente, não se sentem parte da festa. (BALTHAZAR, 2016, p. 156)

Isto deixa exposto que a alegoria de elementos presentes nos festejos municipais, que são a apoteose do produto turístico étnico de Nova Veneza, atinge mais os sujeitos que moram próximos ao centro, enquanto para o residente da área rural, sua identidade se aproxima da italianidade na medida em que ele interage com seus pares, por possuírem características mais próximas das suas.

Diante da diferenciação nas características da identidade local, outras questões surgem nas disputas por espaço de fala e representatividade na seara do turismo étnico. Nota-se que, embora a cidade tenha ganhado projeção no setor graças à gastronomia típica e à venezidade, implantada e realimentada pelo poder público na sede Municipal e que tem atraído consumidores, a alta concentração de promoção, investimentos e valorização de um mesmo ambiente, aliados ao jogo de interesses de elites tradicionais em valorizar seus comércios, levaram ao inchamento de atrativos na região central.

Salienta-se que este movimento de standardização que vem ocorrendo neste espaço se associa às características que Ana Fani Alessandri Carlos considera ao definir o “não lugar” em consequência da massificação cultural em prol do turismo.

Nesse sentido cidades inteiras se transformam com o objetivo precípua de atrair turistas, e esse processo provoca de um lado o sentimento de estranhamento – para aqueles que vivem nas áreas que num determinado momento se voltam para a atividade turística – posto que violenta e rapidamente transformado e, de outro, transforma tudo em espetáculo e o turista em espectador passivo. (CARLOS, 2007, p. 63)

A cultura massificada enquanto produto muitas vezes pode tornar o lugar um espaço de não-identidade, principalmente para os sujeitos locais que vivem do

turismo. Embora seja um jargão da publicidade turística dizer que o turismo é uma "indústria sem fumaça", os efeitos gerados pela má gestão e falta de planejamento a longo prazo podem trazer no futuro consequências irreversíveis para a população local, a exemplo de Gramado, citada anteriormente no texto.

Visto que assim como na cidade gaúcha, o centro de Nova Veneza tem se tornado um espaço apropriado para o crescimento de empreendimentos, destinados ao que Eugênia Dória V. Cerqueira aponta como "público qualificado":

A concentração de atividades destinadas a uma clientela qualificada estimula um tipo de negócio que se embasa sobre a especificidade do público que a zona atrai, composto essencialmente por indivíduos com um elevado poder aquisitivo. (CERQUEIRA, 2014, p. 428)

A concentração de empreendimentos do tipo, aliado à alta valorização estética investida para atrair esse público, são típicos sinais de processos de gentrificação em andamento. Assim, observa-se a grande distinção socioeconômica que se constrói entre a população residente e os turistas que usufruem do espaço público, que no caso de Nova Veneza é essencialmente a praça Humberto Bortoluzzi bem como os serviços ofertados pelo setor gastronômico nas redondezas deste espaço.

Isso pode ser percebido em Nova Veneza ao analisarmos o estudo de Grandi, onde o pesquisador buscou constatar o perfil econômico dos frequentadores de cinco restaurantes localizados no centro do Município. Como resultado, analisou-se que 48% dos entrevistados afirmaram ter renda familiar entre R\$ 4.685,01 a R\$ 9.370,00 (Classe C); 23,5% citaram entre R\$ 9.370,01 a R\$ 18.740,00 (Classe C e B); e 9% possuíam renda acima de vinte salários-mínimos (Classe A). Dos entrevistados, um montante de apenas 19,5% afirmou possuir renda familiar entre R\$ 1.874,00 a R\$ 4.685,00 (Classe D e E) (GRANDI, 2017).

Quando relacionamos tais dados ao salário médio dos trabalhadores formais em Nova Veneza, que em 2019 era de R\$ 2.000 segundo o IBGE³⁹, percebe-se que 80,5% dos turistas que consomem no setor gastronômico desta região da cidade estão acima da média salarial dos habitantes do Município. Configura-se, ainda, um contraste maior quando se analisa as informações do Município no site Caravela

³⁹ NOVA Veneza: Panorama - trabalho e rendimento. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/nova-veneza/panorama>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Dados e Estatísticas, onde é apontado que: “As faixas de menor poder aquisitivo (E e D) participam com 71,2% do total de remunerações da cidade, enquanto as classes mais altas representam 2,8%”⁴⁰, sendo esta minoria referente às classes A e B.

Sendo assim, o espaço turístico vai sendo ocupado pelo público de um poder aquisitivo maior em decorrência do próprio alto padrão dos estabelecimentos que se concentram nesta região. Isto ocasionou, ao longo dos últimos anos, uma grande valorização dos arredores da praça Humberto Bortoluzzi, sem que o restante do território Municipal fosse beneficiado igualmente por esses empreendimentos. Enquanto isso, empreiteiras se voltam à construção de condomínios fechados nos arredores da cidade para atender às demandas por segunda morada ou residência fixa. Assim, reconfigura-se o tecido social urbano do Município que, segundo Coriolano e Leitão, pode vir a esgarçar pela alta concentração de riqueza gerada por um turismo voltado para o crescimento econômico, sem sustentabilidade (2008).

Vale destacar que a diferenciação entre público-alvo do turismo e população residente é acrescida à questão da qualidade do emprego em nossa sociedade atual, principalmente quando constatado que:

No plano das relações trabalhistas, observamos, na atividade turística, acentuada exploração do mercado de trabalho, pela elevada porcentagem de trabalhadores em meio período; grande porcentagem de trabalhadores temporários e ocasionais intensa presença de mulheres com contratos de meio período, especialmente em hotelaria e restaurantes [...] (CORIOLANO, LEITÃO, 2008, p. 469).

Ou seja, um setor fortemente composto por uma massa de trabalhadores descritos por Ricardo Antunes como “precarizados”, como consequência da flexibilização dos mecanismos de acúmulo capitalista contemporâneo, que engendrou uma nova forma de engenharia econômica baseada na empresa enxuta, na terceirização e queda de direitos trabalhistas (ANTUNES, 2000). Isto acaba por privilegiar o patronato, em contraposição ao trabalho regulamentado que favorece o trabalhador na negociação sobre o valor de sua mão de obra.

Ao apontar o que seriam esses trabalhadores “precarizados”, nota-se que tal realidade está intrinsecamente ligada ao setor de serviços que, em geral, são o carro chefe na criação de postos de trabalho em destinos turísticos. Para Antunes, estes

⁴⁰ NOVA Veneza – SC. **Caravela:** Dados e Estatísticas. Disponível em: <https://www.caravela.info/regional/nova-veneza---sc>. Acesso em: 3 jul. 2022.

trabalhadores: “São os ‘terceirizados’, subcontratados, ‘part-time’, entre tantas outras formas assemelhadas, que se expandem em inúmeras partes do mundo” (ANTUNES, 2000, p. 42), representados pela maioria do proletariado que sobrevive da indústria do turismo quando feita para o benefício do empresariado urbano, e não para o benefício da população local.

Em Nova Veneza podemos observar as reverberações desta realidade global ao percebermos a fala da presidente da ANET em matéria publicada pelo portal NDmais, em que os empresários da Associação Neo Veneziana de Turismo pediam, em março de 2021, pela reabertura dos estabelecimentos gastronômicos, após sanção do Estado de Santa Catarina para o fechamento devido aos reflexos da pandemia de Covid-19. No artigo em questão, são divulgados os números de empregos formais e informais, gerados pelas 22 empresas associadas à ANET. Fica, assim, explícito que em um total de 363 empregos gerados, apenas 138 possuíam carteira de trabalho assinada, enquanto 225 eram funcionários *freelancers*. Isto ocorre pois, assim como a demanda turística cresce substancialmente nos finais de semana, alguns dos restaurantes abrem apenas nestes dias⁴¹, o que faz com que mais de 61% dos trabalhadores ligados ao turismo estejam na categoria de trabalhadores precarizados.

Tais dados demonstram a fragilidade do emprego para os trabalhadores em decorrência da alta concentração de investimentos para o fortalecimento exclusivamente do setor de turismo gastronômico da cidade, que foi particularmente afetado de forma ainda mais severa durante a pandemia entre 2020 e 2021. Em entrevista ao portal 4 e oito, a presidenta da ANET, Luana Bortolotto, expõe essa problemática demonstrando as consequências disso para o proletariado que trabalha nestes empreendimentos ao citar: “Desde o ano passado as demissões vieram em massa e, principalmente a não contratação dos funcionários extras nos fins de semana. Empresas que antes contratavam 40 pessoas, hoje 20 são suficientes”.⁴²

⁴¹ MANARIN, Karina. Empresários do setor gastronômico pedem socorro no Sul do Estado. **NDmais**, 15 mar. 2021. Economia SC. Disponível em: <https://ndmais.com.br/economia-sc/empresarios-do-setor-gastronomico-pedem-socorro-no-sul-do-estado/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

⁴² BORTOLIN, Marciano. Empresários de Nova Veneza projetam o pós-pandemia. **4oito**: você é feito de conteúdo, 17 abr. 2021. Economia. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/empresarios-de-nova-veneza-projetam-o-pos-pandemia-43450>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Além da questão do emprego, a pandemia gerou outras discussões em torno da questão turística no centro de Nova Veneza. O viés altamente econômico entrou em choque com a questão da utilização dos espaços públicos por parte da população local durante este período. Em matéria do portal Veneza em maio de 2020 aparece a revolta da população sobre a impossibilidade de acessar a praça pois havia muitos turistas sem máscara no local. Como pode-se ver na fala de Lurdes Maria De Menech para a reportagem:

Sou vizinha da praça, no domingo dia 3 de maio sentei na praça com amigas, mas não pudemos ficar, porque era muita gente e todos sem máscaras e sem proteção. Estou muito preocupada, estamos correndo graves riscos, só que as pessoas não estão levando a sério. Nos sábados e domingos não podemos nem mais sair de casa, pois foi aberto para os turistas voltarem à cidade. Não tenho nada contra eles, só que ao meu ver ainda não é hora, acho que teria que esperar mais um pouco. Estão botando em risco a vida dos munícipes, sei que bastante gente está descontente com isso"⁴³

Em contraste ao posicionamento da moradora local, na mesma matéria, a então Secretária de Esporte, Cultura e Turismo, Susan Bortoluzzi Brogni, posicionou-se a favor da flexibilização de medidas para os turistas, devido a importância destes para o desenvolvimento da economia local, salientando que da mesma forma que os turistas estavam ocupando o centro da cidade, em outros lugares o mesmo estava acontecendo, referindo-se à serra e litoral catarinenses.⁴⁴

Este exemplo trata-se de uma síntese de políticas do turismo tomadas visando apenas benefícios econômicos, onde o papel do poder público é apenas criar e manter estruturas do turismo, alimentando a clientela que fortalece a iniciativa privada. Não se leva em consideração o bem-estar de sua própria população, tornando o turista um mal necessário para o público receptor, que deve adaptar seu cotidiano para o benefício deste setor. Neste sentido, se para a iniciativa privada os protagonistas são os primeiros, para o poder público, que busque defender um turismo integrado e sustentável, os maiores beneficiados deverão ser os cidadãos do Município (BARRETO, 2003).

⁴³ FERREIRA, Francine. Turistas causam aglomerações na praça central e moradores de Nova Veneza reclamam. **Portal Veneza**, 19 maio 2020. Saúde. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/turistas-causam-aglomeracoes-na-praca-central-e-moradores-de-nova-veneza-reclamam/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

⁴⁴ FERREIRA, Francine. Turistas causam aglomerações na praça central e moradores de Nova Veneza reclamam. **Portal Veneza**, 19 maio 2020. Saúde. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/turistas-causam-aglomeracoes-na-praca-central-e-moradores-de-nova-veneza-reclamam/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

4.2 METODOLOGIA DO PLANO DIRETOR DE NOVA VENEZA

Após quase duas décadas de exploração do turismo étnico em seu território, a partir de 2020, Nova Veneza, pela primeira vez, busca construir um planejamento territorial para o Município contando com a participação da população local. Um movimento que, embora tardio, possui grande importância em quais serão os rumos da cidade como um todo para os próximos anos. Neste meio tempo, como pode-se perceber sobre a política direcionada ao turismo, muitos foram os incrementos de novos instrumentos de atração para a sede, favorecendo o setor gastronômico e a imagem como cidade turística. Ao mesmo tempo, poucos foram os esforços em fortalecer os demais aspectos que interagem e são impactados por esse setor, como a questão da identidade, territorialidade, sustentabilidade ecológica e fortalecimento socioeconômico de outras regiões do Município.

Como consequência desta política, destaca-se o que apontou André Fabiano M. Mastella e Jean Lucas de Farias em seu trabalho sobre a espacialização turística de Nova Veneza. Nele, os autores salientam a importância de uma melhor distribuição da atividade no Município ao constatar que a maior parte dos atrativos estão concentrados na região norte, nordeste e noroeste do território neoveneziano. Tais locais correspondem à sede Municipal e às divisas com o Município vizinho de Siderópolis e Criciúma. Os autores sugerem que cabe ao poder público construir uma Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo profissionalizada e empenhada para assim fomentar políticas públicas junto ao plano diretor, visando espacializar de maneira mais equilibrada os atrativos turísticos locais (MASTELLA; FARIAS, 2020).

A concentração de atrativos a partir da região do centro está associada ao interior do Município de Siderópolis, pois alguns dos principais atrativos localizados em espaço não urbano de Nova Veneza estão localizados no Município vizinho. Locais estes que são, inclusive, apresentados no portal de turismo de Nova Veneza como parte do roteiro turístico de Nova Veneza.

Isso se dá em decorrência da proximidade entre ambos, chegando a menos de 2 km da praça central Humberto Bortoluzzi. Também, pela importância da estrada que liga as duas cidades à Barragem do Rio São Bento, que é parte fundamental do roteiro de Nova Veneza, tendo esta sido o primeiro artifício turístico do Município, por sua localização geográfica ficar entre a principal cidade da região que é Criciúma e o Município de Siderópolis, onde se localiza a barragem, em um trecho que desde o

início da exploração turística da região já contava com restaurantes típicos italianos, incluindo o primeiro da família Ghellere, já citada, e que hoje domina boa parte dos estabelecimentos no centro de Nova Veneza.

Buscando adaptar sua estruturação urbana às transformações já correntes no Município, em muitos casos impulsionadas pelo setor turístico, a partir de 2020 a Revisão do Plano Diretor de Nova Veneza passou a ser elaborada pelo Consórcio Interfederativo Santa Catarina (CINCATARINA), uma empresa que auxilia de forma técnica os Municípios da região, realizando o levantamento de dados sobre a geografia, a distribuição de sua infraestrutura, além de contar com consultas públicas visando suscitar as demandas e opiniões dos habitantes locais em seus respectivos bairros e distritos sobre a necessidade de maiores intervenções do poder público em todo o território municipal. A aprovação na escolha da empresa foi confirmada pela lei municipal 2.767/2020.⁴⁵

A decisão de escolha desta empresa para a elaboração do levantamento técnico na construção do plano não se deu sem o debate entre o setor público e privado. Ao sinalizar a adoção do consórcio CINCATARINA, a prefeitura foi questionada pela presidente da AENOVE sobre a escolha desta empresa, em contraposição à preferência da associação que defendia a criação de Plano de Desenvolvimento Local - DEL, que seria realizado junto à Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina. Em resposta ao questionamento, o Secretário de Planejamento e Urbanismo de Nova Veneza, Felipe Niehues Furlan, respondeu que o DEL estaria atrelado ao Plano de Desenvolvimento Socioeconômico da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), ou seja, em conformidade com os planejamentos dos outros municípios da região, enquanto o Plano Diretor serve como um balizador do crescimento sustentável direcionado especificamente ao território Municipal.⁴⁶

⁴⁵ NOVA VENEZA, SC. **Lei nº 2767, de 28 de fevereiro de 2020.** Ratifica o protocolo de intenções do consórcio interfederativo santa catarina – CINCATARINA, e dá outras providências. Nova Veneza, SC: Câmara Municipal, [2020]. Disponível em: <https://www.cvnv.sc.gov.br/proposicoes/Lei/2020/4/0/6736>. Acesso em: 3 jun. 2022.

⁴⁶ FERREIRA, Francine. Aenove cobra espaço para discussão do Plano Diretor de Nova Veneza. **Portal Veneza**, 10 ago. 2020. Desenvolvimento. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/aenove-cobra-espaco-para-discussao-do-plano-diretor-de-nova-veneza/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Ao observar o documento que dispõe sobre a metodologia utilizada pela empresa CINCATARINA, salienta-se uma grande influência das ODS como parâmetro na realização do trabalho, observável na seguinte citação:

A implementação da nova agenda urbana contribui para a implementação e localização da agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável de maneira integrada, e para a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e suas metas, inclusive o ODS 11 para tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis (CINCATARINA, 2020, p. 8).

Ao seguir tal prerrogativa, percebe-se a intenção da iniciativa em buscar o cumprimento dos 17 objetivos propostos pela ONU para o desenvolvimento sustentável, sendo estes: erradicação da pobreza; fome zero e agricultura sustentável; saúde e bem estar; educação de qualidade; igualdade de gênero; água potável e saneamento; energia limpa e acessível; trabalho decente e crescimento econômico; redução das desigualdades; indústria, inovação e infraestrutura; redução das desigualdade; cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção responsáveis; ação contra a mudança global do clima; água na vida, vida terrestre; paz justiça e instituições responsáveis; parcerias e meios de implementação (ONU, 2015).

Juntando a isso, busca-se também a construção de planejamentos integrados entre os diferentes setores da economia, assim como entre os demais municípios da região sul-catarinense, sendo que a mesma instituição realizou tal serviço em diversas outras cidades de Santa Catarina, alcançando, ao final de 2021, 203 municípios de um total de 295 em todo o Estado:

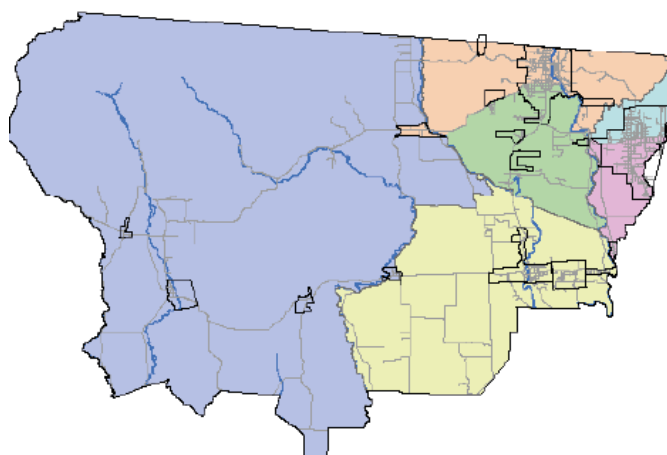
Essa articulação poderá gerar, como produto, um plano regional de desenvolvimento, e, certamente, uma institucionalidade correspondente à realidade e capacidade dos municípios para conduzir e implementar o plano ou acordos regionais, e consequentemente, transformar o espaço regional em um tecido mais coeso, social, cultural, ambiental e economicamente sustentável. (CINCATARINA, 2020, p. 10).

Para atingir estes objetivos, a metodologia utilizada foi dividida em onze fases, que vão desde a coleta de dados gerais sobre a situação atual do Município até a entrega final das informações construídas pela empresa em parceria com uma comissão designada municipalmente a acompanhar todo o processo de discussão e decisão de pareceres, que por fim serão entregues ao poder executivo municipal para a mudança na legislação vigente. As etapas são divididas progressivamente em:

Coleta de dados; Reuniões Comunitárias e Técnicas; Diagnóstico; Análise do Município; Prognóstico; Análise do Município; Revisão das Leis; Análise do Município; Audiência Pública, Revisão Final, Câmara de Vereadores (CINCATARINA, 2020).

O recorte utilizado para a coleta de dados visou atingir todo o território de Nova Veneza, sendo elaborado através da divisão do Município em seis regiões:

Figura 8 - Mapa de Nova Veneza com as seis regiões divididas pelo CINCATARINA para a coleta de dados



Legenda: azul claro: Caravágio e São José; laranja: Centro, São José, Elisa e Brasília; amarelo: São Bento Baixo, Jardim Florença, Garuvinha, Linha 14 de Julho, Linha Mattia, Linha Reta, Linha Zanzi e Sanga Curta; azul escuro: São Bento Alto, Rio Cedro Médio, Araçá, Linha Minerva, São Bonifácio, São Francisco, Linha Zoche, Vila Maria, Cúbico, Linha Pasetto, Rio Cedro Alto, Cantão e Santo Antônio; rosa: Baixada, Mãe Luzia e Fenali; verde: Picadão, Rio Guarapari, Nossa Senhora de Lourdes e Bortolotto. Fonte: CINCATARINA, 2020.

O levantamento de dados buscou recolher informações atualizadas sobre critérios como: concentração de comércios, residências e estruturas administrativas, além do zoneamento e os padrões urbanísticos de cada bairro pesquisado. Este material recolhido foi apresentado em reuniões comunitárias realizadas nas seis sub-regiões selecionadas entre os dias 16 e 30 de setembro de 2021. Após a apresentação para os membros de cada comunidade, foi elaborada uma dinâmica buscando entender o nível de satisfação dos moradores em diversas áreas da infraestrutura local, em que todos os presentes puderam dar seus pareceres sobre a situação de seu bairro a partir do seu ponto de vista.

A dinâmica se repetiu em todas as sub-regiões, onde foram distribuídos papéis na cor azul (condicionantes), vermelho (deficiências) e verde (potencialidades).

Seguindo a técnica do Metaplan⁴⁷, as “condicionantes” seriam, portanto, elementos que devem ser preservados e mantidos na agenda Municipal; as “deficiências” seriam situações negativas e que merecem maior atenção na revisão do plano; e as potencialidades são questões positivas e que merecem ter continuidade no novo planejamento municipal. Os cidadãos presentes poderiam colocar nestes papéis opiniões e ideias sobre a administração e estrutura do Município de acordo com as seguintes áreas: econômica e social; estruturação urbana; mobilidade urbana; qualificação ambiental e patrimônio histórico (CINCATARINA, 2020, p. 24).

Além da consulta através das reuniões comunitárias, o levantamento de dados também contou com a participação dos munícipes de forma online, feita com a disponibilização de questionários no site oficial da Prefeitura de Nova Veneza, onde a população pôde avaliar aspectos diversos da infraestrutura urbana a partir da classificação entre: intolerável, desejável e aceitável⁴⁸. Por fim, os cidadãos puderam dar seus pareceres de forma escrita em duas caixas de texto que perguntavam: qual a primeira imagem que vinha à cabeça ao pensar em sua cidade?; e outra com o espaço livre para que dessem contribuições para a revisão do Plano Diretor (CINCATARINA, 2021)⁴⁹.

Durante o período de realização da presente pesquisa, a construção da revisão do Plano Diretor ainda se encontrava em andamento, sendo possível aqui discutir sobre as reverberações da revisão do plano até a parte em que foram realizadas as reuniões comunitárias. Neste sentido, vale salientar a importância desta fase inicial para a compreensão da visão dos moradores locais sobre a inserção do turismo, sendo que o recorte em que ocorreu esse processo aconteceu paralelamente ao

⁴⁷ Segundo o documento de metodologia do CINCATARINA para revisão do plano diretor de Nova Veneza, “‘Metaplan’ é uma técnica destinada a promover o envolvimento das pessoas nas discussões coletivas, esclarecer dúvidas, gerenciar conflitos e levar um grupo a alcançar, de forma consistente, os objetivos propostos para discussão. As discussões e complementações serão feitas em plenário, onde os participantes poderão debater e validar os temas e, desse modo, avançar nas discussões.” (2020, p. 24)

⁴⁸ Os quesitos elencados no questionário foram: Comércio e serviços; Lazer e esportes; Escolas e creches; Posto de saúde e hospital; Segurança pública; Oferta de moradias; Oferta de emprego; Distribuição de água; Tratamento de esgoto; Coleta de lixo; Drenagem de água; Iluminação Pública; Condições das calçadas; Arborização e vegetação; Acessibilidade; Ciclovias e ciclofaixas; Limpeza urbana; Trânsito; Transporte público; Cultura da cidade.

⁴⁹ CINCATARINA. **Questionário** - Plano Diretor de Nova Veneza, 2021. [Google Formulário]. Disponível em: https://docs.google.com/forms/d/1VLPSl6xcxIRwyp5lwaEmpHR_jifZb9ZkSy4P4iQRB_o/viewanalytics. Acesso em: 7 dez. 2021.

período entre a elaboração Plano Diretor vigente e a atual revisão que se encontra em andamento, ou seja, de 2004 a 2021.

É importante destacar a diferença no perfil das contribuições dos moradores que realizaram sua participação de forma presencial e online. Foi possível perceber que os pontos de insatisfação foram mais elencados no questionário realizado de forma online, provavelmente pelo fato dos sujeitos se sentirem mais confortáveis para expor suas opiniões, não precisando informar o nome, registrando-se apenas com a faixa etária e o bairro em que residiam. Já nas reuniões comunitárias de forma presencial, o material apresentado pela empresa responsável pelo trabalho já direcionava as pautas para o que estava sendo discutido no levantamento previamente realizado, geralmente induzindo as discussões para questões técnicas da paisagem urbana, tais como: fachadas ativas, mobiliário urbano, parâmetros urbanísticos, acessibilidade, entre outros. Da mesma forma, ao menos na reunião comunitária realizada no centro do Município, foi possível notar que o perfil dos presentes possuía um certo padrão, em que os participantes eram, de maneira geral, funcionários do governo municipal e empresários interessados na manutenção do fluxo turístico na cidade sede que, por representarem maioria, dominaram os debates sobre as necessidades a serem contempladas com a revisão do Plano Diretor Municipal.

4.3 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADES EM PERSPECTIVA: POSSIBILIDADES PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL

Diante da realidade exposta sobre como ocorre a estruturação das políticas do turismo no Brasil e como estas reverberam em Nova Veneza desde a década de 1990 - principalmente no que diz respeito aos agentes que são beneficiados por estes mecanismos, de maneira geral, pertencentes a grupos tradicionais da política e economia local - é importante perceber, para além das representações étnicas, como ocorre a participação efetiva dos cidadãos nas decisões públicas, em suas disputas por espaço de representação política e social.

Ao adentrarmos na questão sobre como ocorre a participação cidadã nos moldes de nossa democracia representativa atual, Luís Felipe Miguel pontua que, em sua própria estrutura, este modelo distancia o cidadão do exercício pleno da participação política. Embora perceba-se nos últimos anos, principalmente após a

redemocratização do país, a tentativa de levar aos espaços públicos de poder grupos historicamente em desvantagem de representação política, à exemplo da inclusão de mulheres e negros através de cotas eleitorais, no cenário atual, nossa democracia representativa ainda peca em concentrar o poder de decisão nas mãos interessadas de grupos específicos e dominantes, enquanto a participação do “cidadão comum” nas tomadas de decisões permanece quase nula (MIGUEL, 2003).

A insuficiência em se conseguir contemplar os interesses da população como um todo deriva da própria carga de capital cultural e material elevado daqueles que lideram os setores públicos se comparados à grande parte dos sujeitos em uma sociedade desigual como a brasileira. Desta forma, o cidadão entrega aos políticos o papel de suprir suas necessidades, enquanto os representantes, de maneira geral, encontram-se distantes da realidade de seus representados (MIGUEL, 2011, p. 59).

Este cenário impede a conquista de autonomia política por parte do governado, sendo que, para o exercício pleno da cidadania: “A idéia de autonomia é central porque implica tanto a capacidade de que os indivíduos produzam, coletivamente, seus próprios interesses quanto que renegociem suas identidades e pertencimentos de grupos” (MIGUEL, 2011, p. 57). Enquanto a percepção dos cidadãos sobre a política fixar-se exclusivamente na figura do “político”, enquanto detentor da tutela sobre seus eleitores/representados, dificilmente o povo conseguirá exercer plenamente seu papel de cidadão empoderado e atuante.

Neste sentido, a representação étnica, construída para o turismo em Nova Veneza, também passa pela forma com que os sujeitos em seus diferentes espaços e realidades socioeconômicas se encontram dentro da participação na política municipal. Com isso, iniciativas como a realização de reuniões comunitárias para a Revisão do Diretor representam a busca por perspectivas sociais diferentes daquelas em que estão inseridos os governantes e as elites interessadas em terem suas reivindicações garantidas, ao fomentar a elaboração de perspectivas sociais compartilhadas, onde cada grupo expõe suas diferentes perspectivas e interesses (MIGUEL, 2011).

Se por um lado tal ação do poder público demonstrou a busca pelo diálogo com todos os governados em seus territórios, por outro, como pode-se perceber, aqueles que participaram e lideraram os debates na reunião realizada no centro do Município, ainda assim, em relação ao turismo, foram aqueles que já se encontram em um papel

de dominância sobre o setor e que reivindicavam o progresso das iniciativas benéficas aos seus interesses. Enquanto isso, os contrários à excessiva concentração de recursos e repaginação no centro viram na plataforma online um ambiente mais propício para expressar suas opiniões.

Desta forma, é importante compreender: “[...] que política diz respeito a interesses e poder” (MIGUEL, 2011, p. 49), sendo ingenuidade separar o capital financeiro do capital político em nossa sociedade. Ao se considerar as reuniões comunitárias como um espaço privilegiado para o exercício da cidadania, podemos constatar que aqueles que possuem maior capital financeiro e influência política, consequentemente detêm o poder de ditar as identidades que serão sobrepostas de representação nas políticas em relação às outras. Este é um jogo de hegemonias que é refletido, de maneira explícita, em quem reivindica lugar de fala publicamente perante a sociedade.

Para além da abertura para o diálogo e a participação de toda a população, através das reuniões comunitárias, pondo todos os sujeitos em uma suposta igualdade de fala e de representação política, se faz importante considerar que:

Um dos principais desafios da representação política democrática reside aí: em não bloquear a constituição de determinadas identidades coletivas, nem impô-las autoritariamente, garantindo um diálogo entre representantes e representados que depende da capacitação política destes últimos (MIGUEL, 2011, p. 42).

A simples abertura isolada para o diálogo público, não significa a concretização em si, do exercício pleno da democracia e da representação política da população. Entretanto, como será possível observar, expõem uma série de novas perspectivas sobre as políticas do turismo no Município até então silenciadas, bem como, interessantes reflexões e ideias para o futuro desta atividade no seu território de maneira mais ampla.

Das fontes produzidas pela empresa CINCATARINA na coleta de dados sobre a topografia e a estruturação urbana de Nova Veneza, que foram apresentados às comunidades antes das consultas públicas presenciais, observou-se que à medida em que eram demonstrados exemplos positivos e negativos de diferentes cidades e suas infraestruturas urbanas, os apontamentos levantados pelos moradores seguiam os mesmos parâmetros. Um dos principais pontos de divisão entre os moradores seria a questão da possibilidade de ampliar o número de andares máximo para edifícios no

Município, que atualmente variam entre quatro e dois pavimentos como limite, a depender da região segundo o Plano Diretor (2004).

Esta discussão diz muito sobre o Planejamento Urbano que será tomado para os próximos anos, pois o aumento da verticalização, em teoria, significa a estruturação para o crescimento populacional. Neste debate, pode-se observar duas visões distintas, a daqueles que defendem a construção de prédios maiores para atrair mais pessoas a residirem no Município, e a daqueles que defendem as vantagens de se viver em uma cidade com características de interior, ocasionadas pelo baixo número de habitantes, caracterizada pela qualidade da aplicação dos serviços públicos e o baixo índice de criminalidade.

Esta discussão dialoga com uma das questões levantadas neste capítulo sobre o recente aumento de condomínios, em decorrência também da promoção direcionada pelo turismo. Tal preocupação é apresentada na fala de um morador do Rio Cedro Alto,⁵⁰ comunidade do interior, na consulta pública realizada de forma online:

Nos últimos anos percebo que o Município de Nova Veneza, está criando muitos condomínios residenciais. Penso que isso não é bom para o município, mais pessoas exigirá maiores investimentos em educação, saúde, segurança. O município terá condições de manter o padrão que temos hoje? Ou isso se perderá? Nova Veneza não pode perder sua essência e charme de cidade pequena.⁵¹

Da mesma forma, há aqueles que defendem o crescimento urbano do Município, pautando-se na possibilidade do crescimento econômico como consequência do aumento do número de habitantes. O morador aponta que o foco no turismo tem gerado a estagnação da economia, pois segundo ele, prioriza-se: [...] o turista que só passa por aqui, gastando onde não se recolhe praticamente nada de impostos. Com edifícios, onde mora uma família, se pode ter 10, 20, 30 ou até mais [...]”.⁵²

Entretanto, um consenso aparece para quase todos que participaram da consulta pública e das reuniões comunitárias, o de que a região central deva ser

⁵⁰ A consulta pública foi anônima, os partícipes apenas respondiam a que bairro pertenciam e a respectiva faixa etária que se encaixavam. Assim, a pesquisa apresentará estes mesmos dados para a diferenciação dos relatos dos residentes.

⁵¹ Residente no bairro Rio Cedro Alto, possui entre 40 e 59 anos.

⁵² Residente do bairro Centro, possui entre 40 e 59 anos.

mantida horizontalizada em seu centro histórico, ou seja, sem a permissão para a construção de prédios altos. Ao mesmo tempo, para a maior parte dos habitantes é considerado “desejável”, termo utilizado na pesquisa quantitativa elaborada pelo CINCATARINA, permitir a construção de edifícios de até oito andares nas demais regiões urbanizadas do Município. Um dos motivos, seria o que aponta o morador a seguir:

Muitos estão indo embora daqui, pelo fato dos preços dos terrenos e dos aptos que são muito caros! Sou favorável à construção de prédios mais altos, fora da região central da cidade, assim podemos manter os filhos dos moradores já daqui, que estão casando e indo morar em Criciúma, pelo fato do preço dos imóveis!⁵³

Nota-se que a preocupação com a questão do preço do metro quadrado dos terrenos tem feito com que jovens locais busquem residência em outros municípios da região. Ao mesmo tempo cresce o movimento contrário, em que pessoas de outras localidades, têm procurado Nova Veneza para adquirir imóveis e terrenos para primeira ou segunda morada. Neste último caso, a aquisição serve como forma de investimento em meio a valorização das cidades do interior da região sul catarinense, apresentando grande potencial enquanto investimento imobiliário, a exemplo de brasileiros que vivem na Europa e adquirem imóveis destes condomínios em cidades vizinhas como Siderópolis.⁵⁴

Percebe-se, com isso, a grande abrangência nas reverberações da aplicação do turismo em seus destinos receptores, influenciando a necessidade de uma demanda maior de políticas públicas que protejam o cidadão local da exclusão em meio ao crescimento econômico dos grupos mais beneficiados pelo setor, como o setor imobiliário e de serviços, em Nova Veneza, representados pelos ramos da gastronomia e hotelaria da cidade.

Estes setores estão presentes nos apontamentos da população em relação às políticas do turismo nas consultas públicas do Plano Diretor ao se observar a seguinte citação:

[...] Investir somente no Centro e Somente na Gastronomia, beneficia uma meia dúzia de Famílias não está correto. Parece uma panelinha, tudo gira em

⁵³ Residente do bairro Picadão, possui entre 25 e 40 anos.

⁵⁴ AUMENTA procura por terrenos como investimento para quem mora no exterior. **Engeplus**, 23 mar. 2021. Economia. Disponível em: <https://www.engeplus.com.br/noticia/economia/2021/aumenta-procura-por-terrenos-como-investimento-para-quem-mora-no-exterior>. Acesso em: 3 jun. 2022.

torno da praça no centro de Nova Veneza. Analisarem quanto esses poucos restaurantes geram de imposto com carteira assinada!!!⁵⁵

O termo turismo e as questões por ele permeadas estiveram entre os temas mais levantados entre a população ao longo dos debates, sendo apresentado tanto como um símbolo positivo e de orgulho para muitos, em decorrência de 95% da população ser de descendência italiana e ver nas transformações estéticas a valorização da identidade local, quanto como objeto de críticas em relação à administração pública.

Neste último caso, em geral, os cidadãos, a partir da análise em relação às mudanças no centro, reivindicaram a descentralização das atividades turísticas, visando beneficiar igualmente as populações das demais regiões, como consequência de como se introduziu a distinção entre o lugar do morador local e o espaço elitizado para o turista, construído em meio ao processo de turistização da cultura. Sendo este um reflexo da luta entre os diferentes atores em suas localidades para atrair empreendimentos, objetivando a lógica capital do progresso econômico gerado pela atividade (CORIOLANO, 2005).

Observou-se que, por vezes, os apontamentos dos moradores foram realizados sem levar em consideração os aspectos primários da etnicidade local, que foi a grande propulsora de entrada do turismo no Município, talvez, devido a deturpação de coerência entre a identidade e o produto étnico que se vende. Desta forma, nota-se os moradores sugerindo a inclusão de museus em diversas temáticas (carros, cera, medieval, etc.), inspirando-se no exemplo de Gramado, assim como a entrada de empresas turísticas de fora⁵⁶.

Este pensamento reproduz a forma com que a comunidade local, em especial aquelas que não residem no centro, enxerga a carga das representações de italianidade reproduzidas neste espaço, e que, no entanto, já não são referência do cotidiano e da história do próprio Município, seguindo um rumo muito comum das cidades que buscam utilizarem a identidade como espetáculo turístico na pós-modernidade, pois, como salienta Henri-Pierre Jeudy:

⁵⁵ Residente no bairro Garuvinha, possui entre 40 e 59 anos.

⁵⁶ O Residente no distrito de Caravaggio (acima dos 60 anos) sugeriu: "Tentar trazer para Veneza empresas de turismo tentar copiar o que dá certo em Gramado cidade turística como museus etc"

Produzimos, damos forma, vendemos representações de origem simbólica, uma vez que o simbólico e o valor de mercado do objeto se confundem. Este é um dilema da gestão contemporânea dos patrimônios: se o patrimônio não dispõe de um estatuto "à parte", se ele se tornar uma mercadoria como as outras (os bens culturais), perderá seu poder simbólico. (JEUDY, 2005, p. 20)

No caso de Nova Veneza, o patrimônio se perde à medida que se propõe sobre a identidade local novas camadas em prol do desenvolvimento do turismo com referência em Veneza e na Itália de forma geral. Pois a identidade que se busca comercializar surge como “marca”, ou imagem diferenciada para o marketing de seu produto étnico, visando se sobressair em relação aos municípios concorrentes pela mesma clientela. Em uma realidade global em que cada vez mais as identidades das cidades turísticas, em especial daquelas que se baseiam na cultura europeia no sul do Brasil, assemelham-se em diversos pontos, principalmente no que diz respeito à escolha de um recorte específico de seus territórios para se tornar o “modelo” cultural de suas identidades, levando à periferização das demais expressões culturais que não se encaixam no “modelo” ideal estabelecido (JEUDY, 2005).

Como forma de reivindicar a entrada do turismo nas demais regiões da cidade, diversas ideias foram lançadas pelos moradores nas reuniões comunitárias, direcionadas a categoria “deficiências”. Pôde-se perceber a sugestão de replicar a estratégia utilizada no centro, também para nos outros distritos, com a instalação de novas gôndola e o incentivo à ampliação da rota gastronômica italiana atingindo essas regiões da cidade⁵⁷. Entretanto, entende-se ser mais viável e sustentável, do ponto de vista das identidades, explorar-se as potencialidades de cada lugar, levando em consideração a visão de Cruz (2000), pois:

Diferentemente das paisagens urbanas, as paisagens rurais, das paisagens industriais... as paisagens turísticas não são caracterizadas por um sistema de objetos que lhe seja particular, específico. As paisagens turísticas derivam da valorização da cultura de determinados aspectos das paisagens, de modo geral, e, neste sentido, toda paisagem pode ser turística (CRUZ, 2000, p. 16-17).

⁵⁷ Sugestão de residente em reunião presencial para o critério de “deficiências”: “Criação de um parque público na área central do Caravaggio, com museu do imigrante, canal para instalação de gôndola, palco para eventos, pista de skate, etc.”; “Rota gastronômica local (distrito)”. Fonte: Coleta CDP - Condicionantes, Deficiências e Potencialidades Reunião Comunitária, IV - Baixada, Mãe Luzia e Fenali realizada em 29/09/2021. Para este caso, não é possível verificar a qual bairro o indivíduo pertence, ou sua faixa etária.

As melhores estratégias possíveis de serem tomadas para o benefício dos próprios habitantes sem dúvidas não são aquelas que visam pontualmente intervir urbanisticamente com atrações que ditem a identidade do local, mas sim aquelas que buscam nas próprias características de sua população e de seu território construir e reforçar os laços entre os moradores e o espaço que ocupam. Caso contrário, a identidade serve como mera maquiagem do espaço público, devido ao seu grande potencial visual no mundo contemporâneo. Servindo para o que aponta Ana Leticia Dosal Ellis como um rótulo cultural para esconder as fissuras, aquilo que não vale a pena ser visto, silenciando a pobreza e esquecendo outros espaços, para se admirar espetáculo (ELIS, 2014).

Neste mundo ideal do turismo raramente há espaço para questionamentos, como foi levantado por um morador de um bairro próximo ao centro de Nova Veneza ao citar o: “desrespeito dos turistas para com a população em geral”⁵⁸. Ou, como elencado por um morador que reside em uma região que não possui atrativos turísticos, sobre a: “inexistência de programa de estímulo à conservação do patrimônio arquitetônico histórico”⁵⁹.

Diante da falta de participação, educação e preparação da população para receber as mudanças tão amplas como as que o turismo impõe, percebeu-se na consulta realizada de forma online questionamentos sobre a priorização de melhoramentos estéticos em prol de seu desenvolvimento no centro estarem acima de medidas de utilidade básica para os cidadãos. A exemplo da fala do seguinte morador, ao ser questionado sobre o que lhe vem à mente quando pensa no seu Município:

Infelizmente me vem em mente que tudo o que é feito de melhorias é em prol de turistas, dos grandes empresários e não em prol da população. Vejo um alto investimento no centro da cidade, enquanto os bairros e distritos ficam esquecidos.⁶⁰

⁵⁸ Fonte: Coleta CDP - Condicionantes, Deficiências e Potencialidades Reunião Comunitária VI - Picadão, Rio Guarapari, Nossa Senhora de Lourdes e Bortolotto, em 30/09/2021. Para este caso, não é possível verificar a qual bairro o indivíduo pertence, ou sua faixa etária.

⁵⁹ Fonte: Coleta CDP - Condicionantes, Deficiências e Potencialidades Reunião Comunitária IV - Baixada, Mãe Luzia e Fenali - 29/09/2021. Para este caso, não é possível verificar a qual bairro o indivíduo pertence, ou sua faixa etária.

⁶⁰ Residente no bairro Baixada, possui entre 25 e 40 anos.

Corroborando com esta fala, um morador do Centro aponta: “estética vem depois das questões básicas de esgotamento e etc [...]”⁶¹. E no bairro Bortolotto, próximo a esta região, reverberam sugestões que vão no mesmo sentido: “o desenvolvimento de Nova Veneza envolve muito mais coisas, e principalmente melhorias que nem sempre aparecem por beleza, mas por necessidade, como tratamento de esgoto, coleta seletiva.”⁶²

A questão do tratamento do saneamento básico parece bastante representativa nas necessidades reivindicadas pelos habitantes locais, também pela discrepância de um centro turístico esteticamente montado para ser espaço fotograficamente atraente estar localizado ao lado do rio Mãe Luzia. Tal rio foi uma das inspirações para o próprio nome do Município ao ser comparado no período de colonização aos canais de Veneza, e encontra-se poluído desde a década de 40 em decorrência da atividade carbonífera. Atenua-se sua má condição atual pelo lançamento do esgoto da cidade ser diretamente em seu leito até os dias de hoje. Contraste este que ainda tende a aumentar, haja vista o projeto que procura inserir um canal artificial na cidade, que será construído em uma rua paralela ao curso do rio.

O trabalho do Estado em conferir às diferentes escalas de governo a mera responsabilidade de promotor e indutor de estruturas necessárias como Marketing e monumentos, objetivando a captação de um público consumidor, sem maiores responsabilidades sobre o impacto destas medidas do ponto de vista territorial, identitário e social, como aponta Tomazzoni, é um dos maiores reflexos da ideologia neoliberal, sustentada pelo estilo de vida dos sujeitos na pós-modernidade, em que a linguagem de marketing do turismo se confunde com a real aplicação de seus benefícios (TOMAZZONI, 2006, p. 348).

Se por um lado o turista se faz necessário, pois sem ele a atividade inexistiria, por outro, quem permanece e depende do espaço depois que ele vai embora é a população local, a qual não é atraída tão facilmente pelo apelo visual, necessitando de melhorias que vão além do discurso visual e de marketing. Do ponto de vista da identidade, segundo Barreto: “A identidade conferida ao local pelos turistas e pela mídia é contrastada, por vezes, com a identidade dos habitantes, e, por outras, é

⁶¹ Residente no bairro Centro, possui entre 25 e 40 anos.

⁶² Residente no bairro Bortolotto, possui entre 25 e 40 anos.

reforçada” (BARRETO, 2002, p.18). Enquanto de um lado a ausência de autenticidade do destino turístico leva à frustração passageira no turista, do outro, é deste mesmo espaço que depende a qualidade de vida do cidadão local.

Diferentemente do que vem se expondo sobre o rumo do turismo em Nova Veneza, notou-se que também existe, na consciência de alguns cidadãos que contribuíram de maneira presencial e online para a revisão do Plano Diretor, o interesse de que o turismo de Nova Veneza se construa não apenas como um simulacro reproduzido e repaginado constantemente de forma cinematográfica, que tende a aprofundar a artificialidade de uma cidade “modelo”, moldada de fora para dentro, mas sim de um Município que busque em suas próprias identidades e ambientes naturalmente preservados se construir como o local de um turismo que caminhe com as outras áreas da vida, buscando reforçar, através da atividade, questões como a preservação ambiental, o patrimônio histórico industrial e a agricultura familiar. Tendo as duas últimas, como observado ao longo do processo de construção enquanto lugar turístico, sido escondidas para a consagração da cidade étnico-gastronômica.

Uma sugestão importante levantada por um morador local diz respeito à importância de se construir uma infraestrutura que aproveite, de forma organizada, as gamas de novas variações de atividades turísticas que têm entrado no Município nos últimos anos, entretanto, sem o local possuir mecanismos que possibilitem o seu crescimento ordenado. Ao citar as potencialidades do turismo de aventura, rural, cicloturismo, entre outros, o morador aponta a necessidade de:

Criar e sinalizar parques e pontos turísticos para que as pessoas não fiquem concentradas todas no centro! Se pensarmos nossa cidade como turística precisamos sinalizá-la, pessoas não conseguem circular nas cidades sem placas de identificação e sinalização [...] ⁶³

No mesmo caminho, inúmeros são os exemplos de pessoas pedindo pela construção de ciclovias, que no questionário online representou o maior índice de reprovação sobre a infraestrutura Municipal, com 162 pessoas considerando “ruim” suas condições em um total de 201 respostas. Isso ocorre em meio ao crescente interesse de ciclistas pelas estradas que cruzam todo o interior de Nova Veneza em suas zonas rurais que, devido ao precário sistema de ciclovias, gera o constante risco

⁶³ Residente no bairro Centro, possui entre 25 e 40 anos.

de acidentes. Tais acidentes também ocorrem por conta da espontaneidade com que os turistas passaram a se incorporar no território municipal, sem a construção de roteiros seguros e planejados para a atividade, caracterizado pela falta de sinalização, ciclovias e serviços de alimentação apropriados à prática, como já estudado por Maria Laura R. Gonçalves (2018).

Este também é apresentado como um dilema na espacialização dos atrativos turísticos em Nova Veneza, pois o turismo étnico suscita novas variações de turismo sem a preocupação de um planejamento sobre os impactos ocasionados pela entrada e circulação de novas pessoas em locais que não possuem estrutura condizente à realidade que se insere. Como aponta Cruz, o turista, mesmo em suas modalidades alternativas, como turismo ecológico, de aventura, cicloturismo e turismo rural, o turista também consome estrutura, mesmo que pareça que está indo a determinado local em busca de um clima, uma paisagem ou uma cultura. Sem condições básicas como a construção de redes de serviços que preencham o espaço de tempo em determinada localidade, tais como (acesso, saneamento básico, energia elétrica, internet), por mais atrativo que o lugar seja, não conseguirá apreender a atenção da clientela turística (CRUZ, 2000).

Neste bojo, entram também os serviços relacionados aos atrativos culturais, que no caso de Nova Veneza limitam-se atualmente a um curto roteiro gastronômico, o qual poderia utilizar de maneira muito mais eficaz as características históricas de sua população para espriar seus roteiros, atingindo novos locais do Município, fortalecendo a cultura local nos diferentes espaços e realidades, para que, aí sim, possa-se pensar na regionalização da atividade.

Para isso, poder-se-ia seguir as reivindicações de seus próprios cidadãos, a exemplo do que sugere a seguinte contribuição:

Gostaria que fosse abordado no plano diretor a questão do patrimônio histórico do Município, sendo o patrimônio material, e imaterial. Questões de proteção e de tombamento arquitetônico devem ser abordadas e principalmente protegidas, restaurando e preservando as edificações, mas não somente os edifícios de interesse histórico, mas também os edifícios legítimos do imigrante italiano, como por exemplo, a arte do ferreiro, do carpinteiro, que se encontram esquecidas atualmente. Para que assim a cultura e a memória dos antepassados possam ficar registrados para as próximas gerações.⁶⁴

⁶⁴ Residente no distrito de Caravaggio, possui entre 18 e 24 anos.

Alguns casos já foram registrados e discutidos por Baranoski como exemplos de patrimônios materiais e imateriais que possuem grande importância na construção da identidade cultural dos descendentes de italianos em Nova Veneza, que entretanto, por não apresentarem características convenientes ao turismo étnico-gastronômico aplicado no local, ao invés de se tornarem espaços de memória, como museus e espaços de preservação histórico cultural, vão se perdendo devido ao desinteresse apelativo de seus tombamentos pelas políticas públicas. Neste ensejo, enquanto mira-se a construção de canais e gôndolas, perde-se o saber fazer de espaços como a Ferraria Tomasi e a Fábrica de Cadeiras Nazari, estudados pela autora (BARANOSKI, 2020).

Assim como a herança étnica italiana em Nova Veneza é uma construção, a questão do patrimônio como um artifício turístico também é uma questão ditada pela construção de sentido que se dá a estes patrimônios, que ao invés de estarem sendo esquecidos em prol do modelo que se estabeleceu sobre a estética da cidade turística, deveriam ser grandes exemplos de como os italianos, no passado, apropriando-se de um território diferente do seu de origem, construíram uma nova cultura, que não apenas se congela na etnicidade italiana generalizada. Isso seria possível através de incentivos à educação da população local sobre a sua história e a questão das leis patrimoniais, para que além de buscar enriquecimento econômico, fortaleçam-se os pertencimentos identitários dos diferentes sujeitos, tendo como ativador o próprio turismo desenvolvido no Município.

Desta forma, a sociedade local considerará o turismo um espelho de si mesma, como aponta Jeudy, reconhecendo-se como parte de uma cultura que, ao passo que foi transferida de geração em geração, é refletida nos seus monumentos e paisagens (JEUDY, p. 18, 2005), utilizando-se do capital e do Marketing do turismo para estreitar relações a partir da identidade local e não apenas para produzir novos repertórios culturais para atender as demandas de um público externo.

Essa intervenção alinha-se em grande medida com a questão do turismo em espaços não urbanos, sendo parte integrante da identidade étnica local a questão do trabalho agrícola, em especial, no seu modo de produção familiar. Isto pode ser observado no apontamento de um morador do meio rural sobre a importância de “valorizar mais a agricultura familiar, principalmente em relação ao turismo rural.”

Sabe-se que este formato de turismo é praticamente inexistente entre os atrativos em Nova Veneza, pois como observa-se no site institucional de Nova Veneza, embora o Município tenha se utilizado de um discurso vinculado aos colonizadores, relacionando a etnicidade local ao trabalho agrícola para alavancar o turismo no início do processo, apenas três dos atrativos turísticos presentes no site em questão estão relacionados ao turismo rural, sendo duas vinícolas e um pesque-pague⁶⁵.

Perde-se, assim, um grande potencial característico do estilo de vida de quem consome o turismo nos dias de hoje, que se encontra ligado ao consumo de experiências junto à natureza, assim como o interesse em vivenciar a vida no campo. Margarita Barretto, corrobora com a importância desta variação de turismo ao considerar que: “na atualidade, o turismo rural parece ser a forma mais comum de turismo de conviver” (BARRETO, 2007, posição 1166). Isto ocorre quando famílias de determinada comunidade recebem e hospedam turistas em suas residências, compartilhando seus modos de vida, além de realizarem a comercialização de produtos face-a-face, tornando o exercício da atividade turística muito mais pessoal e enriquecedora, tanto para o visitante, quanto para os visitados.

A potencialidade de sucesso deste tipo de empreendimento, em que os próprios moradores se tornam protagonistas do produto a ser comercializado, que neste caso está intrinsecamente ligado à cultura e etnia da população local, é um grande exemplo de iniciativas que a comunidade, em parceria com o poder público de Nova Veneza, poderiam fazer para alcançar uma maior distribuição territorial de seus atrativos, utilizando-se de suas identidades valorizadas para democratizar o acesso aos lucros alcançados pelo setor a novos sujeitos e grupos da sociedade.

Poder-se-ia, por exemplo, seguir o exemplo de uma das ações que mais promoveram a participação direta dos trabalhadores locais enquanto protagonistas das ações em prol do turismo no Município, que é o cooperativismo dos agricultores familiares de Nova Veneza desde a criação da Coofanove - Cooperativa de Agricultores Familiares de Nova Veneza - SC. Fundada em 2004, já no ano seguinte, em 2005, a cooperativa passou a contar com uma loja para expor seus produtos,

⁶⁵ O QUE fazer. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Navegar. Categoria: Turismo Rural - Paisagem Rural; Pesque Pague; Produtos Coloniais. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/categorias/turismo-rural> Acesso em: 06 de jun. 2022.

localizada próxima a praça Humberto Bortoluzzi, no centro do Município onde estão os principais atrativos turísticos de Nova Veneza, como a Gôndola Lucille e os restaurantes de gastronomia ítalo-brasileiras⁶⁶.

No site Governamental de Nova Veneza, a Coofanove é apresentada como um entre trinta atrativos turísticos do Município, sendo que no ano de 2019, no qual a coofanove completou quinze anos, a cooperativa contava com “74 associados, sendo 22 associados à loja física e o restante para projetos desenvolvidos pela cooperativa na sua área de abrangência no estado de Santa Catarina”. Comercializa-se, nesta conjuntura, mais de 300 produtos, como: panificados, congelados, laticínios, vinhos, doces, artesanatos, flores ornamentais, entre outro⁶⁷.

De acordo com Dimas de Oliveira Estevam et. al., a Coofanove é caracterizada como uma cooperativa virtual, ou não patrimonial. Segundo os autores:

Essas cooperativas se diferenciam das cooperativas tradicionais por não terem a necessidade de patrimônio. O cooperado formaliza o seu empreendimento, através da cooperativa, que funciona como se fosse um “guarda-chuva”; ou seja, um abrigo jurídico, ou meio, para produzir e vender os produtos legalmente, com nota fiscal. A criação de tais cooperativas tem a finalidade de legalizar as atividades dos agricultores, em função das barreiras tributárias, sanitárias e ambientais. (ESTEVAM, et. al. 2012, p. 3).

Este formato de cooperativa cumpre o importante papel de legalizar os produtos agroindustriais de pequenos agricultores familiares, certificando e legalizando a qualidade dos produtos para serem comercializados diante dos critérios sanitários vigentes que privilegiam as grandes empresas do agronegócio (ESTEVAN; et. al. 2012). Surgindo como uma alternativa de incluir a agricultura familiar a novos mercados, engendrando a cadeia agroalimentar curta, de vendas face a face, historicamente ligada ao consumo entre a própria comunidade, à sua participação no mercado turístico. Democratizando, assim, a extensão dos lucros obtidos pelo setor aos moradores das áreas rurais, que se aproveitam da oportunidade para diversificar suas produções, sendo este um reflexo das nuances do rural brasileiro contemporâneo na agricultura familiar.

⁶⁶ Essa trajetória da Coofanove aparece narrada no site institucional da cooperativa. Fonte: COOFANOVE. **Coofanove**, c2022. Página inicial. Disponível em: <http://www.coofanove.com.br/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

⁶⁷ COOFANOVE produtos coloniais. **Portal de Turismo de Nova Veneza**, c2022. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/item/coofanove-produtos-coloniais>. Acesso em: 3 jun. 2022.

Em meio a crescente preocupação que as populações urbanas têm demonstrado ao buscar consumir produtos orgânicos, em contraposição à crise alimentar e sanitária causada pela alta utilização de agrotóxicos, como aponta Maristela Scarabelot, tem-se fortalecido o consumo de produtos locais, propiciando um maior contato entre populações urbanas que residem próximas a áreas rurais e os agricultores. Isso surge como uma possibilidade para que os trabalhadores rurais da agricultura consigam realizar a produção de produtos diferenciados através da pluriatividade (SCARABELOT, 2012).

Se em outros tempos o meio rural foi estereotipado como sinônimo de atraso técnico em comparação ao progressismo relacionado a industrialização dos centros urbanos, nos dias de hoje, como aponta Maria José Carneiro: “estaríamos, portanto, presenciando uma crise do mito da dualidade entre campo e cidade, ao mesmo tempo em que um novo mito estaria sendo produzido: o mito da ruralidade idílica, fruto de um olhar urbano sobre o rural” (CARNEIRO, 2008, p. 29).

Esta dualidade traz grandes possibilidades para Municípios de interior como Nova Veneza, que em 2021 contou com 35,95% da população residindo em área rural, um número bastante superior à média estadual, que é de 16,01% segundo o IBGE⁶⁸. Isso ajudaria a escoar o fluxo de turistas da cidade para uma área mais abrangente, evitando o possível inchaço urbano causado pela alta concentração de atrativos e renda em uma pequena área de seu território, além de promover um maior tempo de estadia dos turistas com a inserção de novos atrativos culturais, não necessitando de grandes intervenções na estrutura urbana.

⁶⁸ NOVA Veneza / SC. **Estados e Cidades**: informações da população, educação, religião e outros, c2021- 2022. Disponível em: <https://www.estadosecidades.com.br/sc/nova-veneza-sc.html>. Acesso em: 3 jun. 2022.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo, de maneira geral, buscou, a partir de um olhar crítico, analisar a cidade de Nova Veneza em seu processo de construção enquanto um local turístico. Para isso, se fez necessário voltar até o início do processo de construção do que veio a se tornar o seu produto turístico, que neste caso se trata da carga étnica italiana aflorada a partir do centenário da colonização em 1991. Este movimento possibilitou que por meio da gastronomia típica local, associada ao jargão Veneza e suas gôndolas, se construísse um produto atrativo, principalmente do ponto de vista econômico e comercial, para os setores de serviços ligados ao turismo, bem como de um ponto de vista político, para aqueles que encabeçaram o processo.

Todo este processo, como era de se esperar, não se deu de forma orgânica e espontânea, caso contrário, todas as cidades do mundo seriam cidades turísticas, pois cada uma possui suas próprias características culturais e identitárias. Por isso se fez necessário demonstrar a construção deste processo, que embora muitas vezes seja apresentado ao público como algo vocacional, que foi se desenvolvendo espontaneamente, pelo que foi constatado, mesmo diante da ausência de um planejamento a longo prazo, apenas por meio de intervenções públicas aliadas aos interesses dos setores privados que o turismo se tornou uma realidade em Nova Veneza.

O turismo aplicado na sede do Município segue um padrão que reverbera a política e a economia atual, assim como a cultura na pós-modernidade, em que a questão étnica construída e manipulada para o turismo é o reflexo da junção destes dois elementos primordiais. Em primeiro lugar, pela forma com que a história do Município foi registrada, partindo sempre da premissa dos vencedores, das famílias de maior destaque e do mito pioneiro, implicando um alto grau de superioridade dos italianos em relação às outras etnias que construíram seu território, sendo esta uma característica marcante das relações étnicas, que é o estabelecimento de fronteiras. Dentro disso, ainda entram os interesses daqueles que ditam os valores a serem ressaltados, assim como as figuras a serem lembradas, que de maneira geral, são representantes de famílias tradicionais do Município, que se utilizam da carga étnica do turismo para reforçar hegemonias.

Como consequência, de um ponto de vista territorial, supervalorizou-se a sede em relação aos demais bairros e distritos, o que foi possível notar nos próprios discursos dos habitantes das demais regiões nos apontamentos para a revisão do Plano Diretor. Tal valorização atrela-se tanto à questão econômica, quanto à questão cultural, pois ao passo que o turismo cresce em uma pequena porção do território, este espaço tende a se elitizar cada vez mais, inclusive ditando as identidades locais, sem a presença dos residentes ocupando este espaço.

O segundo fator importante para compreender a dinâmica do turismo étnico em Nova Veneza, para além das questões histórico-culturais locais, encontra-se na forma com que foram elaboradas e são postas em prática as políticas do turismo no Brasil em meio ao progressismo neoliberal. Este contexto influencia não apenas a forma com que se organiza o turismo nacional, mas também o modo como se estuda e se produz cientificamente pesquisas, dissertações e teses sobre a temática. Pois majoritariamente o turismo é tratado como uma indústria lucrativa e que gera receitas, sem procurar-se em compreender as dinâmicas deste setor que envolvem territórios, culturas e pessoas.

Ao trabalhar o turismo apenas como um setor produtivo que, como tal, busca o constante progresso econômico, com a massificada produção e promoção de novos produtos, são esquecidas as relações intrínsecas à isso, o que dá ao turismo, principalmente àquele que se baseia em identidades étnicas, toda a carga negativa que marca a indústria cultural em tempos de pós-modernidade. Isso em meio à necessidade de constantes novos espetáculos para agradar a novos públicos, sem pensar-se na essência do que está sendo comercializado, focando apenas na lucratividade da atividade em seu produto final.

Tais produtos finais, por serem geridos desta forma, seguem o ritmo da indústria em outros setores, que se baseia na constante inovação de produtos e de formas de organização desta produção, quase sempre beneficiando os grupos mais favorecidos e criando a falsa impressão de liberdade, tanto para os trabalhadores que ocupam cargos precarizados em direitos trabalhistas quanto para os turistas que logram com o excesso de atrativos culturais a serem consumidos.

Se o turismo se torna um setor latente da economia contemporânea global, é preciso ter em mente que uma série de outros fatores influenciam na escala de sucesso atingida pelas ações que mobilizam sua realização. Ao ignorar-se as mazelas

das áreas interpeladas pelo fenômeno turístico, exemplos de falta de equilíbrio na elaboração de políticas públicas para o setor acabam por se tornarem os exemplos que deram certo, a exemplo de Gramado, em um processo quase sempre carregado de um interesse muito maior em vender um produto que seja único, por meio do marketing e de novos pontos turísticos, do que fortalecer os laços entre a própria comunidade e promover uma melhor qualidade de vida para os moradores residentes.

Enquanto são reproduzidas cidades ao estilo europeu em todo o sul do Brasil, seguindo a empolgação da academia, de prefeituras e empreendedores, buscando atingir o sucesso econômico que esta forma de turismo visual oferece, pois possuem grande reconhecimento por parte da mídia, por se tratar de produtos facilmente promovidos, ignora-se que estes exemplos de turismo, carregados de discursos étnicos estereotipados, de forma geral, só geram lucros a grupos específicos das comunidades. Fica, assim, para os residentes, apenas a escala de ser parte do espetáculo, por vezes não representando a melhoria da qualidade de vida, nem o pleno emprego.

O sucesso do turismo depende muito de quem é contemplado pela sua realização, se o único papel da população residente se caracteriza por ser mão de obra em bares, restaurantes e hotéis, vendendo um produto turístico que pertence a grupos hegemônicos da sociedade, dificilmente o maior beneficiado deste processo será o trabalhador e morador local. Por isso, faz-se necessário que a própria população crie mecanismos para que ela se torne a protagonista do produto comercializado, o que só se torna possível com a aliança entre o poder público e uma população engajada nos rumos da atividade.

Um exemplo de caminho encontrado em municípios próximos na busca pela inserção de um turismo sustentável e que vise a promoção da própria cultura das comunidades receptoras, aliado a questões como a preservação ambiental, tem sido o projeto “Acolhida na Colônia”. No site oficial da associação de agricultores, criada em 1999, e que conta com aproximadamente 200 famílias, tem se demonstrado um grande exemplo de como inserir o meio rural no setor turístico, respeitando os fatores ecológicos, culturais e sociais⁶⁹.

⁶⁹ Essas informações foram retiradas da capa de apresentação da Associação Acolhida na Colônia. APRESENTAÇÃO. Acolhida na Colônia. sem ano. Disponível em: <https://acolhida.com.br/> Acesso em: 13 fev. 2021.

A ideia deste projeto seria atrair os turistas, utilizando-se de apelos sensoriais típicos de um turismo rural de convivência, o que, como já foi citado, vem ganhando popularidade entre as populações urbanas, desta forma a associação descreve esta atividade da seguinte forma:

Experimentar o modo de vida de um agricultor familiar. Conviver, sentar-se à mesa para uma boa prosa, colher as verduras na horta para preparar as refeições, tirar o leite da vaca para o café da manhã, fazer trilhas na mata, descansar na rede, estar perto da natureza, degustar nossa culinária colonial...⁷⁰

De acordo com Fillipe Soares Romano, Amanda Cabral da Silva e Karina Toledo Solha (2013), ao estudar o desenvolvimento deste projeto nos Municípios pertencentes à Regional Encostas da Serra Geral:

A Acolhida na Colônia surge com um diferencial turístico calcado na sustentabilidade, na preservação ecológica e cultural. É um importante segmento que aos poucos está ganhando reconhecimento e popularidade pelo Brasil e Internacionalmente. Importante salientar que a Acolhida na Colônia só obtém sucesso com a efetiva participação de seus membros, formando assim uma rede cooperativa de moradores locais que visão através do circuito turístico que os visitantes permaneçam mais tempo na comunidade (ROMANO; SILVA e SOLHA, 2013, p. 13).

Com isso, se aplicado em Nova Veneza - SC, o projeto poderia fortalecer a economia local, ampliando a gama de atrações na prateleira turística do Município, além de incentivar a permanência de jovens nas áreas rurais, criando assim novas perspectivas para esses agentes, ao mesmo tempo em que fomenta a permanência dos turistas em seu território para além da visita aos restaurantes e monumentos nos finais de semana. Neste sentido, se bem elaborado, o projeto pode auxiliar, inclusive, na preservação ambiental, através da ampliação de atividades agroecológicas (ROMANO; SILVA; SOLHA, 2013, p. 8 - 9).

Tal projeto serviria, inclusive, para ajudar a preservar os recursos hídricos, que também apareceram como um ponto importante de atenção da população local nas contribuições da consulta pública para a revisão do Plano Diretor⁷¹ devido ao grande número de rios ainda ilibados da ação antrópica em seu território atualmente. Pois, assim como o cicloturismo, o ecoturismo também ocorre progressivamente no

⁷⁰ APRESENTAÇÃO. Acolhida na Colônia. sem ano. Disponível em: <https://acolhida.com.br/> Acesso em: 13 fev. 2021.

⁷¹ Citação do Morador: “Águas, porque temos um grande potencial no ecoturismo com rios, riachos, cachoeiras etc. E que precisamos preservar”.

Município, sendo este último realizado pela operadora de turismo Roteiros do Sul. Sendo assim, torna-se um ponto importante a fiscalização com que tais atividades são realizadas nas matas e florestas locais, que passam a ser ocupadas por turistas que buscam contemplar as belezas naturais, como as cachoeiras existentes no território de Nova Veneza e Siderópolis.

Embora ainda não se tenha comprovações de que a Acolhida na Colônia esteja sendo implantada no Município até 2022, pela falta de notícias sobre a vinculação e a ausência da promoção deste atrativo no site de turismo de Nova Veneza, assim como por não constar o nome do Município entre as localidades contempladas pela associação em seu site oficial, foi diagnosticado, em uma notícia do ano de 2017, que a então implantadora do “Acolhida na Colônia” no Brasil, Thaise Guzzatti, visitou o Município. Tal informação aponta que diante da parceria entre a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Nova Veneza, Fundação do Meio Ambiente de Nova Veneza (Fundave), Coofanove, Epagri e a Operadora de Turismo Roteiros do Sul, os primeiros passos foram dados visando sua implantação⁷².

A concretização de iniciativas como esta seriam de grande valia para que Nova Veneza buscasse um caminho mais sustentável para o turismo praticado em seu território. Mesmo que, como pôde ser observado, a estratégia tomada pelo poder público nos últimos anos não tenha seguido este caminho, devido à própria falta de um planejamento a longo prazo, assim como a prioridade estética em promover a sede Municipal em detrimento das demais regiões, nos últimos anos, diante do fato do turismo ter sido um dos setores mais atingidos pela crise causada pela pandemia de covid-19, a partir de 2021, a prefeitura municipal passou a acenar a busca de novos caminhos para o turismo no Município.

Além da iniciativa de convocar a população para a revisão do Plano Diretor, que foi de grande ajuda para perceber as impressões da população local sobre a atividade desenvolvida no Município, a prefeitura municipal tem buscado diversificar as áreas de ação em relação ao turismo. Em entrevista concedida pelo prefeito reeleito

⁷² Essas informações foram encontradas em: TURISMO rural ganhará destaque em Nova Veneza: projeto está sendo desenvolvido por cinco instituições. **4Oito**, Redação, Nova Veneza - SC, 09/11/2017. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/turismo-rural-ganhara-destaque-em-nova-veneza-1431> Acesso em: 13 de fev. 2021.

Rogério Frigo, ao jornal televisivo “Balanço Geral”, do canal NDmais, no dia 12 de janeiro de 2021, destaca-se a seguinte fala:

“Nós queremos profissionalizar primeiro. Nós chegamos eu acho no topo do turismo, mas nós temos que ampliar, melhorar cada vez mais. A gente tem discutido com as entidades, com as comunidades, com os empresários. Nós precisamos neste momento pensar na profissionalização. Então isso, nós queremos implantar, junto com a secretaria de cultura e turismo, um departamento de cabeças pensantes, junto com a sociedade para nos profissionalizar. Da mesma forma, nós queremos estender o turismo para o interior do Município”⁷³.

Percebe-se que pelo menos no discurso, o rumo traçado para os próximos anos será buscar uma maior distribuição territorial da atividade, em especial para as majoritárias áreas rurais que compõem o território de Nova Veneza. Da mesma forma, a preocupação com a profissionalização da atividade, em tese, representaria planejamentos mais bem orquestrados, espraia o turismo de forma sustentável. Entretanto, ressalta-se que, ao mesmo tempo, busca-se a concretização de novas obras no centro da cidade, a exemplo do canal para a gôndola, que ocorre paralelamente a tais iniciativas.

Sobre a profissionalização da administração turística municipal, percebe-se que realmente tal objetivo se encontra em curso, pois no dia 1 de março de 2021, pelo Decreto Nº 138/2021, Carolina Warmling Ghislandi Hoepers assumiu a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Nova Veneza. Diferentemente da secretária anterior, que subiu ao cargo por fazer parte de entidades étnicas como o Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro, a nova secretária possui formação em administração e histórico em gestão pública na área da saúde, como se pode observar em seus dados na plataforma LinkedIn⁷⁴.

Da mesma forma, a partir de 2021, importantes projetos passaram a ocorrer no Município buscando ressaltar a história local bem como a identidade historicamente construída entre os habitantes de Nova Veneza. Ressalta-se entre os projetos

⁷³ PREFEITO Rogério Frigo comenta planejamento para os próximos quatro anos em Nova Veneza. **NDmais**, 12 jan. 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/politica-sc/prefeito-rogerio-frigo-comenta-planejamento-para-os-proximos-quatro-anos-em-nova-veneza/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

⁷⁴ HOEPERS, Carolina Warmling Ghislandi. **Perfil do LinkedIn**. Disponível em: https://br.linkedin.com/in/carolina-warmling-ghislandi-hoepers-56308646?challengeId=AQHd2qAZJWMTzQAAAYEwymgVUB3octJjUHFF0x15xsSRjr4xQXbaHzkhoPsTOB9w24y_2LRZAa5Zn_lacxcthGU9M7FROXWRvQ&submissionId=c98b7b6b-bc8a-f516-5ddb-98b1991ca65b. Acesso em: 5 jun. 2022.

desenvolvidos neste contexto, um em particular intitulado: “130 anos, 130 histórias”, no qual a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, em parceria com o Centro de Memória e Documentação (CEDOC) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), produziram uma série de vídeos em que se entrevistou as cento e trinta pessoas mais idosas do Município. Isso tornou possível registrar as memórias destes sujeitos sobre a história do cotidiano em Nova Veneza em suas diferentes perspectivas. O material produzido foi exposto ao público na “I Semana de Cultura de Nova Veneza”, no dia 06 de novembro de 2021⁷⁵.

Um mês antes, a prefeitura já havia elaborado também a “I Semana de Turismo”, o evento que contou com palestras sobre as diferentes modalidades de turismo, além da participação de figuras públicas ligadas ao setor em outros Municípios, como o vice-prefeito de Gramado - RS. Sobre este evento, em entrevista cedida antes de sua realização, a secretária Carolina W. G. Hoepers citou: “Será uma programação voltada a reflexão e capacitação do setor sobre o desenvolvimento do turismo em Nova Veneza e região. Uma troca de experiências para o trend turístico, para o serviço público de toda região”⁷⁶. O evento, que teve como foco os trabalhadores e empresários ligados ao turismo, esteve aberto também ao público entre os dias 18 e 21 de outubro de 2021.

Diante deste cenário que tem se construído, principalmente após o fim das restrições sanitárias impostas durante a pandemia, percebe-se que independente do caminho que tome o turismo em Nova Veneza para os próximos anos, a projeção mais plausível é de que ele cresça, sendo isso uma coisa boa ou não para a população local, a depender da forma com que será conduzido o processo. De forma geral, entende-se que as melhores ações a serem tomadas são aquelas que, ao contrário de produzir constantes novos produtos étnicos, busquem valorizar a etnicidade e as demais identidades presentes no território do Município, sendo que tais medidas não necessitam de tantos investimentos quanto as constantes transformações urbanísticas realizadas na sede que, de maneira geral, beneficiam majoritariamente grandes empresários do setor hoteleiro e gastronômico.

⁷⁵ VÍDEOS do projeto 130 anos, 130 histórias são entregues para famílias de Nova Veneza. **Engeplus**, 18 maio 2022. Geral. Disponível em: <https://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2022/videos-do-projeto-130-anos-130-historias-sao-entregues-para-familias-de-nova-veneza>. Acesso em: 5 jun. 2022.

⁷⁶ NOVA Veneza promove Semana do Turismo. **Prefeitura de Nova Veneza**, Notícias, 28 set. 2021. Disponível em: <https://www.novaveneza.sc.gov.br/noticia-699023/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

Em seus diferentes espaços, Nova Veneza possui sujeitos que preservam até os dias atuais costumes e dialetos, que carregam em si o legado da colonização italiana em seu território. Entretanto, tais sujeitos pouco são representados pela estética da cidade turística, por conta de serem sujeitos reais, e não imaginados. Pessoas que carregam uma identidade fortemente ligada a sua descendência italiana há mais de 100 anos, mas que, como já seria de se esperar, não são como pessoas de 100 anos atrás e nem como italianos dos dias de hoje.

O mais importante para que Nova Veneza realmente consiga desenvolver um turismo sustentável em toda a amplitude do que isto representa é que, para além das ações públicas e privadas, a população busque protagonismo e participe ativamente das iniciativas em prol do turismo, demonstrando constantemente suas opiniões, projeções e limites sobre esta atividade que influencia diretamente seus cotidianos e modos de vida.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 11. ed. São Paulo: ed. Cortez; Campinas - SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- ARAÚJO, Cíntia Möller; TASCHNER, Gisela. Turismo e Políticas Públicas no Brasil. In: BENI, Mário Carlos. **Turismo**: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. Barueri, SP: Manole, 2012. Disponível na Biblioteca Digital da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Acesso em: 10 de jul. 2020.
- ARRETCHE, Marta. Mitos Da Descentralização: Mais democracia e eficiência nas políticas públicas? **RBCS** - Revista Brasileira de Ciências Sociais. v.11, n.31, São Paulo, jun. 1996. p. 44 – 66.
- BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes**: sua história, costumes e tradições. 2º ed. 2005.
- BALDIN, Nelma. **“Tão fortes quanto a vontade”** História da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina-. Florianópolis: Insular, ed. da UFSC, 1999.
- BALTHAZAR, Luciana Lanhi Salazar. **Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região**. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/42879> Acesso em: 02 de fev. 2021.
- BAO, Carlos Eduardo. Italianidade como diferença: identidade étnica, colonialidade e imaginário eurocêntrico. **Temáticas**, Campinas, 23, (45/46), fev./dez. 2015, p. 209 - 230. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11107> Acesso em: 14 jul. 2021.
- BARRETO, Margarita. **Cultura e Turismo**: Discussões contemporâneas. Campinas (SP): Papyrus, 2007. [Ebook Kindle].
- BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das Ciências Sociais para o planejamento e a compreensão do Turismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, 2003, p. 15-29. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/XsyZygJcYcRJdX8by37nYWq/?lang=pt> Acesso em: 14 fev. 2022.
- BARRETTO, Margarita. **Planejamento e organização em Turismo**. 7. ed. São Paulo: Papyrus, 2002.
- BARANOSKI, Andiele de Souza. **O patrimônio industrial da cidade de Nova Veneza**: as fábricas como espaços de memórias. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma - SC, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 258 p. Recurso digital: Biblioteca Unesc.

BENEDUZZI, Luís Fernando. **Mal di Paese**: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'Eu 91884 - 1925). Tese (doutorado) - Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS: Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14417/000426797.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 15 fev. 2021.

BENI, Mário Carlos. Sistema de Turismo - SISTUR: Estudos do Turismo face a moderna Teoria de Sistemas. **Revista Turismo em Análise**.; v. 1, n.1 (1990) 15-34.

BERTI, Franciele. **Luxo e sofisticação nas vitrines da Borges**: turismo e gentrificação comercial no espaço urbano de Gramado (RS). 2018. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Faculdades Integradas de Taquara-RS, Taquara-RS, 2018. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/Franciele%20Berti.pdf> Acesso em: 20 mar. 2021.

BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1991.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. A. **Território e Desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e global. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CABRAL, Nathália Pereira. **Processos Migratórios e as Disputas na 'colônia modelo'**: a Companhia Colonizadora Metropolitana e a constituição do núcleo Nova Veneza. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma - SC, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6127/1/NATH%C3%81LIA%20PEREIRA%20CABRAL.pdf> Acesso em: 14 mar. 2022.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar y Salir de la Modernidad. Coleção: Los Noventa. GRIJALBO Ed., México - DF, 1990.

CARLSON, Victor Emmanuel. **Imigrante**: Nova Veneza, vivendo a Itália. 1994. 20 p. Revista sobre as tradições dos imigrantes nº 2. TCC (graduação) - Curso de Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 1994. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189701> Acesso em: 02 out. 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em:

https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf

Acesso em: 03 fev. 2022..

CARNEIRO, Maria José. "Rural" como categoria de pensamento. **RURIS** - Revista Do Centro De Estudos Rurais - UNICAMP, Vol. 2, nº 1, 2008. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ruris/issue/view/46> Acesso em: 02 fev. 2020.

CERQUEIRA, Eugênia Dória Viana. A evolução das formas de gentrificação: estratégias comerciais locais e o contexto parisiense. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 417 – 436, nov, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/K7pNgXkJzn8YLP457Qmfjhn/abstract/?lang=pt> Acesso em: 02 set. 2021.

CORIOLOANO, Luiza Neide; LEITÃO, Claudia. Turismo, cultura e desenvolvimento entre sustentabilidades e (in)sustentabilidades. **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Universidad de La Laguna El Sauzal (Tenerife), España, vol. 6, nº 3, 2008, p. 467 - 479. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2762627> Acesso em: 07 dez. 2021.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **A Exclusão e a Inclusão Social e o Turismo**. **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Universidad de La Laguna El Sauzal (Tenerife), España, vol. 3, núm. 2, dezembro de 2005, p. 295 - 304. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1176311> Acesso em: 03 jun. 2021.

_____. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, Amalia Inés Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, María Laura. **América Latina: cidade, campo e turismo**. CLACSO, Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, São Paulo: Cromosete, 1º Ed, 2006, p. 367 - 378. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/21coriol.pdf> Acesso em: 19 nov. 2021.

COSTA, Marcos Rossi Da. **Análise do posicionamento mercadológico do turismo gastronômico em Nova Veneza – SC**. Monografia (Graduação) Curso de Administração, Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC: Criciúma, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3924/1/MARCOS%20ROSSI%20DA%20COSTA.pdf> Acesso em: 08 out. 2020.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa [recurso eletrônico]**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. E-book.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. (Coleção turismo). São Paulo: Contexto, 2000.

ELLIS, Ana Leticia Dosal. ¿Cómo pueden funcionar la cultura y el patrimonio como mecanismos de exclusión?. **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Universidad de La Laguna El Sauzal (Tenerife), España, vol. 12, nº 1. 2014, p. 137-143. Disponível em: https://www.pasosonline.org/Publicados/12114/PS0114_10.pdf Acesso em 11 mar. 2022.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; LANZARINI, Joelcy José Sá; BUSARELLO, Realdino José. Cooperativas rurais não-patrimoniais (ou virtuais) e o difícil caminho da formalidade: o caso dos agricultores familiares da região Sul do estado de Santa Catarina. **REDD** – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 5, n. 1, jul/dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/5520/4488> Acesso em: 02 fev. 2021.

FÁVERO, Ivane. **A necessária multidisciplinaridade no planejamento público do Turismo**. Anais II Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2005, p. 1 - 17. Disponível em: https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/2/Artigo_05.pdf Acesso em: 13 dez. 2021.

FILGUEIRAS, Luiz. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: BASUALDO, Eduardo M.; ARCEO, Enrique. **Neoliberalismo y sectores dominantes: Tendencias globales y experiencias nacionales**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. Agosto 2006. 179 - 206. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/basua/C05Filgueiras.pdf> Acesso: 17 out. 2020.

FIORI, José Luís. Estado de Bem-Estar Social: Padrões e Crises. **Physis: Rev Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 7 (2), 1997. p. 129 - 147. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/qJZJQm4N36gyJhikpfwdhK/abstract/?lang=pt> Acesso: 18 nov. 2020.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Coleção Teses, Volume VIII. Letras Contemporâneas, 1997.

FRATUCCI, Agnaldo César. **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo**: as possibilidades das redes regionais do turismo. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense UFF: Niterói, 2008.

GIL, Antonio Carlos. Métodos das ciências sociais. In: GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Cap. 2. p. 8- 25.

GONÇALVES, Maria Laura Romagna. **O cicloturismo como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento territorial de Nova Veneza – SC**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC: Florianópolis. 2018. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/3040/maria_laura_romagna_goncalves.pdf Acesso em: 02 out. 2020.

GRANDI, Gabriel da Silva. **Análise do perfil e da percepção dos clientes dos restaurantes localizados no centro da cidade de Nova Veneza**. Monografia (Graduação) - Curso de Administração de Empresas, Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC: CRICIÚMA, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/5611/1/GABRIEL%20DA%20SILVA%20GRANDI.pdf> Acesso em: 18 ago. 2021.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e Etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141 - 159, outubro de 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/wL5drZ99NFQhjdFzMyyyMd/?lang=pt> Acesso em: 02 out. 2020.

HALL, Colin Michael. **Planejamento turístico, política, processos e planejamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). *In*: HALL, Stuart. SOVIK, Liv (org). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende, et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade e Cultura na Pós-Modernidade**. 11. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

HARVEY, David. Desenvolvimentos geográficos desiguais. *In*: **O Neoliberalismo**, história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008, p. 97-130.

HONORIO, Ícaro Coriolano; ROCHA, Isa de Oliveira. Políticas Públicas de Turismo na Legislação Federal e do Estado de Santa Catarina. **RBECotur - Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 13, n. 2, mai-jul 2020, p. 352-364. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/9523#:~:text=Lei%20n%C2%BA%208771%2C%20de%2017,22%20de%20setembro%20de%202018> Acesso em: 26 out. 2020.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. *In*: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (organizadores). **A invenção das tradições**. 12. ed. Tradução: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018, p. 7-24.

IANNI, Octávio. Tendências do pensamento brasileiro. **Revista de Sociologia - USP**, São Paulo, v. 12, ed. 2, 2000. p. 55-74. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/gyhRzLLzbWw9tjxcs398Yfx/?lang=pt> Acesso 10 mar. 2021.

JAMESON, Fredric. A lógica Cultural do capitalismo tardio. *In*: JAMESON, Fredric. Pós-modernismo. **A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo. Ed. ÁTICA. 1996. p. 27 - 79.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KÖHLER, Dilceli Trevizan; OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Festival Italiano: Gastronomia e Cultura em Nova Veneza (GO)**. Anais - Seminário de Pesquisa, Pós-

Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE: O cenário econômico nacional e os desafios profissionais – 29/08/16 a 03/09/2016. p. 1 - 10. Disponível no Link: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sepe/article/view/7367/4870> Acesso em 16 mar. 2021.

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade**: um estudo sobre sujeitos no processo de transformação social, na ilha de Santa Catarina. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, 1991.

LINS, Hoyêdo Nunes. SANTOS, Lincon Coelho dos. O extremo Sul Catarinense em debate: Ensaio sobre a Socioeconômica Regional. *In*: ESTEVAM, Dimas de Oliveira. FABRIS, Thiago Rocha. **Ensaio sobre a Economia Sul-Catarinense**: Volume III. Criciúma: EDIUNESC, 2017. Pag. 49 - 85.

MASTELLA, André Fabiano M. Mastella; FARIAS, Jean Lucas P de. Espacialização dos atrativos turísticos do Portal de Turismo de Nova Veneza, Santa Catarina: um ensaio. **Revista Tecnologia e Ambiente**, v. 26, Criciúma, Santa Catarina/SC, 2020, p. 18 - 31. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/tecnoambiente/article/view/6312> Acesso em: 12 dez. 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. Representação política em 3-D: Elementos para uma teoria ampliada da representação política. **RBCS** - Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, Vol. 18, nº 51, 2003. p. 123 - 140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KsmNcpQnt7TTB5TxGkjQBQx/?lang=pt> Acesso em: 09 jul. 2022.

MIGUEL, Luis Felipe. Representação Democrática: autonomia e interesse ou identidade e advocacy. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, ed. 84, 2011. p. 25 - 63. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/G8RRfvBHG89CkNNkf9r4hbQ/?lang=pt> Acesso em: 09 jul. 2022.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da urbe**: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma - SC (1945-1980). Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8671> Acesso em: 23 dez. 2020.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo**: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Tradução: Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf> Acesso em: 20 abr. 2021.

OSTETTO, Lucy Cristina. **Vozes que recitam, lembranças que se refazem**: Narrativas de descendentes italianas/os - Nova Veneza 1920 -1950. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa

Catarina, UFSC: Florianópolis, 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/77051/153127.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 fev. 2021.

PAGNOTTA Chiara; ASSIS, Gláudia de Oliveira. Os italianos no espaço público de Santa Catarina (Brasil): Entre epopeia e festas étnicas. **Confluente**. v. 9, n. 1, 2017, p. 78 - 106. Disponível em: <https://confluente.unibo.it/article/view/7078/6805>. Acesso em: 02 out. 2020.

PEREIRA, Vera Regina Bacha. **Nacionalização: Autoritarismo e Educação** Inspetores e professores nas escolas catarinenses - 1930-1940. Dissertação de (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC: Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86861/210466.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 out. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212 (01-15). Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 02 out. 2020.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade: Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. 2. ed. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PREIS JR., Egar. **Por trás das máscaras: a construção das representações étnicas em Nova Veneza - SC**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de História, Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma - SC, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6121/1/EGAR%20PREIS%20JUNIOR.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

ROMANO, Fillipe Soares; SILVA, Amanda Cabral da; SOLHA, Karina Toledo. **Turismo de base comunitária: A experiência da Associação Agroecológica na Acolhida na Colônia/SC**. IV encontro SEMINTUR Jr. UCS, 2013. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/turismo_de_base.pdf Acesso em: 07 fev. 2021.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SANSOLO, Davis Gruber. Políticas e Planejamento do turismo na Amazônia. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 105-1991, abr. 2013. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/731/346> Acesso em: 14 out. 2020.

SAQUET, Marcos Aurelio. SILVA, Sueli Santos da. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ** - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24 - 42 Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1389/1179 Acesso em 02 out. 2020.

SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso**: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC: Florianópolis, 1998. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GxIJL5s1BxwJ:https://cor.e.ac.uk/download/pdf/30358571.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SCARABELO, Maristela. **Construção de cadeia agroalimentares curtas e papel dos atores em Nova Veneza - SC**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS. Porto Alegre - RS. 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61926/000866893.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 jan. 2021.

SELAU, Maurício. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos do Sul Catarinense (1875-1925)**: resistência e extermínio. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC: Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88727/248673.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SERPA, Élio Cantalício. A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, Vol. 14, N° 20, 1996, p. 63-79. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23486> Acesso em: 22 jan. 2021.

SERAFIM, Cristian Emanuel Frederico. **Desenvolvimento integrado do turismo em Nova Veneza**: uma avaliação das ações dos setores público e privado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Administração, Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC: Criciúma, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/5718>. Acesso em: 13 set. 2020.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCB, 1996, p. 41-58. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/djnty/pdf/maio-9788575415177-04.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: história & cultura**, [s. l.], v. 11, n. 22, p. 13-39, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1574> Acesso em: 02 out. 2020.

SILVA, Tomas Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomas Tadeu (org). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73- 100.

TOMAZZONI, Edegar Luis. Análise do discurso turístico da serra gaúcha. **Em Questão**, Porto Alegre: UFRGS, v. 12, n. 2, jun./dez. 2006, p. 339 - 365. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/41> Acesso em: 10 jan. 2022.

VIRTUOSO, José Carlos. *As Dinâmicas de Poder na Apropriação dos Recursos Comuns com recorte no uso da Água na Bacia do Rio Urussanga, sob o enfoque dos Princípios de Ecodesenvolvimento*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC: Criciúma, 2019. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/7072/1/Jos%c3%a9%20Carlos%20Virtuoso.pdf> Acesso em: 13 out. 2020

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina C.; SANTOS; Miriam de Oliveira. **O trabalho como “categoria étnica”**: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975). Caxambu - MG: 32º Encontro Anual Da Anpocs, Gt 25 – Migrações Internacionais, 2008. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/32-encontro-anual-da-anpocs/gt-27/gt25-15/2533-catarinazanini-o-trabalho/file>. Acesso em: 08 nov. 2020.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Historiografia catarinense**: uma introdução ao debate. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 3, n. 1, 2009, p. 52-61. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/428> Acesso em: 02 fev. 2021.

MATERIAIS DIGITAIS

AENOVE empossa nova diretoria. **Nova Veneza Online**, 11 set. 2019. Disponível em: <https://novavenezaonline.com.br/noticias/aenove-empossa-nova-diretoria/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

APRESENTAÇÃO. **Acolhida na Colônia**. s. d. Disponível em: <https://acolhida.com.br/> Acesso em: 13 de fev. 2021.

AUMENTA procura por terrenos como investimento para quem mora no exterior. **Engeplus**, 23 mar. 2021. Economia. Disponível em: <https://www.engeplus.com.br/noticia/economia/2021/aumenta-procura-por-terrenos-como-investimento-para-quem-mora-no-exterior>. Acesso em: 3 jun. 2022.

AROLDINHO Frigo é um dos novos nomes do PSDB para a cadeira na Alesc. **Sulnotícias**. Coluna Política, Redação Sulnotícias. 16 jun. 2021. Disponível em: <https://sulnoticias.com/politica/aroldinho-frigo-e-um-dos-novos-nomes-do-psdb-para-uma-cadeira-na-alesc/16-06-2021/> Acesso em: 03 jun. de 2022.

BAILE de máscaras de Nova Veneza surpreende aos convidados com o espetáculo “As quatro Estações”. **Portal Veneza**, 3 jun. 2018. Categoria: Festa da Gastronomia. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/baile-mascaras-nova-veneza-surpreende-aos-convidados-com-espetaculo-quatro-estacoes/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BORGES, Bruna. Nova Veneza planeja construir um canal para a gôndola: Trajeto idealizado pela Prefeitura tem 400 metros e possibilitará passeio de ida e volta na embarcação. **4oito**: você é feito de conteúdo, 21 mar. 2019. Cotidiano. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/nova-veneza-planeja-construir-um-canal-para-a-gondola-11793>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BORTOLIN, Marciano. “Ponte dei Morosi” é inaugurada em Nova Veneza: o novo ponto turístico promete ser uma grande atração, principalmente para os casais apaixonados. **TNSul**: Tribunal de Notícias Sul, 2016. Nova Veneza. Geral. Disponível em: <https://tnsul.com/2016/geral/ponte-dei-morosi-e-inaugurada-em-nova-veneza/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BORTOLIN, Marciano. Empresários de Nova Veneza projetam o pós-pandemia. **4oito**: você é feito de conteúdo, 17 abr. 2021. Economia. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/empresarios-de-nova-veneza-projetam-o-pos-pandemia-43450>. Acesso em: 3 jun. 2022.

CARNEVALE di Venezia. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Categorias: Cultura e História, e Negócios e Eventos. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/item/carnevale-di-venezia>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CINCATARINA. **Questionário** - Plano Diretor de Nova Veneza, 2021. [Google Formulário]. questionárioDisponível em: https://docs.google.com/forms/d/1VLPSI6xcxIRwyp5lwaEmpHR_jifZb9ZkSy4P4iQRB_o/viewanalytics. Acesso em: 7 dez. 2021.

CINCATARINA. **Metodologia**: Revisão do Plano Diretor de Nova Veneza-SC. Agosto de 2020. Disponível em: <https://planejamentourbano.cincatarina.sc.gov.br/CMS/Media/novaveneza/docs/Material%20Produzido/Metodologia%20de%20Revis%C3%A3o%20do%20Plano%20Diretor%20de%20Nova%20Veneza%20Aprovada.pdf> Acesso em: 21 de out. 2021.

COOFANOVE: Produtos Coloniais. **Portal de Turismo de Nova Veneza**, c2022. Disponível em: <http://inseguro.fecam.org.br/cms/link/link-cabecalho-inseguro/codSite/294/codMapaItem/6277> Acesso em: 13 de fev. 2021.

COOFANOVE. **Coofanove**, c2022. Página inicial. Disponível em: <http://www.coofanove.com.br/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

CONFIRA a programação da “Festa da Fogueira” de São Bento Baixo. **Onde tem balada**: seu guia de baladas, 21 jun. 2018. Disponível em: <https://www.ondetembalada.com/noticia/confira-a-programacao-da-festa-da-fogueira-de-sao-bento-baixo>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FELICIO, Julia. Nova Veneza não terá Festa de São João Batista pelo segundo ano consecutivo. **UNISATC**, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://unisatc.com.br/nova-veneza-nao-tera-festa-de-sao-joao-batista-pelo-segundo-ano-consecutivo/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FERREIRA, Francine. Aenove cobra espaço para discussão do Plano Diretor de Nova Veneza. **Portal Veneza**, 10 ago. 2020. Desenvolvimento. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/aenove-cobra-espaco-para-discussao-do-plano-diretor-de-nova-veneza/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FERREIRA, Francine. JS Empreendimentos expande atuação e chega a Nova Veneza. **Portal Veneza**, 20 maio de 2021. Imóveis. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/js-empreendimentos-expande-atuacao-e-chega-a-nova-veneza/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FERREIRA, Francine. Turistas causam aglomerações na praça central e moradores de Nova Veneza reclamam. **Portal Veneza**, 19 maio 2020. Saúde. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/turistas-causam-aglomeracoes-na-praca-central-e-moradores-de-nova-veneza-reclamam/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

GHELLERE. **Ghellere**, c2022. Página sobre. Disponível em: <https://www.ghellere.com.br/ghellere-1>. Acesso em: 3 jun. 2022.

HOEPERS, Carolina Warmling Ghislandi. **Perfil do LinkedIn**. Disponível em: https://br.linkedin.com/in/carolina-warmling-ghislandi-hoepers-56308646?challengeId=AQHd2qAZJWMTzQAAAYEwymgVUB3octJjUHFF0x15xsSRjr4xQXbaHzkhoPsTOB9w24y_2LRZAa5Zn_lacxcthGU9M7FROXWRvQ&submissionId=c98b7b6b-bc8a-f516-5ddb-98b1991ca65b. Acesso em: 5 jun. 2022.

HOTEL Bormon completa sete anos com excelência e atendimento qualificado. **Visite Nova Veneza**, c2019. Disponível em: <https://visitenovaveneza.com.br/noticias/hotel-bormon-completa-sete-anos-com-excelencia-e-atendimento-qualificado/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

INSTITUCIONAL. **Coofanove** - Nova Veneza/ SC, s. d. Disponível em: <http://www.coofanove.com.br/> Acesso em: 15 de fev. 2021.

IBGE. Tabela 1.1 – População brasileira estimada e recenseada - 1550/2000. Apêndice 1. Evolução da população brasileira – Estatísticas de 500 anos de povoamento. In: IBGE. Brasil 500 anos. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2007. p. 221. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf> Acesso em: 20 fev. 2021.

JESUS, Anderson. Frigo vai apresentar ao Governador projeto de canal navegável para a Gondola. **Sul Notícias**, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://sulnoticias.com/blog-anderson-de-jesus/frigo-vai-apresentar-ao-governador-projeto-de-canal-navegavel-para-a-gondola/18-04-2022/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

LA BELLE Fondue. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Onde comer. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/onde-comer/item/labelle-fondue> Acesso em: 3 de jun. 2022.

MANARIN, Karina. Empresários do setor gastronômico pedem socorro no Sul do Estado. **NDmais**, 15 mar. 2021. Economia SC. Disponível em: <https://ndmais.com.br/economia-sc/empresarios-do-setor-gastronomico-pedem-socorro-no-sul-do-estado/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

MARTINS, André. Cresce a participação do Turismo no PIB nacional: Mercado de viagens já é responsável por mais de 8% da economia no Brasil e gera emprego para cerca de 7 milhões de trabalhadores. Governo Federal: **Ministério do Turismo**. 07/03/2019. Disponível em: <http://antigo.turismo.gov.br/o-que-e-rss/17-ultimas-noticias/12461-cresce-a-participa%C3%A7%C3%A3o-do-turismo-no-pib-nacional.html> Acesso em: 16 de mar. 2021.

MILIOLI, Gustavo. Impasse com a Encantos do Sul prejudica Municípios da Amrec: Instância que compreende o turismo regional está sem presidente e deixa cidades órfãs para viabilizarem recursos nacionais da pasta. **Tnsul**, maio 2021. Política. Disponível em: <https://tnsul.com/2021/politica/impasse-com-a-encantos-do-sul-prejudica-municipios-da-amrec/>. Acesso em: 20 out. 2021.

MINATO, Edio. Acorda Caravaggio. **Portal Veneza**, 28 jan. 2018. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/acorda-caravaggio/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

NETTO, Vitor. A tradicional Romaria em Honra e Festa à Nossa Senhora de Caravaggio. **4oito**: você é feito de conteúdo, 29 maio 2021. Cotidiano. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/a-tradicional-romaria-em-honra-e-festa-a-nossa-senhora-de-caravaggio-44911>. Acesso: 3 jun. 2022.

NOVA Veneza: Panorama - trabalho e rendimento. **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/nova-veneza/panorama>. Acesso em: 3 jun. 2022.

NOVA Veneza – SC. **Caravela**: Dados e Estatísticas. Disponível em: <https://www.caravela.info/regional/nova-veneza---sc>. Acesso em: 3 jul. 2022.

NOVA Veneza promove Semana do Turismo. **Prefeitura de Nova Veneza**, 28 set. 2021. Notícias. Disponível em: <https://www.novaveneza.sc.gov.br/noticia-699023/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

NOVA Veneza / SC. **Estados e Cidades**: informações da população, educação, religião e outros, c2021 - 2022. Disponível em: <https://www.estadosecidades.com.br/sc/nova-veneza-sc.html>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ONDE ficar. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/onde-ficar#> Acesso em: 19 fev. 2021.

O QUE fazer. **Portal de Turismo de Nova Veneza**. Navegar. Categoria: Turismo Rural - Paisagem Rural; Pesque Pague; Produtos Coloniais. Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/categorias/turismo-rural> Acesso em: 06 de jun. 2022.

PREFEITO Rogério Frigo comenta planejamento para os próximos quatro anos em Nova Veneza. **NDmais**, 12 jan. 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/politica-sc/prefeito-rogerio-frigo-comenta-planejamento-para-os-proximos-quatro-anos-em-nova-veneza/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

TRATTORIA Montalccino aposta na fartura da mesa italiana. **Nova Veneza Online**, 3 ago. 2016. Gastronomia. Disponível em: <https://novavenezaonline.com.br/gastronomia/trattoria-montalccino-aposta-na-fartura-da-mesa-italiana/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

TURISMO rural ganhará destaque em Nova Veneza: projeto está sendo desenvolvido por cinco instituições. **4Oito**, Redação, Nova Veneza - SC, 09/11/2017. Disponível em: <https://www.4oito.com.br/noticia/turismo-rural-ganhara-destaque-em-nova-veneza-1431> Acesso em: 13 de fev. 2021.

VÍDEOS do projeto 130 anos, 130 histórias são entregues para famílias de Nova Veneza. **Engeplus**, 18 maio 2022. Geral. Disponível em: <https://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2022/videos-do-projeto-130-anos-130-historias-sao-entregues-para-familias-de-nova-veneza>. Acesso em: 5 jun. 2022.

LEIS

BRASIL. Decreto nº 528, de 28 de Junho de 1890. Manoel Deodoro da Fonseca e Francisco Glicerio. Sala das sessões do Governo Provisório, 28 de junho de 1890, 2º da República. Coleção de Leis do Brasil - 1890, Página 1424 Vol. 1 fasc.VI (Publicação Original). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Regularisa%20o%20servi%C3%A7o%20da%20introduc%C3%A7%C3%A3o,dos%20Estados%20Unidos%20do%20Brasil.&text=3%C2%BA%20A%20policia%20dos%20portos,como%20dos%20mendigos%20e%20indigentes>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os Arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2001]. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10257&ano=2001&ato=39fATQU5kMNpWT905>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BRASIL, **Lei Nº 10.683, de 28 de maio de 2003**. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e dá outras providências. Brasília, 28 de maio de 2003a; Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/2003/L10.683impressao.htm Acesso em 20 de set. 2020.

BRASIL. **Lei n ° 13.678, de 13 de junho de 2018.** Confere ao Município de Nova Veneza, no Estado de Santa Catarina, o título de Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana. Brasília, 13 de junho de 2018; Michel Temer. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13678.htm Acesso em 10 de jan. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo** - Roteiros do Brasil: *Ação Municipal para a Regionalização do Turismo*. / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007a. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/roteiros_brasil/acao_municipal_para_a_regionalizacao_do_turismo.pdf Acesso em: 14 de mai. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo** - Roteiros do Brasil: *Introdução à Regionalização do Turismo* / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007b. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/roteiros_brasil/introducao_a_regionalizacao_do_turismo.pdf Acesso em: 14 de mai. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo** - Roteiros do Brasil: *Módulo Operacional 3: Institucionalização da Instância de Governança Regional* / Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007c. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/roteiros_brasil/institucionalizacao_da_instancia_de_governanca_regional.pdf Acesso em: 14 de mai. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional do Turismo 2003/2007:** Diretrizes, Metas e Programas. Brasília, 2003b. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/plano_nacional_turismo_2003_2007.pdf Acesso em 20 de set. 2020.

BRASIL. **Projeto de Lei n 2.042 - B, de 2015.** Confere ao Município de Nova Veneza o título de “Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana”; tendo parecer: da Comissão de Cultura, pela aprovação (relator: Dep Tadeu Alencar); e da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, pela constitucionalidade, juridicidade e técnica legislativa (relator: Dep. Betinho Gomes). 23 de junho de 2015. Geovânia de Sá. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=2DECF5B9B8A59DF794FD720DA65D72E7.proposicoesWebExterno2?codteor=1593190&filenome=Avulso+-PL+2042/2015 Acesso em: 10 de jan. 2021.

SANTA CATARINA. Lei nº 12.789, de 16 de dezembro de 2003. Reconhece o Município de Nova Veneza como Capital Catarinense da Gastronomia Italiana. Florianópolis, 16 de dezembro de 2003. EDUARDO PINHO MOREIRA. Governador do Estado, em Exercício. Disponível em: http://leis.alesec.sc.gov.br/html/2003/12789_2003_Lei.html Acesso em 10 de jan. 2021.

SANTA CATARINA. **Lei nº 14.367, de 25 de janeiro de 2008.** Dispõe sobre o Conselho Estadual de Turismo, o Conselho Estadual de Cultura e o Conselho Estadual de Esporte e estabelece outras providências. Florianópolis, 25 de janeiro de 2008. Disponível em: http://leis.alesec.sc.gov.br/html/2008/14367_2008_Lei.html#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.367%2C%20de%2025%20de%20janeiro%20de%202008&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Conselho%20Estadual,Esporte%20e%20estabelece%20outras%20provid%C3%Aancias. Acesso em: 20 de set. 2020.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 2080, de 3 de fevereiro de 2009.** Regulamenta a Lei Nº [13.792](#). Estabelece Políticas, Diretrizes e Programas Para a Cultura, o Turismo e o Desporto no Estado de Santa Catarina e estabelece outras providências. Florianópolis, 3 de fevereiro de 2009. Disponível em: [Decreto 2080 2009 de Santa Catarina SC](#) Acesso em: 20 de set. 2020.

SANTA CATARINA. **Plano de Desenvolvimento Regional de Turismo do Estado de Santa Catarina região Encantos do Sul.** In: Plano de Desenvolvimento Regional de Turismo do Estado de Santa Catarina. 2010/2020. (apoio: Ministério do Turismo, Funturismo, Secretaria do Estado de Desenvolvimento Regional, Santur, Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e esporte e Governo do Estado de Santa Catarina). Florianópolis, 2010.

NOVA VENEZA. **Lei nº 1360, de 15 de junho de 1998.** Cria o Conselho Municipal de Turismo. Nova Veneza, 15 de jun. 1998. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/n/nova-veneza/lei-ordinaria/1998/136/1360/lei-ordinaria-n-1360-1998-cria-o-conselho-municipal-de-turismo?q=CONSELHO%20MUNICIPAL%20DE%20TURISMO> Acesso: 22 de set. 2020.

NOVA VENEZA. **lei nº 2.727, de 18 de outubro de 2019.** Altera a lei municipal nº [2.692](#), de 10 de maio de 2019, que cria o Conselho Municipal de Turismo de Nova Veneza - COMTUR, e dá outras providências. Nova Veneza, 18 de out. 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/n/nova-veneza/lei-ordinaria/2019/273/2727/lei-ordinaria-n-2727-2019-altera-a-lei-municipal-n-2692-de-10-de-maio-de-2019-que-cria-o-conselho-municipal-de-turismo-de-nova-veneza-comtur-e-da-outras-providencias?q=CONSELHO%20MUNICIPAL%20DE%20TURISMO> Acesso em: 20 de set. 2020.

NOVA VENEZA, SC. **Lei nº 1706, de 10 de dezembro de 2004.** Dispõe sobre o desenvolvimento urbano de Nova Veneza - Plano Diretor Urbano (Redação dada pela Lei nº 2030/2010). Nova Veneza, SC: Câmara Municipal [2004]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-nova-veneza-sc>. Acesso em: 3 jun. 2022.

NOVA VENEZA, SC. **Lei nº 2767, de 28 de fevereiro de 2020.** Ratifica o protocolo de intenções do consórcio interfederativo santa catarina – CINCATARINA, e dá outras providências. Nova Veneza, SC: Câmara Municipal, [2020]. Disponível em: <https://www.cvnv.sc.gov.br/proposicoes/Lei/2020/4/0/6736>. Acesso em: 3 jun. 2022.

NOVA VENEZA, SC. **Lei nº 2767, de 28 de fevereiro de 2020.** Ratifica o protocolo de intenções do consórcio interfederativo santa catarina – CINCATARINA, e dá outras providências. Nova Veneza, SC: Câmara Municipal, [2020]. Disponível em: <https://www.cvnv.sc.gov.br/proposicoes/Lei/2020/4/0/6736>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ENTREVISTA ORAL

BORTOLUZZI, Susan. [Entrevista concedida a] Egar Preis Junior. Nova Veneza, 11 de setembro de 2017.

REFERÊNCIA DE IMAGENS

CIDADES e Estados: Nova Veneza - SC. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/nova-veneza.html> Acesso em: 10 jan. 2022.

CANAL da Gôndola. Canal: **Tribuna de Notícias.** 19 de abr. de 2022. [1:28 min.]. Disponível em: <https://youtu.be/Czw4D5e7MoY>. Acesso em: 30 abr. 2022.

GÔNDOLA Lucille. **Portal de Turismo de Nova Veneza.** Disponível em: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/item/gondola-lucille>. Acesso em: 16 set. 2021.

IBGE divulga as estimativas da população dos municípios para 2019. **Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC)**, 29 ago. 2019. Notícias. Disponível em: <https://www.amrec.com.br/noticias/index/ver/codNoticia/571993/codMapaItem/42508> Acesso em: 10 jan. 2022.

PRANDI, Jair. Nova Veneza SC: 20 Pontos Turísticos - Nova Veneza é um pequeno pedaço da Itália no Sul de Santa Catarina. **Viagens e Caminhos.** Sem data. Disponível em: <https://www.viagensecaminhos.com/2020/09/nova-veneza-sc.html>. Acesso em: 13 nov. 2021.

SANTUR atualiza o Mapa de Turismo de SC: veja as 13 regiões. **Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina – SANTUR**, 25 out. 2019. Disponível em: http://santur.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5111:santur-

[lanca-mapa-do-turismo-atualizado-com-13-regioes&catid=22&Itemid=397](#)
em: 10 abr. 2021.

Acesso